



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



André Luiz De Biagi-Borges

A POÉTICA DO DESENHO EM TERAPIA DE CASAL

UBERLÂNDIA

2013



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



André Luiz De Biagi-Borges

A Poética do Desenho em Terapia de Casal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera

UBERLÂNDIA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B576p
2013 Biagi-Borges, André Luiz De, 1957-
A poética do desenho em terapia de casal / André Luiz De Biagi-
Borges. -- 2013.
167 f. il.

Orientador: Emerson Fernando Rasera.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Psicoterapia conjugal - Teses. I. Ra-
sera, Emerson Fernando. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



André Luiz De Biagi-Borges

A Poética do Desenho em Terapia de Casal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera

Banca Examinadora

Uberlândia, 30, de agosto de 2013.

Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera
Orientador (UFU)

Prof^a. Dra. Rosana Lazaro Rapizo
Examinadora

Prof^a. Dra. Eliane Regina Pereira
Examinadora

Prof^a. Dra. Carla Guanaes Lorenzi
Examinadora Suplente

A terapia de casal influenciada pelo discurso do construcionismo social, em sua multiplicidade teórica, enfatiza o uso da linguagem como construtora de realidades, porém, tipicamente, restringe seu interesse aos recursos da linguagem verbal, dedicando pouca atenção a outras formas linguísticas. Considerando possível contribuir com esse conhecimento, propomos a inclusão do desenho como recurso linguístico das práticas terapêuticas, ampliando o entendimento do uso da linguagem em uma ação conjunta responsiva-relacional de construção de sentidos. Assim, este estudo tem por objetivo compreender os processos relacionais de coconstrução de sentidos mediante a criação do desenho, no contexto de Terapia de Casal, buscando, especificamente, analisar as implicações da utilização do desenho na construção de narrativas de mudança de si e da relação conjugal. A pesquisa foi realizada por meio da vídeo-gravação do atendimento de três casais, em 10 sessões semanais, no contexto de uma clínica social. A análise dos dados, fundamentada na versão construcionista da poética social, incluiu as transcrições de todas as sessões, seguidas de leituras que possibilitaram a identificação de diferentes usos do desenho. A partir da análise dos desenhos produzidos pelos três casais, identificamos o desenho como recurso criativo para: (a) viabilizar a conversa dificultada pela tensão; (b) sinalizar o foco e a seleção da conversa oscilatória; (c) explorar o ainda não dito na conversa; (d) fortalecer as descrições e narrativas criadas na conversa e (e) sintetizar o processo avaliatório. A análise detalhada do processo terapêutico de um dos casais, o qual apresentou maior variação de elementos trabalhados referentes aos aspectos individual e conjugal, mostrou que a prática do desenho na terapêutica conjugal cria contextos participativos, nos quais os cônjuges puderam sentir-se seguros para o engajamento no processo criativo, com possibilidades inventivas de um 'vir a ser' desejável e satisfatório. Dessa forma, o

desenho configurou-se em recurso propiciatório para trazer vida ao uso da palavra, bem como promotor de outras formas de falar libertadoras do cativeiro dos modos usuais, normatizados dentro das relações humanas. Na terapia de casal, o desenho é possível como uma nova parte de nossa linguagem que incorporada à usual, dentro dela, permitirá a aprendizagem de novos gestos e a produção de novos sentidos.

Palavras-chave: Desenho; Terapia de Casal; Poética social.

ABSTRACT

Couple therapy, influenced by the discourse of social constructionism in its theoretical multiplicity, emphasizes the use of language as the builder of reality. However, it typically restricts its interest to the resources of verbal language, devoting little attention to other linguistic forms. Considering the possibility of contributing to this knowledge, we propose the inclusion of drawings as a language resource for therapeutic practices, increasing the understanding of the use of the language in a responsive-relational joint action for construction of meanings. Thus, this study aims at understanding the relational processes of meaning co-construction through the creation of drawings, in the context of Couple Therapy, seeking, in a special way, to analyze the implications of the use of drawings in the construction of change narratives of oneself and the marriage relationship. The study was carried out by way of video recordings of the therapy sessions of three couples, in 10 weekly sessions in a social clinic context. The analysis of the data, based on the constructionist version of social poetics, included transcripts of all sessions, followed by readings that allowed for the identification of different uses of the drawings. From the analysis of the drawings produced by the three couples, we identified drawing as a creative resource to: (a) facilitate conversation hampered by tension, (b) signal focus and selection of oscillatory conversation, (c) explore what has not yet been said in conversation, (d) strengthen the descriptions and narratives created in conversation and (e) summarize the assessment process. The detailed analysis of the therapeutic process of one of the couples, which presented a greater variation of elements referring to individual and marital aspects, showed that the practice of drawing in marital therapy creates participatory contexts in which spouses could feel safe to engage in the creative process, with inventive possibilities of one 'coming to be' desirable and satisfying. In this way, the drawings became a propitiatory resource in bringing life to the use of the

word, as well as promoting other forms of speech, freed from the captivity of the usual modes, normalized within human relationships. In couple therapy, drawings are possible as a new part of our language which incorporated with the usual and within the same, allows for the learning of new gestures and the production of new meanings.

Keywords: Drawings, Couple Therapy, Social Poetics.

Tabela 1	Usos do desenho no processo terapêutico	p. 77
-----------------	---	-------

Casal 1 Écio & Bia

Desenhos:	Títulos:	
C1.1a – Écio	Terapia	p. 80 e p. 117
C1.2a – Bia	O que é maior é melhor mas ainda não é percebido ...	p. 80 e p. 120
C1.2a – Écio	Vida	p. 94 e p. 125
C1.2b – Bia	Melhores momentos	p. 94 e p. 123
C1.3a – Écio	Espasmo	p. 82 e p. 132
C1.3b – Bia	Conflito	p. 82 e p. 132
C1.4a – Écio	A reflexão	p. 99 e p. 136
C1.4b – Bia	O Caminho	p. 99 e p. 138

Casal 2 Dante & Carla

Desenhos:	Títulos:	
C2.1a – Dante	Um sonho de uma casa	p. 86
C2.1b – Carla	Sentimentos em um relacionamento	p. 86
C2.2a – Dante	Preciso de um coração aberto!	p. 89
C2.2b – Carla	O tapete de duas máscaras	p. 89
C2.3a – Dante	O sonho, o tempo!	p. 100
C2.3b – Carla	Vidas e vindas	p. 100
C2.4 – Dante e Carla	Nossa casa, nosso jardim e nosso pé de coco	p. 101

Casal 3

Ciro & Dany

<i>Desenhos:</i>	<i>Títulos:</i>	
C3.1a – Ciro	Obstáculos do amor	p. 91
C3.1b – Dany	A história de minha vida	p. 91
C3.2a – Ciro	Flores	p. 95
C3.2b – Dany	Concretizando sonhos	p. 95
C3.3a – Ciro	Corações distantes	p. 96
C3.3b – Dany	Os pensamentos negativos	p. 96
C3.4a – Ciro	Etapas da união	p. 103
C3.4b – Dany	A evolução	p. 103

1. Apresentação	13
2. Introdução	21
2.1 O casamento como ideologia sócio-histórica	21
2.2 Construindo uma terapia para o casal	35
2.3 O desenho na Terapia de Casal	46
3. Trajetória metodológica	64
3.1 Poética Social	64
3.2 Objetivo	68
3.3 Contexto e participantes	68
3.4 Construção do corpus	70
3.5 Análise do corpus	72
3.6 Considerações éticas	73
4. Resultados	75
4.1 Os usos do desenho	76
4.1.1 Promover a conversa inviabilizada pela tensão	78
4.1.2 Sinalizar o foco e a seleção da conversa	83
4.1.3 Explorar o ainda não-dito na conversa	87
4.1.4 Fortalecer descrições e narrativas na conversa	92
4.1.5 Sintetizar o processo avaliatório	97
4.2 O casal limitado pela linguagem	106
4.2.1 Abrindo diálogo sobre a queixa	108
4.2.2 A perspectiva individualizante dos cônjuges	109
4.2.3 Construindo a cumplicidade conjugal	113
4.2.4 Dando voz à possibilidade de separação conjugal	116

4.2.5 A legitimação recíproca entre os cônjuges	122
4.2.6 O sentido da estagnação relacional	131
4.2.7 Os desenhos dentro do desenho	135
4.2.8 Finalizando o processo	139
5. Considerações finais	144
5.1 Conversações sobre o uso do desenho	144
5.2 Conversações sobre os efeitos da poética social	148
5.3 Conversações sobre ser terapeuta-pesquisador	152
6. Referências	157
7. Anexos	162
8. Apêndices	165

1 APRESENTAÇÃO

*“A imagem a nós oferecida pela leitura do poema, agora se torna realmente nossa. Ela se enraíza em nós. Ela nos foi dada por um outro, mas começamos a ter a impressão de que poderíamos tê-la criado, que deveríamos tê-la criado. Torna-se um novo ser em nossa linguagem, expressa-nos por fazer de nós o que ela exprime; em outras palavras, é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser. Aqui, a expressão cria o ser”. (Gaston Bachelard, *The poetics of space*, 1992, p. xix).*

*“Tudo o que pode pensar a respeito de sua infância é bom. Tudo o que o torna algo ‘mais’ do que foi até agora em suas melhores horas é bom. Toda intensificação é boa, quando está em ‘todo’ o seu sangue, quando não é turva e ebriedade, mas alegria cujo fundo se vê. Compreende o que quero dizer?” (Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, 1964, p.72).*

As histórias são, de alguma forma, criadas a partir de experiências significativas de vida. Todos temos histórias! Somos todos formados por elas. Contamos histórias sempre, compartilhamos histórias; nossas histórias. Ouvidas... apreendidas..., inventadas... vividas. Das muitas histórias entrelaçadas constitutivas do meu repertório, elejo aquelas que me orientaram até aqui. A sua urdidura traz, rápida e prazerosamente, as imagens da infância, para as quais, durante este relato, preciso voltar os olhos e respeitosamente reverenciar, posto estarem repletas de elementos essenciais na construção do meu jeito de ver o mundo, da minha estética de vida e dos meus caminhos. Elementos estes que, certamente, nortearam valores, princípios e buscas e que se presentificaram lá, naqueles quintais da minha infância, a partir dos quais constato o nascedouro do ato criativo.

Naturalmente, eu me descobria curioso para as formas e as cores dos elementos do meu cotidiano infantil, o que faziam de mim um observador atento do entorno próximo. Considerar estas experiências hoje significa lembrar-me do meu olhar capturado pelo matiz lilás-azulado das hortênsias que coloriam a entrada da casa, pelos tons de verde das árvores, pelas cores atraentes das frutas, pelas formas divertidas e brincalhonas dos troncos, das pedras, das nuvens... Neste universo havia muitos vermelhos e, creio que pelo fato de ganharem diferentes sentidos, eu costumava dizer que eram ‘vermelhos de todas as cores’. Assim, a beleza da carne

vermelha das goiabas, faziam delas mais que frutas saborosas, faziam delas uma fruta vermelha, algo diferente de tantos outros vermelhos. Tinha o vermelho dos limões-china, o vermelho da terra morna do sol e da terra nas sombras das árvores; o vermelho do chão de cimento encerado da casa e das penas do galo que mais eram de um vermelho-amarronzado, tal qual o das formigas-ruivas. Tinha o vermelho do vinho que misturado com a água e o açúcar era, vez ou outra, permitido às crianças. E de tanto fazer ‘arte’ – o modo como eram chamadas as incansáveis travessuras – eu ganhava o vermelho dolorido que minava dos cortes no corpo, causando algumas cicatrizes.

Estimulado por tais lembranças recio as cores do pão assado, do bolo, dos doces, lindas cores, que eu, antes, comia com os olhos. Eram bonitos de se ver aqueles figos cristalizando-se ao sol. Mas havia muito mais... Taturanas, gatos, galinhas, lagartos, lagartixas, ovos, borboletas, aleluias, vaga-lumes, espinhos de laranjeira, musgos, água de chuva, pega-pega, barro e frutos variados. Eram quintais que ficavam enormes, encantados, mágicos, onde as histórias ganhavam força e tudo se tornava possível.

Percebo o quanto esses elementos estiveram presentes nas minhas brincadeiras, nos teatrinhos improvisados e nos brinquedos que eu confeccionava artesanalmente, o quanto coloriam as histórias que eu inventava e contava. Depois vieram os desenhos com os primeiros lápis coloridos, eu podia desenhar e pintar o que via. Eu me sentia nutrido com um pouco de tudo isso.

Também vieram as dúvidas, muitas perguntas, indecisões, muitos tropeços, muitas *iniciações* pela travessia afora. Eram variadas as experiências vividas que se juntavam, umas às outras, e expandiam o meu caminho, mas não faziam eco quanto à escolha profissional. Eu sabia da beleza naquele amontoado de informações, mas também da angústia que causava por não conseguir achar o fio que me tirasse dali e me conduzisse a um lugar onde toda aquela vivência pudesse ser útil na construção de algo importante e sólido, que viabilizasse a mudança e o crescimento e que, de

alguma forma, pudesse ser incorporada à prática profissional. Às vezes, nada fazia sentido e tudo parecia pequeno, raso. Atraquei-me, então, numa luta íntima à medida que me enfrentava em vários combates. Corri riscos. Desejei esquecer tudo. Mas não desisti; eu precisava atravessar o portal que me revelasse a luz. Assim se fez. A luta, com vagar e rigor, transmutava-se em diálogos, por meio dos quais crescia o entendimento sobre mim mesmo. Olhava-me no espelho e via a criança que, temerosa, mas cheia de vontade, começava a erguer-se em direção à sua ventura, com passos difíceis, porém decisivos. Era uma corda bamba que eu precisava atravessar. Um desafio. De novo mirava-me no espelho, era como se em seguida começasse um outro desenho, de traços firmes e singulares, dando forma às experiências então internalizadas. Outras vozes compunham a minha história e atento a elas conectei-me à minha origem indígena que, de imediato, conciliou-se com meu gosto precoce pelas cores e formas de outrora. Assim, minhas questões iam se organizando em respostas relevantes e satisfatórias e eu encontrava o nome para aquelas experiências que até então não eram de todo inteligíveis.

A redescoberta de minhas origens significou conectar-me a raízes fortes de homens que se pintavam com o vermelho do urucum, com o barro da terra. Os vermelhos da minha infância tinham agora um sentido novo, especial, transcendente. Eu era índio. Portas se abriam rumo à minha identidade, ao estar vivo no mundo de agora, ao meu jeito novo de saber das vivências antigas. Eu possuía a chave. Resignificar minhas histórias era como desenhá-las no corpo, assim como é próprio de um índio. Elas faziam-me ganhar força e voz. Com efeito, não só pude estabelecer uma relação entre diferentes estágios do vivido, mas ordenar as riquezas existentes daquele emaranhado inicial e celebrar o meu enredo. Eram cenas preciosas que tomavam seus lugares no meu sistema de compreensão, elementos que se revelavam férteis na composição do meu ofício. Agora eu podia respirar; minha escolha profissional pulsava em vermelho vivo. O caminho adquiria vida nova e própria.

Foi, portanto, conhecendo e apropriando-me de minhas histórias que eu entendi o quanto eu queria dedicar-me ao cuidado do outro, ouvindo suas histórias e, a partir delas, auxiliar na construção de caminhos novos, que pudessem adquirir outros tons, outros modos de vida. Ao longo dessa jornada tive enfrentamentos, frustrações e acertos ao experimentar várias vertentes, buscando o artífice (no mais completo sentido que o termo alcança) que eu então poderia ser. Assim, iniciei meu caminho profissional graduando-me em Comunicação Social (FIUBE/Ura) e insatisfeito, tive, alguns anos mais tarde, a oportunidade, de fazer a Formação Holística de Base na UNIPAZ, em Brasília/DF, o que me motivou a decisão de uma carreira coerente com meu propósito de vida. Para tanto, especializei-me em Terapia de Família e Casal na abordagem sistêmica (ITFS/SP) e em Arteterapia (POMAR/RJ e FIZO/SP). Esse processo, num momento, foi de grandes revelações acerca de mim mesmo; e noutro, de síntese. Foi um trabalho atento de puxar o fio da dimensão criadora, do saber internalizado por meio das histórias vividas, para o rumo desejado, de modo a fazê-lo expandir-se ativamente dentro de um objetivo crítico e amadurecido. Agora eu sentia-me capaz de dar forma e sentido novo àquela experiência; ressignificando-a, redimensionando-a em prol do meu propósito profissional, na construção do *ser* profissional. Fui convidado a penetrar na dimensão humana de forma mais aprofundada, inteira e inventiva. Visitei instâncias minhas com olhar de observador e aprendiz. Entendia; o ofício de cuidar do outro implicava em, primeiramente, cuidar de mim mesmo. Integrei os vários saberes mediante uma ação fecunda, contextualizada a partir de uma perspectiva de desenvolvimento profissional.

Segui os anos dedicando-me à clínica da família e do casal e, mais recentemente, ao campo da 'ensinagem' como formador e supervisor em Terapia de Família e Casal. A utilização de recursos do fazer criativo, sobretudo o desenho, adotados nos atendimentos, bem como nas aulas, tem me possibilitado ampliar os sentidos e concentrar meus esforços numa atenção plena à escuta das histórias

narradas. Exerço uma escuta de aprendiz que busca apreender não só o conteúdo do discurso, mas, para além dele, algo que não é expresso ou não declarado explicitamente, ainda que esteja lá, subjacente, nas entrelinhas. Assim, a linguagem do desenho me permite chegar mais perto do outro.

Constato, a cada reflexão, que por meio do ‘encontro’ se constrói a relação e que esse ‘encontro’ se torna significativo à medida que se estabelece o diálogo nos níveis verbal e não verbal. Portanto, clarifica-me a concepção de que a partir da relação dialógico-criativa conecta-se com o metafórico, com o imaginário e o imagético. Este espaço cocriado pelo terapeuta e o cliente está, potencialmente, impregnado de criatividade e desejo de mudança, um princípio que eu entendo nortear o meu ofício.

Inquieto, acessei outras vozes do fazer terapêutico que, fertilmente, trouxeram questionamentos, mediante os quais percebia que minhas histórias careciam de elementos novos para se ampliarem e ganharem sentidos atualizados. Não bastariam respostas e compreensão no nível cognitivo; seria preciso abrir-me à novidade e desapegar-me de conceitos cristalizados. Esta perspectiva possibilitaria pensar velhos ideários sob um olhar vanguardeiro. Associei idéias, enveredei-me para novas imagens; outras invenções! Ali despontava um relevante, porém discreto convite, dizendo respeito ao *como* praticar o ofício de ser terapeuta de família/casal na contemporaneidade em que, para além da aquisição de uma técnica ou da aprendizagem metodológica, seria preciso se inteirar de referenciais teóricos consistentes, que trouxessem uma dimensão mais humanizadora para a prática profissional, como também para o amadurecimento de atitudes em nível pessoal e social, banindo do sistema de crenças o ranço da lógica mecanicista. Portanto, um compromisso ético para quem deseja cuidar do outro no campo da saúde mental.

Foi com esta expectativa que me inseri na contextura Construcionista Social, a qual descobri acolhida e confirmada, em várias de suas versões, no campo da Terapia Familiar. A partir de então, conectei-me com uma ética pós-moderna,

engajada em uma perspectiva tanto menos essencialista, quanto mais pluralista; menos redutiva, mais libertadora; menos patologizante e culpabilizante, mais capacitante e responsiva.

A produção destas idéias estimula-me, e remete-me a antigas escutas internalizadas, vindas dos tempos da Formação como terapeuta e que lá permaneceram, aguardando, até então, enquanto explorava o processo relacional entre as partes e o seu todo abordado na perspectiva sistêmica. Uma aprendizagem que agora ganha sentido e corpo, suscitando-me o desejo de pesquisar acerca de questões implícitas na temática, rever e refazer a rota da minha ação profissional.

A experiência como formador e supervisor e da prática clínica, conduziam-me a outras instâncias do conhecimento, quando, então, tive a grata oportunidade de participar de um programa de aprimoramento em Terapia Narrativa, ministrado em Salvador/BA, no período de dois anos, por professores do Dulwich Center da Austrália, que também oportunizou conhecer as ricas experiências compartilhadas pelos profissionais do campo da família vindos de várias partes do país. A utilização do desenho denominado de “A Árvore da Vida” na prática Narrativa reforçava o convite ao aprofundamento dos estudos sob as lentes do Construcionismo Social. Este desenho, desenvolvido para auxiliar crianças infectadas pelo HIV na África Austral, tornou-se uma ferramenta popular e útil no trabalho com crianças vulneráveis, possibilitando-lhes reconstruir suas histórias de forma a resgatar-lhes a dignidade e fortalecer-lhes as relações com a própria cultura e com as pessoas mais significativas de suas vidas. Vi ali, novos caminhos possíveis para a legitimação do que eu, sustentado por outras abordagens, vinha desenvolvendo na clínica da família e do casal.

Desde então, me sinto motivado a entender o processo de construção de sentidos mediante utilização do desenho em Terapia de Família e Casal, na perspectiva Construcionista Social. Imbuído deste espírito ingressei no Mestrado e deparando-me com a escassez de pesquisas empíricas sob a ótica narrativa, na

literatura brasileira, me propus, com esta investigação, a contribuir com a produção do conhecimento na área, a partir da linguagem criativa do desenho.

Mais especificamente, este trabalho convida-me ao estudo sistemático da própria prática, em um contexto microssocial sobre o manejo da linguagem gráfica do desenho, numa dimensão criativo-reflexiva, constituindo, assim, um recurso de produção de conhecimento, fundamentado no sócio construcionismo, bem como uma abertura ao diálogo com a comunidade de terapeutas de família e casal. Dessa forma, espero apontar os desafios enfrentados, as contribuições, assim como novos desenvolvimentos necessários no aperfeiçoamento dessas orientações a respeito do uso do desenho sob a perspectiva construcionista.

É preciso observar que a escolha do participante – o casal – se justifica, seja pelo envolvimento profissional/clínico deste pesquisador; seja pela complexidade e atualidade desse modo relacional permeado pelos desafiantes temas concernentes à pós-modernidade.

A narrativa desta empreitada se compõe e se torna efetiva com a hábil orientação do Prof. Dr. Emerson Fernando Rases, personagem fundamental desta história, sem o qual o empreendimento em tal conjuntura não seria possível. É justo registrar que o seu comprometimento com a produção de conhecimento, pautada no Construcionismo Social, tem enriquecido este campo do saber, bem como promovido o diálogo na comunidade científica dedicada ao estudo das terapias pós-modernas.

Servindo-me, portanto, de minhas histórias e seus atores, narro, neste primeiro capítulo, o caminho pessoal percorrido e sua interconexão com o ofício da profissão, os quais foram decisivos na escolha do objeto desse estudo, para então, discorrer sobre a influência teórica que me mobilizou para a realização da pesquisa.

No segundo capítulo, é realizada uma breve reflexão sobre a construção sócio-histórica do casal e do casamento; seguida de uma apresentação concisa da Terapia de Casal e da Terapia Narrativa; finalizando com o argumento sobre a utilização do desenho no processo terapêutico. O tema do casamento, ao qual está

implícita a construção do indivíduo, é tratado desde o processo civilizatório e, passa por importantes mudanças conceituais e pragmáticas, cuja contextualização faz-se importante para o entendimento da relação conjugal contemporânea. Na mesma medida de importância, destacamos brevemente um histórico da Terapia de Casal e propomos uma perspectiva engajada à prática pós-moderna da Terapia Narrativa, associada ao uso do desenho como linguagem facilitadora na construção de novos sentidos de si e da relação conjugal.

O capítulo seguinte, terceiro, é dedicado à descrição do objetivo deste estudo e do método de trabalho, cujo fundamento no Construcionismo Social de Shotter – a poética social – evidencia o contexto microsocial na investigação do espaço relacional, dando visibilidade aos processos discursivos e relacionais de produção de sentidos. Destacamos ainda, neste capítulo, a descrição do contexto e dos participantes, os procedimentos adotados para a construção e para a análise do corpus e as apreciações éticas necessárias que garantissem o desenvolvimento desta pesquisa.

No quarto capítulo, são apresentados os resultados alcançados, os quais estão divididos em duas partes complementares, sendo na primeira descritos os usos do desenho em contexto terapêutico, identificadas mediante as análises das transcrições das sessões, e na segunda, é apresentado o estudo analítico detalhado de extratos das sessões de um dos casos atendidos, buscando entendimento sobre os efeitos da linguagem do desenho em determinados momentos do processo.

No capítulo final, são apresentadas as considerações finais sob o aspecto da inclusão do desenho em circunstâncias terapêuticas, dos efeitos da poética social e das implicações de o pesquisador exercer conjuntamente a função de terapeuta.

2 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, os relacionamentos foram sempre um tema instigante, merecedor de inúmeras pesquisas, visto ser na relação com o outro que o homem se faz e se reconhece e se humaniza; a partir daí constrói sua história, pois que “somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o ‘homem no homem’ para outros e para si mesmo” (Bakhtin, 2010, p. 292). De acordo com Koellreutter (1990, pp. 2-3), “o homem não nasce como homem, mas sim como ser vivo com potencialidades humanas. O homem torna-se homem em virtude de relacionamentos vitais na sociedade”. De tais relacionamentos distingue-se o estabelecido pelo matrimônio cuja original e complexa constituição tem tido um lugar de destaque, na era contemporânea, à medida que a humanidade elege uma vez que, a humanidade tem elegido esta forma de união como fundamental ao seu bem estar biopsicossocial.

O casamento na sociedade ocidental contemporânea tem, cada vez mais, sido mantido por uma questão afetivo-amorosa, ao contrário de tempos passados, quando esta união se justificava pela predominância de conveniências sociais, financeiras e culturais, bem como pela função procriadora. Portanto, diante das constantes mudanças que se impõem às relações conjugais, seus novos arranjos, sua problemática e complexidade, considera-se importante uma breve atenção sobre a construção sócio-histórica da ideologia matrimonial.

2.1 O CASAMENTO COMO IDEOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

O aparato ideológico sobre o qual se constitui o casamento aponta fatores históricos relevantes produzidos pelas eras moderna e pós-moderna, aqui contextualizados a partir de uma perspectiva sociológica referente à aliança conjugal

amorosa e à concepção de indivíduo nela implícita, acrescidas de suas implicações na dinâmica do casal, ora habitante desse período transicional.

Enfrentando os desafios intercorrentes do contexto sócio-histórico, o casal se organizou socialmente e adquiriu visibilidade há menos de dois séculos. Porém, para examinar os processos pelos quais gerou sua legitimação, vale destacar em princípio que, no mundo ocidental antigo, antes do casal e em detrimento a sua consideração, a família usufruía de um lugar convenientemente privilegiado (Fuks, 2008), embora historicamente seja muito provável, conforme sugere Arendt (2009, p. 38), que o advento da “cidade-estado da esfera pública tenha ocorrido à custa da esfera privada da família e do lar”. Contudo, estes foram preservados e, ganhando caráter de santidade, a família jamais foi inteiramente esquecida, dado que, ao homem era permitido participar dos negócios do mundo desde que tivesse nele algum lugar que lhe pertencesse, carecia-lhe ser dono de sua casa, ou seja, o homem para ser livre e participar da esfera pública necessitava “ter” uma família, seu ambiente privado. Fundamentalmente, foi este o fato que cerceou a *polis*¹ de violar as vidas privadas dos seus cidadãos e que “a fez ver como sagrados os limites que cercavam cada propriedade, e não o respeito pela propriedade privada tal como a concebemos” na atualidade (Arendt, p. 39).

Evidencia-se, portanto, de forma definitiva, a divisão entre as esferas pública, conferida à *polis*, e privada, atribuída ao âmbito da família, as quais correspondiam, respectivamente às atividades pertinentes a um mundo comum e àquelas pertinentes à manutenção da vida. De fato, configuram-se aqui as vidas pública ou política, porque referente ao Estado e privada como entidades diferentes e separadas. Participar da esfera pública/política equivalia a ser livre, viver entre pares e lidar somente com eles. Aos desiguais, sempre a maioria da população, não era conferida

¹ *Polis* do grego *pólis*, significando *cidade* ou *cidade-estado*, a qual surgiu no século VIII a.C., nas comunidades gregas, estabelecendo um modo de vida urbano, base da civilização ocidental.

a liberdade, uma vez que se moviam numa esfera constituída pelo governo e pelos governados. Desta forma,

A *polis* diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer “iguais”, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. Assim, dentro da esfera da família, a liberdade não existia, pois o chefe da família, seu dominante, só era considerado livre na medida em que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera pública, onde todos eram iguais (Arendt, 2009, pp. 41-42, grifo da autora).

A conformidade natural da família era compelida pela necessidade, a qual se sobrepunha a todas as atividades exercidas no lar, onde ao homem cabia o abastecimento de alimentos (manutenção do indivíduo) e à mulher, o parto (sobrevivência da espécie). A vida homogênea da *polis*, ao contrário, constituía-se o âmbito da liberdade. Em existindo uma possibilidade de relação entre essas duas esferas, esta se configura pela hegemonia sobre as necessidades da vida em família constituir a condição natural para a liberdade na *polis*. Logo, era mediante consecução de uma vida privada, efetivada pelo casamento e prolicidade familiar, bem como da participação na vida pública, entre os seus iguais, livres, que o homem seria legitimado em sua plena condição humana. Mais especificamente, tem-se que a concepção do mundo privado guardava, rigorosamente, um caráter abrangente de privação do indivíduo, até mesmo de suas mais altas e mais humanas capacidades, uma vez que, o homem que apenas tivesse uma vida privada, e não pudesse participar da vida pública, como o escravo ou o governante, não era considerado inteiramente humano.

Um salto na história nos revela semelhanças em relação ao pleno domínio da sociedade sobre a vida humana. A vida até o século XVII da Idade Moderna era vivida em público. Em Ariès (2006, p. 191), temos que “a densidade social não deixava lugar para a família”. Não obstante para a família existir de fato, carecia-lhe existência em nível de sentimento ou valor. O que hoje se concebe como do âmbito da intimidade era tratado, sem objeção, como de domínio público. Desde o ambiente familiar, as relações se formavam na promiscuidade, visto que, a convivência consistia da mistura, sem distinções, entre senhores e criados, crianças e adultos, cujas casas se mantinham permanentemente abertas, inclusive às indiscrições dos visitantes. Corroborando a inexistência da intimidade do século XVII, seja entre o povo, seja entre as elites, Ferry (2008, p.84) detalha que “tanto na cidade como no campo, a imensa maioria das famílias vivia em um só aposento, o que de fato excluía a possibilidade de qualquer forma de privacidade. A cerimônia conjugal era consagrada de forma a manter viva essa tradição relacional que desconhecia a esfera íntima do indivíduo, sobre a qual Ariès (2006) acentua como um testemunho da ausência da intimidade:

As cerimônias tradicionais que acompanhavam o casamento, e que eram consideradas mais importantes do que as cerimônias religiosas, como a bênção do leito nupcial, a visita dos convidados aos recém-casados já deitados, as brincadeiras durante a noite de núpcias etc., são mais uma prova do direito da sociedade sobre a intimidade do casal (p. 190).

Todavia, o fenômeno da ascensão da esfera social, que se desvinculou das concepções das esferas pública e privada, no sentido da privação, é relativamente novo, cujo surgimento coincidiu com o da era moderna. Esta passagem da sociedade, “do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública” explica Arendt (2009, p. 47), promoveu a diluição da divisão entre o político e o privado, alterando,

assim, o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, ao ponto de torná-los irreconhecíveis – o homem deixa de pertencer a duas ordens de existência e faz-se habitante de um mundo apenas. Enquanto para o mundo arcaico o caráter privado se referia ao que era próprio do indivíduo à parte do mundo comum, de sua cidadania, o privado na modernidade adquire a função de proteger a ‘intimidade’, ou proteger aquilo que é íntimo, ou ainda, conforme conceitua Arendt (2009, p. 48), o chamado de privado “é um círculo de intimidade”. Assim, em tempos modernos, a privacidade, em sua função mais importante, foi concebida como oposta à esfera social, com a qual, portanto, tem profundo e autêntico vínculo.

Diferentemente do habitante da era antiga, sugere a mesma autora (2009, p. 48), que “o indivíduo moderno e seus intermináveis conflitos, sua incapacidade de sentir-se à vontade na sociedade ou de viver fora dela (...), o radical subjetivismo de sua vida emocional”, foram gerados pela rebelião do coração. Em função disso, descobriu-se, ainda observa Arendt (2009, p. 48), que “a intimidade do coração, ao contrário da intimidade da moradia privada, não tem lugar objetivo e tangível no mundo”, e da mesma forma, a sociedade, contra a qual a intimidade protesta e se afirma, não pode ser localizada tão seguramente, quanto o é o espaço público. Em concordância, Giddens (2009, p. 203) afirma que “a ‘sociedade’ não é manifestamente externa aos atores individuais exatamente no mesmo sentido em que o meio lhes é externo”. Agente, portanto, na conquista de um lugar, mediante o qual pudesse expressar e sentir-se acolhido na narrativa de suas questões íntimas, o indivíduo teve como manifestação premente, a sua arte. Para tanto, argumenta Arendt (2009, p. 48), “o surpreendente florescimento da poesia e da música a partir dos meados do século XVIII até o último terço do século XIX, acompanhado do surgimento do romance, a única forma de arte inteiramente social, (...), constitui suficiente testemunho de uma estreita relação entre o social e o íntimo”.

Permeando os avanços da vida social e o fortalecimento da vida privada institucional estaria o casal, que, mediante o exercício da procriação, inauguraria a

família, sendo, entretanto, reconhecido, ao longo da idade clássica, não em sua ação conjugal, mas em sua competência parental – a de “assegurar perenidade da linhagem” – cuja responsabilidade de reprodução era compartilhada pelos cônjuges (Ferry, 2008, p. 81).

O modelo ideológico conjugal tem sua origem no final da Idade Moderna, instituído a partir da Revolução Industrial. Impelida pela decadência do regime de produção feudal, substituído pelo modo de produção capitalista mercantil e este, pelo capitalismo industrial, a modernização gerou transformações sociais significativas que produziram impactos sobre a família. Com efeito, a industrialização introduziu uma divisão heterogênea no trabalho desenvolvido pelo grupo familiar, impedindo-o de continuar se mantendo como uma unidade de produção.

Neste contexto, salienta Vaitsman (1994, p. 29), a família, constituindo-se como espaço da intimidade privatizou-se, transformou-se em “família conjugal moderna” e criou um modelo ideal de ser família, marcado pela divisão sexual do trabalho, configurada entre os papéis públicos, atribuídos ao homem provedor financeiro, e os privados, conferidos à mãe dona de casa, cuidadora dos filhos.

Para Ariès (2006, p. 191), estabeleceu-se um “movimento visceral” em defesa do indivíduo contra “uma sociedade cujo convívio constante até então havia sido a fonte da educação, da reputação e da fortuna”. Deste movimento resultou o repúdio à atividade das relações sociais e, na mesma medida, a exaltação da intimidade e do sentimento. A família, mediante o retraimento da socialidade, estendeu-se e tornou-se uma sociedade fechada, onde seus membros deleitavam-se da permanência, e a evocavam com satisfação. Desta forma, o autor chama a atenção para “o prodigioso crescimento do sentimento da família” (p. 191), a partir do qual se torna compreensível a evolução dos costumes contemporâneos, pautada pelo domínio da família sobre o individualismo.

A retirada da família moderna da vida comum correspondeu não só a uma necessidade de intimidade, mas também de identidade, ensejando a união familiar pelo sentimento, o costume e o gênero de vida.

Neste cenário, constituiu-se socialmente a unidade do casal ancorada na qualidade do afeto, do qual, o erotismo e a sexualidade, a princípio, permaneceram separados, respeitando a moral concernente ao mundo privado feminino. Apenas posteriormente a conjugação dessas dimensões relacionais do casal seria admitida. A circunscrição histórico-cultural do espaço do casal coincidiu paradoxalmente, observa Saraceno (1988), com a criação do 'lugar da mulher', gerando, dessa forma, campos experienciais separados para os dois sexos.

Regido pelo pensamento liberal, o desenvolvimento da sociedade industrial tornou-se um fenômeno sócio-histórico complexo, cuja concepção de indivíduo, embora trazendo valores de liberdade e igualdade naturais inerentes, não contemplava o mundo privado da mulher. Antes, conformou-se exclusivamente, segundo Vaitsman (1994, p. 33), "como um individualismo patriarcal", o qual legitimou "as hierarquias entre homens e mulheres, nas esferas pública e privada", cuja desigualdade e propriedade apareceram como resultado do trabalho produtivo pertencente ao domínio público. Porém, na origem da ideologia moderna, a hierarquia é justificada não apenas por meio da categoria de classe, mas também de gênero.

A influência da história da família conjugal moderna no desenvolvimento das relações público/privado é assinalada por Ferry (2008), como a mais importante dentre todas as mudanças, marcando uma ruptura social situada

na passagem do casamento de "conveniência" – frequentemente organizado pelos pais ou até mesmo, ainda que por intermédio deles, pela comunidade inteira do vilarejo, a partir de critérios econômicos ou

de linhagens – a um casamento por amor, livremente escolhido pelos próprios parceiros (p. 80).

Com efeito, nas sociedades tradicionais, o amor representava potencialmente uma ameaça à manutenção do matrimônio e à consequente estabilidade familiar, como sugere Saraceno (1988), prescrevendo ao casamento a impossibilidade de decisão de escolha² dos futuros cônjuges e negando qualquer valor ao sentimento amoroso relativo à vida a dois. Ao contrário, nas sociedades ocidentais contemporâneas “é a falta de amor num casamento que constitui uma espécie de aberração (...)” (p. 96), o que justifica os jovens serem “socializados para se apaixonarem e para se deixarem guiar por este sentimento na escolha do cônjuge” (p. 96).

A referida autora ainda explica que “a centralidade da ideologia do amor como base do casamento e da sua continuidade na época contemporânea, (...) representa um modo historicamente específico de reconhecer e ter em conta uma dimensão sentimental que está presente em qualquer sociedade” (Saraceno, 1988, p. 96). Desta forma, o amor romântico funda-se como quesito necessário à relação conjugal, embora traga, inerente à sua constituição, a ambiguidade – expressa pela possibilidade de livre escolha do parceiro conjugal – em um contexto cuja individualidade feminina subordina-se à masculina. Em concordância, Vaitsman (1994, p. 30), observa que o indivíduo nascido “junto com a família conjugal moderna nunca foi universal”. Entendendo, portanto, que a igualdade entre os indivíduos configura-se “a partir da essência universal que estes possuem sendo donos de seu corpo e, conseqüentemente, de seu trabalho” (Vaitsman, 1994, p. 31), conclui-se que

² Diante da homogenia dos casamentos, o termo 'escolha' é aqui utilizado como meio de diferenciação histórica entre as formas, antigas e atuais constituintes deste modo relacional. Cabe observar que na contemporaneidade, diferentemente das sociedades tradicionais, há a possibilidade de não se casar mediante imposições das quais os cônjuges não participam, embora a coexistência de valores e padrões tradicionais e atuais mantenha o casamento inclusive por questões morais-religiosas, o que, neste caso, a escolha do cônjuge, mesmo sendo de caráter pessoal, não se configura uma decisão totalmente livre, mas interposta pelas vozes culturais e sociais.

as mulheres não estavam inclusas na definição de indivíduo, dado que, nem o corpo nem o trabalho lhes pertenciam.

O direito de escolha não sendo consentido política e culturalmente, também não seria questionada a sua importância na confirmação da individualidade. Rompendo com a incoerência do direito à livre escolha pronunciado, mas não efetivado, a mulher buscou valer sua voz no âmbito político-cultural.

Com o advento da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, a mulher, para além dos limites do privado, inseriu-se na esfera pública, conquistou seu direito de cidadã e constituiu-se como indivíduo. Doravante, o individualismo patriarcal seria afrontado e a igualdade entre homens e mulheres colocada como possibilidade social, anunciando, todavia, o conflito entre o individual e o coletivo no casamento e na família.

Em Vaitsman (1994) encontra-se que:

O desenvolvimento da individualidade vincula-se ao da sociedade moderna, com a eliminação de barreiras de status, religiosas, o declínio da autoridade paterna e a liberdade de mobilidade, seja social ou geográfica. Ampliou-se o círculo de pessoas que se tornaram passíveis de escolha como parceiros no casamento, ampliando também a liberdade de escolha. Agora o casamento será justificado pela noção romântica de individualidade e de amor modernos (...) (p.34).

A mudança paradigmática a respeito da individualidade trouxe sentido e significado novos à união conjugal que, a partir daí, em um movimento recíproco, também modificou o conceito de indivíduo. O Romantismo, enquanto movimento cultural de ampla importância, alcançou o século XIX, proclamou o predomínio da individualidade, da expressão de sentimentos e do subjetivismo, cuja estética absolutizou o amor.

Na medida em que uma organização sócio-cultural não reconhecia as relações familiares e parentais como meio institucional legítimo na admissão social do indivíduo, a ideologia do amor teria forçosamente essa função ritualizante, visto que, conforme Saraceno (1988),

Casar-se por amor, e antes ainda apaixonar-se, por escolha livre e autônoma, fornece assim o código legítimo e consensual da separação e autonomização necessária dos próprios pais e da própria família, constituindo quase um moderno rito de passagem à idade adulta (p. 98).

Desta forma, é preciso pensar o casamento moderno como instaurado no amor e na livre escolha, onde esta é vista como uma responsabilidade individual, gerativa dos paradoxos pertinentes ao crescimento humano. Nesta perspectiva, Vaitsman (1994), ressalta que:

(...) embora o objetivo do amor moderno seja a reciprocidade e a complementaridade entre dois indivíduos, a individualidade de cada um ergue barreiras entre os dois, fazendo do outro algo de inatingível que é determinado pela individualidade. Ou seja, a contradição mesma do amor e do casamento modernos advém do próprio desenvolvimento e da singularidade da individualidade (p.34).

No contexto de uma sociedade industrial moderna do século XIX, em franco desenvolvimento aquecido pela nova divisão de trabalho³, a mulher, resgatada de seu estado de exclusão da esfera político-cultural foi trazida para fora dos muros da casa-lar, colocou-se em contato com diferentes grupos, ampliou sua visão de mundo,

³ Considera-se aqui, conforme Arendt (citada por Vaitsman, 1994, p. 36), a esfera pública não é a do trabalho, dado que, este, por si, não confere liberdade ao indivíduo. Podendo ser a liberdade conquistada apenas no espaço público, Arendt defende que o trabalho pertence à 'esfera da necessidade', e como tenha sido sempre exercido pelas mulheres, seja em atividades domésticas ou outras, não foi o que as libertou. Sua emancipação se deu ao participarem da esfera da cultura e da política, este sim, considerado como espaço público, o espaço da ação criativa.

requereu novas realizações, expandiu suas possibilidades de escolha, emancipou-se enfim.

Ao casamento, legitimado pelo amor no ideário social, é conferido poder 'emancipatório' em várias esferas da vida social. De acordo com Vaitsman (1994), a efetividade da escolha livre, porém, em ritmo ascendente, vulnerabilizou o casamento à medida que alargou o espaço de expressão do conflito entre o individual e o coletivo e imprimiu novas noções de individualidade e de indivíduo, em detrimento ao individualismo patriarcal.

Configuravam-se, assim, as condições sociais particularmente favoráveis para que homens e mulheres tivessem entre si uma visão de igualdade, o que, para Vaitsman (1994), fomentou a manifestação do conflito, levando a um maior número de separações conjugais, atribuídas por Ferry (2008, p.79), à "propagação do casamento por amor". Mediante este argumento, sugere-se que no casamento, quando baseado apenas na "lógica do sentimento", circunstância em que o laço afetivo e a afinidade eletiva são essenciais, "basta que o amor se apague para que a separação se imponha" (p. 79); tornando sua manutenção objetivamente injustificada.

Em síntese, o conflito no casamento, até então protegido porque controlado pelo poder patriarcal, tem agora a permissão social para se manifestar. As relações conjugais não mais se sustentam sob a concepção moderna de amor único ou de eternidade dos sentimentos e das relações. Revolvido em suas bases doutrinárias, o tipo moderno de família e casamento entra em crise, esclarece Vaitsman (1994). A estabilidade e a segurança do indivíduo moderno são abaladas diante do contínuo desfazer-se e refazer-se dos casamentos e famílias. É nesta circunstância que a vida a dois se anuncia e busca se atualizar na contemporaneidade, enfrentando a transição da concepção moderna para pós-moderna.

Vocacionado a romper com o moderno, o fenômeno pós-moderno envolve mudanças de significações ocorridas desde a década de 1950, nos domínios sócio-

político-cultural e estético e incorpora princípios de convivência de estilos múltiplos, marginais e silenciados, renunciando a legitimação da heterogeneidade existente na sociedade contemporânea. A tendência pós-moderna, fundamentada em concepções críticas acerca da verdade, da objetividade e da racionalidade, consolida-se nas noções de pluralidade, de particular e local em contraposição à idéia de unidade, de geral e de universalidade modernistas.

Diante disto, Vaitsman (1994) observa que o casal passa a conviver com uma concepção contemporânea multifacetada, em cuja expressão, dentre outras, estão a efemeridade, a contextualidade de padrões e comportamentos, a descontinuidade, o caótico e a mistura de códigos. "As formas e conteúdos de casamento e família (...) compartilham muitos dos traços que em diferentes áreas do pensamento, da arte e da cultura conformam-se como uma tendência pós-moderna" (p. 18), caracterizada pelas heterogeneidade, pluralidade, flexibilidade, instabilidade e incerteza, e adotada como alternativa ao modelo tradicional de casamento.

Giddens (2009) infere que, na atualidade, o casal, casado ou não, desvincula-se do parentesco e ganha o lugar central na família, na medida em que o amor, ou este somado à erotização, seguem como formadores dos laços de casamento. Porém, é a ideia de relacionamento que mobiliza o casal e não mais a de compromisso como ocorria anteriormente, visto estarem as relações fundamentadas na comunicação emocional e, portanto, na intimidade que, por seu turno, "estão substituindo os velhos laços que outrora uniam as pessoas (...)" (p. 70), no que diz respeito aos relacionamentos amorosos e sexuais, tanto quanto aos de pais-filhos e aos de amizade, nos quais os efeitos advindos de tal comunicação são centrais para a continuação do relacionamento. A convivência estável é firmada pelo "compromisso ritual" do casamento, mas não como base principal da união.

Em Fuks (2008), tem-se que o casal contemporâneo procura um lugar característico ou que talvez sua característica se firme exatamente na ausência de um lugar próprio. No cenário transicional entre o amor moderno, definido pelo

romantismo e pelo pós-moderno, à espreita de definição, presentificam-se “as construções imaginárias e a paixão dramática inerente a seu berço romântico, (...) os valores fundantes do casal ‘moderno’, como o direito/dever da escolha e a suposição de que as relações deveriam estar baseadas na *afinidade*” (p. 36). Circunstância esta que conduz o casal atual na conexão do exercício da tolerância e do voluntarismo, assim como da aprendizagem do diálogo e dos pequenos prazeres cotidianos, afirma o autor.

Diante deste entendimento é pertinente dizer que o pós-modernismo é confirmado nas práticas e no discurso sobre o casamento e a família atuais a partir da constatação da falência de um modelo dominante de casal ou família, visto não ser mais possível definir ou eleger uma estrutura ou ideologia para substituir a família moderna. A tendência em combinar estratégias e recursos tradicionais e modernos é um modo legítimo de as pessoas refazerem suas relações de parentesco, que se configuram em redes chamadas de ‘famílias extensas pelo divórcio’ (Vaitsman, 1994; Camaratta, 2000; Hintz, 2001; Kunrath, 2006).

Em concordância, Stacey (1990), afirma não existir alguma coisa que se possa chamar de ‘família pós-moderna’, o que da mesma forma aplica-se ao casal contemporâneo, e que, se assim não fosse, também não se trataria de um novo “modelo de vida familiar, nem o próximo estágio numa ordem progressiva na história da família, mas o estágio em que se rompe a crença numa progressão lógica de estágios” (p. 18).

Esse fenômeno social de descontinuidade, cujo impacto configura-se na construção-desconstrução-reconstrução (Fuks, 2008), é apontada por Giddens (1991) como efeito da introdução da reflexividade contemporânea. A era contemporânea é constituída por e através de conhecimentos reflexivamente aplicados, cuja equação entre conhecimento e certeza não mais corresponde a um produto satisfatório, o que estabelece, portanto, uma insegurança permanente, já que

qualquer elemento dado deste conhecimento poderá ser revisado. Desta forma, Giddens (1991) aponta que:

virtualmente todos que consideram o casamento têm alguma ideia de como as instituições familiares vêm mudando, mudanças na posição social relativa e no poder do homem e da mulher, alterações nos costumes sexuais, etc. – tudo isso entrando nos processos de mudança ulterior que reflexivamente informa (p. 43).

Como efeito dessa transição das relações conjugais, Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005) observam a ocorrência de alternativas que têm levado a experiências de novos modelos relacionais, destacados pelos casamentos informais e abertos, casamentos comunitários, poligâmicos e poliândricos, uniões homoafetivas, assim como o aumento de padrões de experiência extraconjugais.

São vários os fatores socioculturais que formam as mudanças dos padrões da conjugalidade contemporânea, dentre os quais citamos brevemente a ampliação do estado de direito e democracia, o movimento de liberação feminino, a abertura do mercado de trabalho à mão-de-obra feminina e a crise pós-moderna, apontam Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005). Embora não sejam novas as mudanças na instituição do casal/casamento, elas se deflagram na contemporaneidade à medida que o indivíduo apropria-se de sua insatisfação relacional e busca resolvê-la com o rompimento conjugal,

Na cultura pós-moderna o casamento tende a ser pautado por valores que privilegiem a autonomia, a satisfação de seus cônjuges e a ideia de utilidade, recusando, portanto, os laços de dependência entre eles. Este propósito realça a importância da qualidade do modo relacional estabelecido entre os cônjuges, o qual será mantido enquanto for prazeroso e útil para cada um deles.

Entre a manutenção de equilíbrio e de estabilidade e a necessidade de adaptação em um cenário de crescente efemeridade afetivo-relacional e investimento

em uma ideologia igualitária, o casal vive o paradoxo contemporâneo, imposto pelos modelos tradicionais, românticos, modernos e pelas tendências pós-modernas como um desafio à construção de identidades relacionais. Buscando se organizar socialmente, explora suas possibilidades e seus limites oferecidos por um cenário que se apresenta tão libertador quanto arriscado (Fuks, 2008).

A pós-modernidade potencializa as mudanças relacionais que a Modernidade desencadeou, inferindo diretamente nas concepções identitárias do sujeito social, que descumprindo os acordos sociais, caracterizados pelo racionalismo e pela homogeneidade, vê-se forçado ao desafio de construir sua própria identidade em um contexto fragmentário, descontínuo e disruptivo. Nessas circunstâncias, a conjugalidade busca construir sua identidade pós-moderna e para isso, conforme salienta Fuks (2008), os membros do casal sabem que as diferenças e semelhanças entre eles acionam o senso de igualdade em suas responsabilidades como seres humanos e de diferenças em suas linguagens. Assim, a 'vida em casal' pode se reinventar em múltiplos estilos ou 'culturas' disponibilizadas em grande variedade de formas de se transitar na vida comum, assim como se constituir em um território de existência compartilhado, onde seus membros sejam ao mesmo tempo construtores e construídos.

2.2 CONSTRUINDO UMA TERAPIA PARA O CASAL

Atualmente, os cônjuges buscam construir através do vínculo afetivo um casamento pertinente aos valores culturais contemporâneos, cuja realização diz respeito ao nível de poder de negociação entre seus participantes. Diferente do que ocorria no século XVII, estar casado não mais se configura meio de pertencimento social ou aquisição de autonomia, é antes, uma decisão pessoal e por assim ser, resulta em vulnerabilidade da relação conjugal. Porém, partindo da premissa de que

é nessa relação que se busca a confirmação da identidade e a satisfação de certas necessidades pessoais, a não realização recíproca das mesmas ou, ainda, as expectativas não atendidas de um cônjuge em relação ao outro, configuram-se em crise e possível interrupção. Sob esse aspecto, a construção do relacionamento conjugal em que a manutenção do espaço individual dos cônjuges não é permitida, conduz a uma relação ameaçada de ser tomada como restritiva e podendo, desta forma, dificultar a produção de histórias mais libertadoras, na vida do casal.

Neste contexto, a Terapia de Casal dispõe-se como lugar legítimo na busca propiciatória de um aprofundamento de reflexões a partir das relações articuladas durante a construção do espaço afetivo do casal, o qual suscitará questionamentos que, ao contrário de sugerirem respostas simples, significarão explorar a complexidade neles implícita, favorecendo a narração de histórias alternativas que contribuam para a construção de sentidos, a partir do já vivido mas ainda não capturado pelo casal.

Os conceitos atribuídos às vertentes da Terapia de Casal são, conforme o viés que se adote, polêmicos e diversos, posto apresentarem, segundo Diniz-Neto (2005, p. 44), “características notáveis que revelam ‘mitos’ e discordâncias dos autores que tratam do tema sobre pontos importantes como as raízes históricas, filiações e importância de autores seminais”, além da grande variedade de aparatos teóricos sustentadores dessa modalidade terapêutica desde a sua origem. Ao que se impõe como fator dificultante na exploração do assunto, acrescenta Diniz-Neto (2005), a existência significativa de “poucas revisões históricas ou conceituais sobre o desenvolvimento do campo comparativamente a outras modalidades de atendimento clínico psicológico” (p.44). De acordo com Gurman e Fraenkel (2002) e Diniz-Neto (2005), ao seu desdobramento teórico-prático são conferidas as tradicionais práticas do Aconselhamento Matrimonial, a grande influência das diversas abordagens da Terapia Sistêmica de Famílias, passando pelas aplicações Psicanalíticas e pela abordagem da Psicologia Comportamental Cognitiva.

A partir da década de 1950, surge a Terapia de Família que incorpora a Terapia de Casal (Nichols & Schwartz, 1998), construindo um modelo clínico focado na inter-relação do grupo familiar. A mudança paradigmática provocada por essa nova modalidade terapêutica prenunciava o seu desdobramento que, com caráter interdisciplinar, deu início a uma diversidade de modelos sistêmicos. A partir disso, a Terapia de Casal vem construindo uma nova identidade, gerando conceitos e técnicas próprias.

A Terapia de Família e a de Casal, influenciadas pelos avanços pós-modernos em psicoterapia, tiveram inúmeros desdobramentos no campo das várias práticas sócio-construcionistas, cujas mais expressivas versões estão representadas pelas: Abordagem Colaborativa (Harlene Anderson e Harold Goolishian); Processos Reflexivos (Tom Andersen) e Terapia Narrativa (Michael White e David Epston), sobre as quais é importante sumariar algumas considerações.

A abordagem colaborativa, criada por Anderson e Goolishian (1988), firma-se em uma mudança ideológica sobre a forma como a linguagem e o conhecimento são pensados, sugerindo imediatamente uma postura filosófica ou mudança no modo de ser, de se relacionar e de manter-se em conversação, que abranja o pensamento, a ação e a responsividade na relação dialógica. Anderson e Goolishian (1988, 1998) e Anderson (2009), embasados em vários autores pós-modernos, identificam em suas teorias uma postura mais hermenêutica e interpretativa, à medida que enfatizam os 'sentidos' como criados e vivenciados pelos indivíduos em 'espaços dialógicos' ou 'contextos conversacionais' – "um espaço metafórico entre e dentro dos participantes da conversação" (Anderson, 2009, p. 96), que seja crítico para o desdobramento de um processo criador e promotor de idéias, assim como de ações fluidas e mutáveis, em contraposição ao 'espaço monológico', no qual, as ideias são estáticas e excludentes de outras.

A partir dessas idéias, o sistema terapêutico é concebido como um *sistema linguístico*, que se distingue pelo sentido coproduzido em processo, 'o problema',

sendo, portanto, um *sistema determinado pelo problema* ou um *sistema de organização e dissolução de problemas*. Nessa perspectiva, o sistema terapêutico não está constituído como produto de uma organização social, seja a família, o casal ou o indivíduo, mas como um produto linguístico existente nas descrições e narrativas desenvolvidas na conversação, cujo reconhecimento se dá pela relevância comunicativa, associada ao problema que criou tal sistema. Logo, conforme afirmam Rasesa & Japur (2007, p. 68), "não é o sistema que tem, produz e gera determinados problemas, mas, ao contrário, os problemas que organizam determinados sistemas".

Os problemas, conforme sustentam Anderson e Goolishian (1998) e Anderson (2007, 2009), criam existência na linguagem, sendo, assim, próprios do contexto narrativo do qual seu significado é extraído. Os autores citados desenvolveram o pressuposto da impossibilidade de o terapeuta ou a terapia 'resolver' problemas ou reparar algo, mas ao contrário, a exploração do problema no processo terapêutico é propiciatória à 'dissolução do problema', não a sua solução, pois que, o processo pelo qual se conversa sobre alguma questão, e não sobre o seu conteúdo como problemas e suas soluções, é o fator significativo.

Na terapia pautada na abordagem colaborativa, é central buscar novas formas para dialogar sobre as questões postas como 'problema' pelos clientes. A terapia transforma-se em uma conversação geradora de novas narrativas, novos significados, novas possibilidades de agenciamento da própria vida, propiciatória à autoria do *self narrativo*. A ação de contar e recontar as histórias pressupõe não apenas construção de novas histórias, mas também mudança no modo de se relacionar com elas, pois que, o *self narrativo* muda.

A ideia do *não dito* ou do *ainda não dito*, presente nos pressupostos colaborativos, alinha-se ao princípio da inexistência de relatos comunicacionais completos, claros e unívocos, sejam eles palavras, expressões ou frases, uma vez que, significados não falados e possíveis de novas interpretações são inerentes a todas as comunicações. Dessa forma, no processo terapêutico, o 'círculo do não

expresso' refere-se ao recurso do *não dito* ou do *ainda não dito*, configurado pelos pensamentos que não estão formados claramente e pelos que não foram ditos, assim como pelas conversas internas dos clientes.

Desse ponto de vista, a abordagem colaborativa, em sua prática de indagação compartilhada, "em que as pessoas falam umas 'com' as outras, e não umas 'para' as outras" (Anderson, 1998, p. 39), configura-se em um procedimento de formar, dizer e expandir o *não dito* e o *ainda não dito*, que se dá no codesenvolvimento, por meio do diálogo, de novos significados, temas, narrativas e histórias, e dos quais podem surgir novas autodescrições, novas realidades. Todavia, o *não dito* e o *ainda não dito*, mesmo ao serem ditos conservarão infinitas possibilidades que não estarão aparentes.

Esse tipo especial de 'conversação terapêutica' fundamentada na perspectiva dialógica, requer um esforço conjunto, no qual a busca mútua de entendimento e exploração lida com a constante mudança e evolução da história do *self*, como uma consequência natural do diálogo. Nesta circunstância "o papel, a especialidade e a ênfase do terapeuta são desenvolver um espaço conversacional livre e facilitar um processo conversacional emergente no qual a 'novidade' possa ocorrer" (Anderson & Goolishian, 1998, p. 39). Esta postura terapêutica enfatiza não a produção de mudanças, mas antes, a abertura para a conversação, pois que, alinhada à visão hermenêutica, a mudança em terapia refere-se à criação de novas narrativas, mediante a evolução dialógica, dentro da qual as 'histórias ainda não contadas' são criadas mutuamente (Anderson & Goolishian, 1988, 1998; Anderson, 2009).

Comprometidos com essa postura filosófica da hermenêutica contemporânea, Anderson e Goolishian (1988, 1998, Anderson, 2007) sustentam que a efetivação das premissas colaborativas asseguradas no processo da 'conversação terapêutica', exige que o terapeuta adote uma 'posição de não-saber', na qual o entendimento, as explicações e as interpretações na terapia devem estar livres de limitações oriundas das experiências anteriores, dos conhecimentos ou verdades formadas teoricamente.

Em razão de o terapeuta não 'saber' a priori sobre a intenção de quaisquer ações do cliente, as suas próprias devem apoiar-se em uma curiosidade espontânea, genuína e fértil, devem expressar a necessidade de explorar a respeito do que é dito, abandonando, portanto, as opiniões e expectativas pré-concebidas sobre o cliente.

O terapeuta engajado na conversação terapêutica "entrará no relacionamento e na conversa como um aprendiz" (Anderson, 2005, p. 503), dado que, não sendo um especialista da experiência de vida do cliente, deve aprender sobre isso. Portanto, cada cliente como especialista em sua própria experiência de vida, ensina a respeito ao terapeuta. Conforme enfatiza Anderson (2005, p. 498), é premente compreender e valorizar "a natureza multifacetada do relacionamento terapêutico e a mutualidade genuína que é fundamental para a nossa compreensão dele e o papel do terapeuta nele" (Anderson, 2005, p. 498), e conclui, "dessa forma, o processo de interpretação, o esforço de compreender em terapia, torna-se colaborativo" (1998, p. 59).

A abordagem seguinte trata-se da proposta terapêutica de Tom Andersen (1998, 2002), que agrega conceitos oriundos da segunda cibernética aos pós-modernos, e possibilitou a ampliação da reflexividade dos terapeutas junto às famílias atendidas. Como prática de estudo e entendimento da dinâmica da relação familiar, os terapeutas de família, desde os anos de 1950, colocando-se atrás de um espelho unidirecional, acompanhavam, como observadores, os atendimentos de seus colegas profissionais. Percebendo que a transmissão dos questionamentos ou das intervenções sugeridas pela equipe observadora, não se dava de forma satisfatória e/ou produtiva, Andersen (1998, 2002) concebeu a equipe reflexiva como uma prática interventiva, a que ele denominou de Processos Reflexivos, na qual a 'voz' da equipe é introduzida diretamente nos atendimentos, cujo sistema encontra-se paralisado. Por meio de uma reflexividade conjunta, busca-se criar condições geradoras de novas descrições e entendimentos da situação.

Mudança esta, atravessada pelo deslocamento de uma postura de 'ou - ou', para a de 'tanto...quanto' ou 'não só...mas também', cujo modo reflexivo de conversar da equipe não exclui as intervenções e os pensamentos construídos pelo profissional que atende diretamente a família, mas ao contrário disso, estabelece um tipo de conversa inclusiva, colaborativa e respeitosa, sempre no sentido de somar ao que já está em andamento. Nos termos de Grandesso (2000), neste processo, os clientes, seja a família, o casal ou o indivíduo, após certo tempo de conversação com o terapeuta, são convidados a ver o modo de trabalhar e ouvir a conversa da equipe reflexiva que, presente na sala de atendimento, até então os assistia. A conversa sobre a sessão se dá "sem qualquer intenção conclusiva, diagnóstica ou pedagógica [na qual] os membros da equipe discutem suas ideias, impressões e indagações, enfim, fazem seus comentários, inegavelmente auto-referenciais e especulativos, enquanto terapeuta e clientes os escutam" (p. 278). A partir desse procedimento, terapeuta e clientes discutem sobre a conversação que ouviram da equipe, o que poderá acontecer outras vezes durante a sessão. A composição da equipe reflexiva pode variar entre um ou mais membros consultores de acordo com as circunstâncias e a preferência dos participantes, assim, o formato é decidido em conjunto com todos os participantes de modo a torna-se o mais confortável para os envolvidos.

O modo de trabalho da equipe reflexiva aberta pauta-se na atenção especial à aproximação da linguagem profissional à cotidiana, a fim de equiparar palavras e conceitos que todos possam utilizar em comum, de forma inteligível. Andersen (1998) ressalta que esta forma de se relacionar com os clientes abrange mais do que uma mudança de linguagem e inclui uma mudança de postura.

A contribuição de Andersen, explica Rasera e Japur (2007, p. 61), "não possui uma abordagem na qual seja apresentada uma definição de terapia, do problema e de mudança", mas trata-se de uma forma interventiva influenciada por conceitos e teorias desenvolvidas por vários outros autores. Dos diversos temas centrais que

compõem o desdobramento do seu pensamento, alguns se destacam como princípios fundamentais na construção dos Processos Reflexivos.

Uma dessas ideias refere-se à formulação de as coisas não são vistas como algo em si; elas são sempre vistas como algo distinto do seu meio. Tal distinção diferencia esse algo do seu meio; o ser humano vê e descreve o seu ambiente mediante as diferenças que percebe. Para Andersen (2002, p. 39) "essas ideias tornam-se fundamentos importantes para o trabalho clínico", no que diz respeito ao modo de "fazer perguntas que buscam diferenças quando são descritas situações em torno do problema" (pp. 39-40).

Andersen (1998, 2002) reflete sobre outra idéia importante ainda referente à diferença, na qual destaca que "necessitamos ser 'perturbados' desde que as perturbações nos mantenham vivos e nos tornem capazes de mudar de acordo com as transformações do mundo que nos rodeia" (1998, p. 75). Com isso ele desenvolve a proposta de introdução de diferenças 'não muito incomuns'. Se uma situação ocasiona uma perturbação/distúrbio ao qual não se possa "reagir por falta de recurso em seu repertório, (...) só terá duas formas de reação: fechar-se para o distúrbio, a fim de proteger-se ou, (...) preservar a organização que lhe corresponde" (2002, pp. 43-44). Assim, os efeitos produzidos pelas chamadas *diferenças comuns*, não são caracterizados como mudança; os produzidos pelas *adequadamente incomuns* ou *fora-do-comum*, são propiciatórios da abertura necessária à mudança; e aqueles produzidos pelas *inadequadamente incomuns*, ou *muito fora-do-comum*, conduzem ao fechamento às influências situacionais e à mudança (Andersen, 2002; Rasera & Japur, 2007).

O modo de conversar da equipe reflexiva, acerca das questões que se apresentam, é promotor das referidas conversas internas e externas, pois que criam aberturas para que todos os envolvidos no processo escutem e falem sobre as mesmas questões, podendo, assim, gerar diferentes perspectivas sobre o que se conversa. São os efeitos dessas duas possibilidades de conversa, ou a transição

entre estas duas posições que se configura nos processos reflexivos. Neste sentido, "a possibilidade de reflexão se afirma a partir da opção construcionista de criação de um contexto de colaboração entre equipe e clientes, no qual os significados são relacionalmente cosntruídos" (Rasera & Japur, 2007, p. 65).

As conversações abertas que constituem os 'Processos Reflexivos' são propiciatórias de uma relação mais igualitária entre clientes e profissionais. Durante o desenvolvimento desse modo interventivo concluiu-se que "as perguntas são melhores ferramentas para os profissionais do que os sentidos e as opiniões" (Andersen, 1998, p. 83), sendo que, estes quando oferecidos tendem a manter ainda mais fixos os sentidos existentes. Tal postura é acompanhada da escuta, da reflexividade interna, da disponibilidade de estar com o outro também no silêncio.

Nas palavras de Andersen (2002, p. 8) "os terapeutas que se engajam nas conversas reflexivas abertas são, antes de tudo incentivados a desenvolver a capacidade de sentir os relacionamentos em seus corpos". Não se trata de excluir ou negligenciar a capacidade de compreender e explicar racionalmente, mas esta deve seguir à "aptidão em experienciar no corpo".

A Terapia Narrativa foi desenvolvida por Michael White, nos anos 1980, a partir da proposta inovadora de 'externalização do problema', uma prática especialmente movida pelas contribuições de Gregory Bateson (1972, 1979) sobre a importância da epistemologia no processo de 'como sabemos o que sabemos', bem como sobre a 'diferença que faz diferença', conforme citado por Tomm (1994). De fato, segundo ressaltam Dickerson e Zimmerman (1998), a Terapia Narrativa toma corpo inspirada em um conjunto de bases teóricas, que abarca a noção de poder de Michel Foucault (1980), a noção de estrutura narrativa de Jerome Bruner (1986, 1990), e o pensamento do construcionismo social de Kenneth J. Gergen (1985). Por fim, o trabalho de White "posicionou-se nos limites da metáfora da narração – evolução estimulada por David Epston e Cheryl White", (Dickerson & Zimmerman, 1998, p. 252).

A prática narrativa está estruturada a partir de quatro temas conceituais que se interconectam em sua ação, descritos como: (a) conversas de externalização; (b) conversas de reautoria; (c) conversas de reassociação e (d) documentação terapêutica (Carey & Russel, 2007; e Morgan, 2007). Tais práticas acontecem alternadamente durante o processo terapêutico da narrativa, dentre as quais, são centrais as conversas externalizadoras.

Porém, antes de explorarmos mais atentamente a externalização, é apropriado situar brevemente as demais práticas terapêuticas. Conforme descritas por Carey e Russel (2007) e Morgan (2007), as conversas de reautoria envolvem a identificação e a cocriação de narrativas alternativas de identidade. Pressupondo serem as histórias passíveis de inconsistências e contradições, nenhuma delas pode, portanto, condensar a totalidade da vivência das pessoas, nenhuma pode resumir tudo. Como tal, a identidade humana não pode ser criada apenas mediante um evento da vida, dado o caráter multi-historiado do ser humano. Neste caso, as conversas de reautoria possibilitam a conexão com o fio condutor da história, a fim de construir sentidos alternativos à narrativa dominante.

Quanto às conversas de reassociação ou *re-membering*, termo cunhado por Barbara Myerhoff (1982), refere-se a um 'tipo especial de recordação'. White introduziu o termo ao desenvolver a ideia de que as identidades das pessoas são moldadas por aquilo que pode ser referido metaforicamente como 'clube da vida', onde, para todos nós, encontram-se membros associados, os quais têm especialmente participado na forma como chegamos a experienciar a nós mesmos, ou seja, como chegamos ao entendimento de nós mesmos.

A documentação terapêutica consiste de um registro escrito, desenhado, ou criado de outra forma, atestando que, mediante a reautoria de vida e de relacionamentos da pessoa, a influência da história dominante diminuiu, dando lugar às histórias preferidas ou alternativas. Também trabalhados com a presença de testemunhas externas, esses registros são, portanto, formas de firmar os

compromissos e as direções que as pessoas escolheram para recuperarem suas vidas da influência do problema.

White trabalha com o que ele chama de “desconstrução”, termo que, distante do sentido derridiano e mais aproximado do burkiniano (White, 1994, p. 29), é empregado para conotar “procedimentos que subvertem realidades e práticas que são tidas como certas” – as chamadas verdades – apartadas do contexto de sua produção. A desconstrução das histórias/narrativas dominantes – dadas como verdades e mantidas vivas pelas pessoas – é proposta por White (1994), como forma de objetivação dos problemas, compreendida a partir da externalização do problema.

Introduzida no campo da Terapia Familiar no início da década de 80, a externalização foi, a princípio, desenvolvida no trabalho com crianças, estando assim, associada com o bom humor, tanto quanto com uma prática cuidadosa e séria. Conforme exposto por Carey e Russel (2007, p.11), uma forma sintetizada de compreender objetivamente a prática de externalização está no pressuposto de que “a pessoa não é o problema, o problema é o problema”, o que permite a percepção de que a pessoa, a família ou o casal e o problema não são a mesma coisa. Ao se objetivar o problema, este passa a ser entendido não mais como uma construção de caráter intrapessoal, mas como produto da cultura e da história ou, dito de outra forma, como tendo sido socialmente construído e criado no tempo, condição que abre possibilidades para ações não disponibilizadas “quando os problemas são colocados dentro do indivíduo” (p. 13). Assim, a Terapia Narrativa, consonante com o pensamento pós-moderno, abandona o dogma que “sustenta a objetivação das pessoas, construção segundo a qual, os indivíduos estão no centro e são a origem de tudo” (Dickerson & Zimmerman, 1998, p. 259) e, questionando essa visão tradicional de indivíduo social, cujo caráter é autocontido e aistórico, entendido como essencialista (Guanaes, 2006; Raserá, 2007), “no lugar de um *self*⁴ interno, estável e

⁴ Considerando a complexidade do termo, para fins deste trabalho será usado no sentido de ‘si-mesmo’.

único, propõe compreendê-lo como um processo em aberto, construído dentro dos espaços relacionais” como sugerem Grandesso (2000, p. 220) e Carey e Russel (2007).

As conversas de externalização (White, 1994; White & Episton, 1990) propiciam a personificação do problema e, assim, o descentraliza, criando um espaço entre as pessoas, o casal ou o grupo familiar e aquilo que os perturba. A partir disso, o centro das conversações volta-se para o conhecimento da vida da pessoa e a experiência de viver, dimensões essas relevantes para a solução do problema, uma vez que o problema e o significado atribuído a ele é uma narrativa desenvolvida por alguém, é realidade criada socialmente ou, em outras palavras, é um produto de descrições, um produto de construção social sustentada por ações reciprocamente coordenadas na linguagem.

Com efeito, as características atribuídas aos problemas ou aos padrões patológicos não são propriamente do problema ou do sistema no qual está inserido, mas características conferidas a eles que se tornam autoconfirmatórias mediante suas definições, descrições e explicações. Existentes portanto apenas nas conceituações de seu observador (aquele que os enfrentam ou os diagnosticam), estão em constante transformação, pois que são peculiarmente definidas pelos componentes do sistema envolvidos uns com os outros ao redor do problema. Neste sentido, Anderson (2009), chama a atenção para uma constante revisão sobre qualquer ação e sua descrição.

2.3 O DESENHO NA TERAPIA DE CASAL

O casal, sob o ponto de vista pós-moderno, poderia ser descrito como uma estrutura microssocial que, co-habitada por duas pessoas compartilhantes de suas

histórias e suas culturas próprias, é constituída mediante ação conjunta (Shotter, 2010), a partir da qual negociam sentidos de si e da relação.

Em Bakhtin (2010, p. xv), temos que “(...) toda linguagem humana ‘está impregnada de relações dialógicas’”, sendo por meio delas que as pessoas mantêm descrições de si, as quais dão acesso a determinadas interações conversacionais e restringem outras e, mais que isso, geram consequências imediatas para o fluxo conversacional (Guanaes, 2008). Ou, de outra forma, por meio da linguagem, criam e sustentam, entre si mesmas, determinados modos de interação conversacional, a partir dos quais, constroem sentidos sobre seu meio relacional.

Porém, na ação comunicacional não está implícita a garantia de entendimento daquilo que se intenciona comunicar, ou seja, não tem em si uma intencionalidade, dado que, as palavras não trazem um sentido inerente, não têm significado em si mesmas. O sentido é criado nos momentos interativos com o outro, como um produto do diálogo entre interlocutores. Nesta perspectiva, o discurso não pode ser investigado a partir da palavra isolada, mas sim das enunciações – unidades mínimas de significação – construídas na relação dialógica, onde adquirem sentido. Momento este realizado na ação conjunta de uso corporificado da linguagem (Guanaes, 2009; Guanaes, 2006; Guanaes & Japur, 2008).

Entende-se, portanto, que nesse momento interacional, outras linguagens são possíveis de se presentificarem como mobilizadoras de novas narrativas. Sendo a comunicação humana constituída dos enunciados verbais tanto quanto dos não-verbais, a natureza gestual, facial e tonal desta, prenunciam aquela. Shotter (2008) descreve essa natureza não verbalizada como manifestação pré-linguística e espontânea das relações responsivas, e cujo movimento antecipatório é corporificado na linguagem verbal. No contexto da terapia de casal, tais linguagens, concebidas como ações criativas, podem ser articuladas como recursos significativos sustentadores da prática terapêutica.

Para Epston, Freeman e Lobovits (2001, p. 209), “o mapa da descrição verbal não representa totalmente o território da experiência vivida, incluindo a riqueza dos processos simbólicos visuais, os sentimentos, as emoções e as sensações”. Estes autores propõem as terapias das artes expressivas como alternativa capaz de incorporar espontaneamente os sentidos visual, auditivo e cinestésico, bem como as emoções. Ainda, conforme os mesmos autores, atender às indicações não-verbais e facilitar sua manifestação mediante a produção criativa⁵, estimuladora dos diferentes sentidos, possibilita a percepção de novas dimensões da experiência, as quais são esteticamente gratificantes tanto quanto efetivas nas conversações.

Logo, os enunciados não-verbais devem ser incorporados à ‘escuta’ atenta do terapeuta, não como objetos interpretativos sobre os seus significados ‘reais’ subjacentes, mas como recursos linguísticos disponíveis e comprometidos com a ampliação do entendimento da narrativa do casal. Para usar os termos de Andersen (1995), o terapeuta não deve apenas ouvir e discutir todas as histórias narradas, mas, para além disso, ele precisa ‘ver’ a forma como estas são narradas, pois que “ouvir é também ver” (p. 23), afirma.

Buscando aproximações, propõe-se que as práticas narrativas dedicam-se a ‘ouvir as histórias saturadas/dominantes e buscam ‘ver’ as histórias alternativas/preferidas. Sob essa perspectiva, observa-se que tais práticas não são um modelo fixo de atuação terapêutica, podendo ser convertidas em estratégias concebidas como não-verbais, facilitadoras da efetivação desse processo. A integração dessas estratégias pode ser realizada por meio de recursos criativos, tais como o desenho, conforme esclarecem Epston, Freeman e Lobovits (2001, p. 213) a respeito do caráter multimodal ou intermodal das terapias expressivas, que convidam o cliente “a mover-se com flexibilidade entre os diversos meios, seguindo seus

⁵ Expressão adotada por este autor para referir-se ao resultado e/ou confecção do desenho, bem como para denominar genericamente as várias possibilidades dos recursos artísticos utilizados em contexto terapêutico, dentre os quais se inclui o desenho, que também poderá ser associado a ‘linguagem gráfico-criativa’.

instintos e interesses criativos”, modelo este, que pode ser “livremente aplicado no contexto da terapia narrativa”.

Conforme sugere Rober (2002, 2004), é possível trabalhar com a comunicação não-verbal na Terapia Familiar de forma a contribuir ricamente na construção de novos e úteis significados. Neste caso, as manifestações não-verbais devem constituir-se em convites dialógicos, mediante os quais, potenciais podem ser ativados para o processo de entendimento criativo, configurando-se em um empenho conjunto da família/casal e terapeuta na construção de sentidos.

Rober (2002), comumente, trabalha com as expressões não-verbais dos clientes, observadas como sendo hesitações em prosseguir com a conversa, usando-as “como um ponto de partida para um diálogo respeitoso com a família sobre as boas razões que possam ter para não falar” (p.187). A hesitação é entendida como “um compromisso entre dois movimentos: o movimento em direção à fala e o movimento que retém as palavras” (p. 189), portanto uma expressão não-verbal é o ‘compromisso’, que pode não apenas abrir espaço para histórias consideradas como ainda não ditas, mas para ajudar o terapeuta a estabelecer uma relação terapêutica colaborativa com a família/casal.

Em seus escritos, o autor citado, discute a questão de que na prática terapêutica da família a importância da comunicação não-verbal parece obscurecida, a partir de um paradigma narrativo, cuja atenção tende a orientar-se para o comportamento verbal, referido como a “história que os clientes narram” (p.191), e a subestimar o comportamento não-verbal, referente à “história que os clientes mostram” (p. 191), o que, conforme explica, evidencia-se pela ausência do assunto na literatura das terapias colaborativas.

Consonante a essas colocações, Andersen (1995) sugere que à medida que o terapeuta abre-se à percepção de como as histórias são narradas por ocasião das conversas terapêuticas, ele se compromete com a tarefa atenta e respeitosa acerca

dos sinais corporais dos clientes, visto que, estes dizem respeito a como os clientes se sentem dentro da conversa terapêutica.

Grandesso (2012) esclarece que a terapia em uma perspectiva pós-moderna, sob orientação narrativa e colaborativa, abandona a idéia do terapeuta como especialista, concebendo-a como atributo exclusivo do cliente, no que diz respeito à sua história e narrativas. Neste sentido, o terapeuta, em uma posição descentrada, porém influente, coloca-se como parceiro conversacional, comprometido com a abertura de espaços dialógicos com a utilização das diferentes versões da linguagem, verbal e não-verbal, portanto, falada, escrita, gestual ou gráfica, tendo as metáforas narrativas, visuais e/ou auditivas como recursos conversacionais.

Vastamente utilizado como recurso tradicional em psicoterapia e arteterapia, o desenho tem sido mais explorado junto ao público idoso (Souza, 2005), adolescente (Riley, 2001) e especialmente infantil (Malchiod, 2001), em uma perspectiva ludoterápica e de cunho essencialista, como meio revelador da personalidade e dos conflitos, concernentes a uma ideologia individualista, geradora de “uma cegueira sistêmica”, pois que, são desconsideradas as condições sociais concretas nas quais vive o indivíduo, (Gergen, 1999, citado por Rasera & Japur, 2007, p. 36). Exceção feita ao trabalho desenvolvido com crianças por Epston, Freeman e Lobovits (2001), no qual o desenho é utilizado como ferramenta das práticas narrativas. Tais práticas privilegiam a natureza múltipla do indivíduo, conferida pela “possibilidade de adotar diferentes posições e de contar diversas histórias de si, de acordo com as contingências do contexto e do momento interativo” (Guanaes, 2006, p. 48). Visão esta que concebe um indivíduo socialmente construído nos relacionamentos, nos quais está imersa a linguagem, cujo caráter performático cria a realidade por meio de determinadas descrições e explicações (Rasera & Japur, 2007). Na amplificação do sentido de linguagem para além da verbal, considera-se fundamental, no desdobramento deste estudo, outras versões possíveis referentes à linguagem não-

vebal e à linguagem imagética⁶ do desenho, como princípios dialógicos na construção do espaço terapêutico.

Com efeito, a natureza dialógica e espontânea do desenho no contexto terapêutico é inerente a sua dimensão criativa. Caráter este que, conforme Shotter (2012, p. 105), similar a "todas as atividades dialogicamente estruturadas", gera continuamente novas possibilidades inventivas e discursivas situacionais, de tal forma que nunca tenha existido antes, como "algo absolutamente novo e impossível de se repetir, algo que surge a partir de algo dado... Aquilo que é dado é totalmente transformado naquilo que é criado" (Bakhtin, 1996, citado por Shotter, 2012, p. 105). Imprevisíveis, tais criações tornam-se algo vivo e transformador, dado que a linguagem do desenho cria um discurso dialógico novo transformando-se no próprio discurso. Deixa de ser então traços imagéticos, figurativos, representacionais e ganha dimensão dialógica. Dessa forma, o desenho, quando acionado como opção discursiva, oferece condições para a criação de algo até então não criado.

A utilização do desenho nas práticas narrativas tem o pressuposto de que:

O campo da terapia das artes expressivas tem coisas em comum com a terapia narrativa. Embora a teoria que se baseia uma e outra possa ser distinta, a "expressão" artística dos problemas é inerentemente similar à prática da externalização. O mesmo processo de desenhar, esculpir ou representar a relação com um problema provoca de forma natural um sentimento visceral de que o problema está situado fora da pessoa, como objeto de reflexão (...) (Epston, Freeman e Lobovits (2001, pp. 210-211). [*tradução deste autor*]

⁶ Referente à imagem e à imaginação ou, no sentido deste estudo, o que contém imagem em conexão à construção dialógica a partir do desenho.

Neste sentido, para estes autores, a ação expressiva por meio da arte promove novos discursos, à medida que oferece abertura para a inteligibilidade sobre as narrativas saturadas pelo problema.

Corroborando, Goolishian, Guattari e Sluzki (1996), esclarecem que a linguagem e o diálogo não devem se restringir ao uso de palavras, posto que o diálogo se dá por meio de múltiplos vocabulários, dentre os quais se inclui a arte como parte das interações de construção de sentidos entre as pessoas envolvidas nessa relação dialógica.

Parafraseando Cesar (2012), o desenho com casais, assim como o brincar em terapia na qual há crianças envolvidas, constituem-se como recursos conversacionais e facilitadores do processo terapêutico. Intervenção esta que exige ousadia e inventividade por parte do terapeuta, em razão de sua ação ser, cotidianamente, permeada por discursos culturais dominantes que o convidam a sustentar o papel tradicional de especialista e solucionador de problemas. Esse empreendimento criativo que, em sua essência, está comprometido com a espontaneidade e a flexibilidade do terapeuta pode, em alguma instância, ser tido como inócuo e banal, promovendo certa insegurança e receio em servir-se de tais recursos. Entretanto, a sua utilização ao longo do processo terapêutico confere “sentido singular, consensual e compartilhado” (p. 88) entre casal e terapeuta. Da mesma forma que o brincar, o desenho configura-se em “uma prática discursiva *opcional*, não universal e potencialmente útil [na] produção de relatos alternativos” (p. 88), os quais são permeados de possibilidades inventivas e novas significações a serem experimentadas na vida, pois que o “vivido é completamente transformado pelo que é criado” (Cesar, 2012, p. 108), permitindo assim, a construção social de realidades libertadoras.

A coconstrução de tais realidades torna-se possível mediante abertura do terapeuta para transpor a instabilidade, eximindo-se dos aparatos teóricos estáticos e protetores e da centralidade do conhecimento, bem como, para criar contextos

dialógicos com a inserção da terapia como arte, cuja “improvisação ocupa seu lugar como a expressão da singularidade do terapeuta por meio de sua espontaneidade” (Colombo, 2000, p. 172).

A ação criativa a partir do desenho pode trazer uma ampliação no modo de conversar sobre o problema conforme Epston, Freeman e Lobovits (2001). Neste caso, o uso do desenho como um recurso linguístico oportuniza ao casal a investigação sobre as narrativas saturadas/dominantes relatadas por cada um dos cônjuges, as quais podem ser identificadas como geradoras, bem como mantenedoras do problema. O desenho convida o casal a desalojar-se do lugar, de certo modo, seguro, a que está habituado e introduz, na sua própria feitura, a novidade. Com efeito, ao considerar o casal como produtor de um discurso minimamente organizado sobre o seu problema relacional, de modo a confirmar o vivido como verdade, a elaboração criativa do desenho apresenta-se como uma surpresa, visto não estar planejado como possibilidade discursiva e, sobretudo, como produtor de sentido.

O desenho, neste contexto, pode adquirir um caráter desconstrutivo do já posto, do estabelecido, abrindo, assim, a possibilidade de novos entendimentos acerca do vivido como problema na interação conjugal. A produção de imagens gráficas sugere significações e ressignificações concernentes às questões relacionais, ou, dito de outra forma, as conversas sobre os desenhos produzidos são geradoras de imagens que dizem respeito às pautas relacionais do casal.

Neste ponto, faz-se necessário esclarecer que a linguagem metafórica do desenho constitui-se menos ameaçadora, porém não menos importante, em aspectos difíceis de adquirirem novos sentidos na relação. Considerando, portanto, a metáfora como uma linguagem fértil, facilitadora na construção de histórias alternativas e de sentidos novos, o desenho irrompe como imagem metafórica da relação do casal ou do problema relatado, bem como da narrativa dominante.

Colombo (2000; 2012) observa as metáforas como fábulas que se oferecem envolvidas por imagens e sensações para a descrição das experiências emocionais do viver e, por isso, permitem a construção de novas narrativas sobre tais experiências, de forma a incorporá-las na própria história, transformando assim a realidade. A natureza provisória e mutável da metáfora é tida como um convite reflexivo sobre a remoção de uma realidade paralisada e um senso do absoluto, de forma a mobilizar forças criativas para a construção de outras realidades.

A exploração de procedimentos que aponte a construção de um futuro possível, sobretudo como parte de um processo de mudança, implica na ação sobre as circunstâncias atuais, bem como na inclusão do imaginário, dos 'mundos' virtuais criados na conversação, constituindo-se, assim, em realidades possíveis que, uma vez criadas possuem existência e se sustentam como alternativas. "Imaginar 'outra realidade' é, ao mesmo tempo, imaginar as ações que conduzem a ela e, portanto, outra existência para quem a imagina" (Schnitman, 2000, p. 296).

Sob esta perspectiva, as possibilidades conversacionais criativas disponibilizadas pela linguagem do desenho são enriquecidas pelos traços e gestos que os acompanham, pela imagética e suas cores e formas, pelas metáforas e seus enredos inventivos, pelas entonações da voz que narra a história, e pela história com suas possibilidades do real. Características essas que se tornam recursos eficazes nas práticas narrativas, conforme expresso por Epston, Freeman e Lobovits (2001), cujos relatos sugerem que os bons resultados conseguidos com a expressão artística não diferem dos obtidos com a externalização da Terapia Narrativa.

Fundamentados em Weller (1993, conforme citado por Epston, Freeman & Lobovits, 2001), tais autores ressaltam a afinidade pragmática entre a Terapia de Artes Expressivas e a Terapia Narrativa, uma vez que, ambas, para além de atenderem à realização de diagnósticos e de interpretações objetivas, estimulam os clientes a construir sentido sobre sua própria expressão.

Estes autores pressupõem que o interesse na 'representação de novos significados' condutiva a relatos de histórias alternativas, adquire novas perspectivas no âmbito da Terapia de Artes Expressivas, pelo fato de que a inclusão de outros campos de expressão para a 'representação' de um significado ou de uma história novos, contribui na solidificação de uma nova experiência. Desta forma, "ver literalmente em um desenho uma visão distinta acrescenta uma dimensão sensorial para a representação de significados" (Epston, Feedman & Lobovits, 2001, p. 212).

Qualificado como um recurso dialógico expressivo-criativo possível para o entendimento do problema, facilitador, portanto, da construção de narrativas menos restritivas e aprisionantes, o desenho pode ser introduzido em situações carentes de uma linguagem mais abrangente e menos contaminada pelos discursos socialmente disponíveis. Neste contexto, funda-se um espaço dialógico criativo-reflexivo, o qual abre caminho para a desconstrução de narrativas tidas como as únicas possíveis ou verdadeiras na pauta relacional do casal. Tal processo enceta outras formas disponíveis de entendimento, até então não percebidas, acerca do vivido como realidade.

Mobilizador de uma postura interessada e respeitosa referente à produção criativa do cliente/casal, o desenho se acopla com a principal ação interativa do contexto terapêutico para o entendimento compartilhado – a pergunta. Da produção criativa do desenho emergem naturalmente perguntas e com elas as conexões, as possibilidades, os sentidos. Gadamer (1997, citado por Guanaes, 2006, p.65) considera que a "essência da pergunta é a de abrir e manter aberta possibilidades", sendo, portanto uma ação particularmente útil para a compreensão do terapeuta sobre as descrições apresentadas pelo cliente, o que faz das respostas possibilidades reflexivas para o próprio respondente, o cliente. O processo gradativo da construção espontânea das perguntas, mediante a conversação reflexiva, referente ao desenho, abre novos espaços dialógicos sobre a criação do desenho, em uma ação coconstruída, que "dá forma e uma nova coerência ao sentido e às

práticas: existentes e emergentes” (Schnitman, 2000, p. 298), como um fluxo contínuo de possibilidades de ordem reflexivo-criativa.

A condição ‘reflexiva’, nas palavras da autora citada, é referida como:

(...) uma volta dos participantes sobre si mesmos e sobre as respostas, quer dizer respostas ativas dos consultantes/terapeutas a suas próprias construções/ações (os produtos), assim como à resposta dessas construções aos terapeutas/consultantes, que vão tomando diferentes formas. Esse diálogo reflexivo entre terapeuta e consultante(s), o processo e os produtos podem ser vistos como uma trama de diálogos, nos quais os participantes respondem ao processo e às produções, por meio de suas ações e elaborações, enquanto as produções respondem aos participantes. (...) Nesse processo, os participantes experimentam, e se experimentam, refletem em relação aos novos fenômenos que vão descobrindo. Em síntese, “dialogam” com o que produzem, seus “materiais” e consigo mesmos (p. 298).

A reflexividade dialógica, produtora dessa nova coerência, confere à produção criativa do desenho, um terreno fértil para a articulação de perguntas transformadoras, as quais favorecem ao cliente, criador do desenho, a apropriar-se da autoria de sua obra narrada, permitindo-se, portanto, habitar sua própria construção/criação – a *poíesis*.

As perguntas sobre o produto criativo colocam terapeuta e cliente em conexão, uma vez que esta, conforme Colombo (2012, p. 113) “não pressupõe somente proximidade, mas exige também uma qualidade especial, que é a da escuta da linguagem do outro, em suas diferentes expressões: a palavra, o gesto, as brincadeiras, etc.”, bem como o desenho. Essa condição refere-se a um tipo especial de compreensão, que segundo Guanaes (2006) implica não em buscas lineares de causa e resultados, mas em uma ação conjunta na construção de modos mais

complexos e ativos de aprendizagem, que produtores de entendimentos abrem-se à mudança, a qual se torna possível mediante a capacidade de legitimação da incerteza como parte do processo de construção de sentidos.

Pensar, portanto, o desenho como linguagem alternativa na coconstrução dialógica do contexto terapêutico, é também pensá-lo como espaço plural dinâmico e potencial, onde transitam sentimentos, sensações, impressões, pontos de vista, vozes, palavras, histórias, até então não percebidas e nomeados, porém com possibilidade de significação e nexos, passíveis de construção de realidades para novas formas de vida futura.

Tendo em vista a proposta de utilização do desenho como uma linguagem possível no entendimento das questões conjugais, faz-se necessário, para a continuidade deste estudo, apresentar os resultados encontrados na revisão bibliográfica sobre o tema, na qual observou-se que as pesquisas realizadas com a utilização de desenho em Terapia de Casal, são tímidas. Em busca eletrônica realizada na base PsycINFO por publicações entre 2001 a 2012, por meio dos descritores *couple therapy* e *drawings*, resultaram em seis referências, das quais dois eram capítulos de livro e quatro artigos, abrangendo terapia psicanalítica de família, testes de avaliação de funcionamento familiar e o desenho como expressão das percepções do casal. Dentre essas referências encontramos apenas o estudo de Rober (2009), cujo foco não está “no conteúdo das imagens dos membros do casal, mas no intercâmbio dialógico acerca dos desenhos”, buscando “criar espaços para novas narrativas” (p. 117). O referido autor destaca que a linguagem metafórica e os métodos terapêuticos não-verbais têm sido considerados em sua importância por muitos autores do campo da Terapia de Família e Casal, embora, raramente contem com estudos claros e estruturados pelos quais possam orientar-se em sua prática, em especial no que diz respeito à Terapia de Casal.

No trabalho com casais, Rober (2009) propõe um enfoque dialógico no uso de desenhos relacionais que, considerados metáforas representacionais da relação

conjugal, são “ferramentas úteis para promover este processo” (p. 118). O referido autor tem o foco voltado para as indecisões dos clientes e para aquilo que lhes surpreendem. Diante disso, realça a importância de o terapeuta conhecer as percepções individuais que cada um dos membros do casal tem de si e do cônjuge, bem como o que sentem ser fundamental em seu vínculo. Trabalho este que implica um respeito genuíno, sobretudo quando os clientes se mostram reticentes em relatar experiências que consideram delicadas. Para tanto, conforme Rober (2009), os desenhos da relação podem “abrir espaços para relatos novos e inesperados na sessão [pois], ajudam os membros do casal a tomarem certa distância de seus conflitos e desgostos cotidianos [e] abordar aspectos que são difíceis de por em palavras” (p.127). Interessa-se em criar, em conjunto com o casal, um “contexto dialógico de exploração e curiosidade empática a partir dos desenhos” (p.118), os quais lhes oferecem a autonomia de escolher sobre o que falar na sessão, nos casos de aspectos relacionais vulneráveis, bem como para compartilhá-los.

Em sua perspectiva metodológica, o mesmo autor usa esse protocolo com frequência em seu trabalho com casais, aos quais são propostos nas primeiras sessões, no intuito de que “a conversação sobre os desenhos possa ajudar a criar, em forma dialógica, uma agenda de alguns temas interessantes, os quais seriam relevantes que o casal discutisse nas sessões seguintes” (127). Embora considere que algumas vezes o método não seja eficaz aos clientes, casos estes que o terapeuta busca outras estratégias de ajuda, na grande maioria, os casais relatam ter sido muito valioso esse enfoque de terapia.

Consonante com as vozes de “Bakhtin (1984, 1986), Volosinov (1973), e Shotter (2000, 2006), Rober (2009) considera fundamental o caráter único do diálogo em terapia (...)” (p. 118), trabalho este que se alinha com a presente proposta de pesquisa, dado configurar-se como um estudo de caso numa perspectiva das terapias pós-modernas, inspirado em Michael White, Tom Andersen e John Shotter.

Um outro trabalho deve ser considerado, embora não seja direcionado ao casal, mas à família, nem se trate de desenho, e sim de pintura, é o de Kjellberg (2002). Conforme afirma a autora,

o trabalho combina dois campos principais da prática clínica: falando de forma reflexiva em um processo sistêmico-construcionista e pintando e encontrando-se com as “paisagens interiores” em um processo de arte-terapia, indo antes ao mundo das expressões, principalmente através da pintura e das palavras, no trabalho que constitui o campo e a forma desta comunicação (Kjellberg, 2002, p.104).

Ao considerar o sistema como criador do problema, a autora citada, coloca-se como responsável em viabilizar meios aos membros do sistema para se expressarem e ouvir uns aos outros, tornando-lhes possível ‘o ser e o agir’ de forma diferente. Esse procedimento denominado de “discussões reflexivas” (p.105), mais do que as palavras ditas, dependem do modo pelo qual são expressas e do que promovem. Nessa perspectiva, ela traça semelhanças entre as conversas reflexivas propostas por Tom Andersen e as paisagens terapêuticas desenvolvidas por Janet Svensson, dado que, em ambas as “tradições clínicas, a pessoa que fala ou pinta tem absoluto direito à interpretação de suas próprias expressões ditas ou pintadas e é, assim, o principal *expert* sobre sua própria vida” (p. 106). A quem ouve a história ou vê a pintura, apenas cabe dizer as impressões sobre o que elas contêm ou significam, compartilhamento este que torna o diálogo possível.

Situações nas quais as famílias, por razões diversas, encontram-se aprisionadas em crises, movidas por sentimentos de medo, raiva ou tristeza, tendem a diminuir a possibilidade dialógica, o que para Kjellberg (2002) significa “manter uma paisagem parcial e modelos simplificados de compreensão” (p. 112), cujas palavras tornam-se inadequadas para descrevê-las, posto a linguagem falada ser percebida como perigosa ou potencialmente prejudicial, em que “o silêncio é considerado como

único caminho de sobrevivência” (p. 112). Este contexto é observado pela referida autora como propício ao emprego das pinturas de paisagens, no qual, ao falar sobre elas, durante e após a sua realização, novas questões podem surgir subitamente, promovendo longas discussões. Atenta aos temas problemáticos, a autora busca tratá-los junto a outros temas da vida familiar, cujas sessões podem constituir-se de momentos para pintar e momentos para falar, durante as quais a pintura é usada, mais especificamente, como forma de manter a família junta quando, temporariamente, a conversa habitual com palavras não se faz possível.

Nesta conjuntura, a família entra em um processo de pintura espontânea, cuja proposta livre permite que todos os movimentos do corpo possam participar do processo. Concebidas como pinturas internas ou imagens, têm o caráter de permanente nascimento, dado ser constituídas por memórias e expressão de emoções e sentimentos conectados aos eventos e às experiências do início da vida e atuais. Além disso, Kjellberg (2002) ressalta que a pintura espontânea contém conceitos referentes ao futuro, respaldado pela esperança e possibilidade de mudança no desenvolvimento, assim, elas “contém ‘o todo’ e refletem experiências difíceis bem como alegria, força e esperança”. (p.116).

Sob o ponto de vista histórico, foi desenhando que o homem fundou a narrativa de seus feitos e, conectando situações experienciadas, construiu sua história primal, seu jeito de estar no mundo. Desenhando deu sentido ao seu mundo. O desenho, como imagem metafórica da relação do casal e do problema, torna-se uma forma de expressão fértil, um veículo possível na captura de momentos marcantes e transformadores no contexto terapêutico – norteador da produção de sentidos articulados por meio de novas narrativas, mais libertadoras e engajadas. Assim, desenhando, o casal, em interlocução terapêutica, cria possibilidades de novas significações ao seu mundo conjugal.

A proposta da inclusão do desenho como recurso conversacional, a contento das reflexões citadas, não invalida as formas já efetivadas e usuais da linguagem,

pelo contrário, busca identificar a amplitude do entendimento do uso da linguagem em uma ação conjunta corporificada.

Gergen (1997) e Shotter (2008) discorrem sobre a função da narrativa como organizadora da experiência vivida e, conseqüentemente, como construtora do *self*, noção esta que diz respeito às narrativas de si, desenvolvidas nas interações, das quais as pessoas participam, mediante ordenação lógica e temporal de eventos pessoais. Sob este aspecto, Guanaes (2006) sugere que, ao desenvolverem uma determinada narrativa de si mesmas – *self narrativo* –, as pessoas estão dispendo conexões coerentes entre eventos de suas vidas, tentando construir uma história pessoal que as torne inteligíveis a si mesmas e aos outros e que garanta o efeito de realidade, verdade e lógica às suas descrições.

Estabelecendo uma aproximação complementária da função da narrativa com a ação criativa⁷ humana, tem-se, nas palavras de Ostrower (1987), que o ‘ordenar’, o ‘dar forma’ à experiência é uma necessidade do ser humano. A profunda motivação humana de criar é gerada por essa busca de ordenações e significações, uma vez que,

Impelido como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar⁸. Ele precisa orientar-se, ordenando os fenômenos e avaliando o sentido das formas ordenadas; precisa comunicar-se com os outros seres humanos, novamente através de formas ordenadas. Trata-se, pois, de *possibilidades*, potencialidades do homem que se convertem em *necessidades existenciais*. O homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer

⁷ Conforme Ostrower (1987, p.9), “Criar é basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse ‘novo’, de novas coerências (...), fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.”

⁸ Para Ostrower (1987, p.9), “(...) o homem é um ser formador”, o que significa ser capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem em sua vida e, assim, configurá-los em sua experiência do viver e lhes dar sentido.

enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando. (...) A *percepção de si mesmo* dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana (pp. 9-10, grifos da autora).

É preciso, portanto, considerar que o desenho engendra a possibilidade da expressão de uma mensagem viva, o que se revela pertinente no trabalho terapêutico. Isto posto no contexto do atendimento terapêutico do casal, traduz-se como meio de motivá-lo a conversas criativas sobre o problema relacional, livrando-o da narrativa saturada, do discurso contaminado sobre o qual o problema é sustentado. Ou, de outra forma, o desenho pode conduzir à consecução do distanciamento da visão única de que a vida conjugal está submersa na situação da queixa, conformando, desse modo, a personificação do problema e a possibilidade de, numa ação criativa, lidar com uma narrativa organizadora do *self*, norteadora de considerações mais amplificadas, para o entendimento de como a força cultural e outras relações de poder influenciam a narrativa de si e a da coconstrução conjugal.

A colaboração da produção criativa, materializada no desenho, traz o entendimento de que:

O processo de criação sempre nos confere novas formas de significação. A utilização de técnicas expressivas (...) fornece às *virtualidades* um canal expressivo pelas quais articulam-se nas categorias espaço e tempo adquirindo uma identificação, ou uma personificação, por se tornarem objetivadas e, portanto, reconhecidas e legitimadas (Urrutigaray, 2004, pp. 26 e 29, grifo da autora).

Tem-se assim, um contexto que se torna propício à escuta de outras vozes que não a do problema, visto que, nesse estágio de entendimento a descoberta do casal de que não mais está sob o domínio do problema, aponta que 'o problema tornou-se o problema' e, por conseguinte, relacionar-se com ele torna-se 'o

problema', nestes termos, conforme propõe Anderson (2009), o problema é considerado dissolvido no discurso. A partir de então, o desenho estará a serviço de contar a história do problema, bem como abrir possibilidade para ressignificá-lo.

A prática do desenho em terapia de casal orienta para a construção de contextos participativos, geradores de novos significados, nos quais os cônjuges possam sentir-se seguros para o engajamento no processo criativo, com possibilidades inventivas de um 'vir a ser' desejável e satisfatório. Neste sentido, conforme afirma Wilson (2012), as ferramentas criativas são contribuições para as práticas de 'tornar-se', tanto para o casal quanto para o terapeuta e, sobretudo, essenciais na prática terapêutica participativa.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa fundamentada no construcionismo responsivo-relacional de Shotter (2008), cuja ênfase recai nos processos locais e situados de construção de sentido, na dinâmica do momento interativo imediato e na atenção à investigação sobre o fluxo conversacional, especialmente, da natureza dinâmica, corporificada e responsiva do uso da linguagem.

A proposta a metodológica de Shotter – a poética social – afirma a necessidade de argumentos alternativos na investigação das ciências humanas que contribuam com formas menos comprometidas com a explicação do real e mais engajadas com a tarefa prática da ampliação de possibilidades de sentido social.

3.1 POÉTICA SOCIAL

O ser humano, retórico que é, conecta-se com seu entorno e forma-o por meio do discurso responsivo, cujo caráter dialógico-relacional ocorre em uma zona de indeterminação, tendo, portanto, lugar entre os interlocutores momento a momento da interação espontânea e responsiva, o que sugere, baseado nas contribuições bakhtinianas, que as relações dialógicas não podem ser reduzidas à lógica, à categorização ou a formas teóricas de falar. Por se situar na divisa, na fronteira dos enunciados, das impressões e dos sentidos conferidos pelos interlocutores, o diálogo incorpora a alteridade da linguagem e o significado (Shotter, 1996; Cunliffe, 2000). Desta forma, torna-se importante a questão de como as pessoas se movem nessas zonas fronteiriças em suas conversas e, a partir delas, negociam algum tipo de senso comum (Cunliffe, 2000).

Sob esta perspectiva, a poética social chama a atenção para modos de conversas tomadas como certas e oferece uma maneira de explorar como, no fluxo da atividade dialógica corporificada⁹, as pessoas se conectam ao seu redor e produzem o sentido de suas experiências a partir de formas criativas de falar.

Diante da concepção da linguagem como criativa e metafórica, na prática da poética social, a realidade se caracterizará por imagens criadas pela própria linguagem, cuja experiência e conhecimento de mundo de cada um dos participantes da conversa tornam-se entrelaçados, estreitamente conectados. Entende-se as metáforas como um aspecto fundamental da criatividade linguística do processo de produção de sentidos, sendo potentes artifícios retóricos, uma vez que podem criar imagens vívidas e respostas corporificadas, favorecendo a captura de ‘momentos marcantes’, os quais oportunizam a construção de significados compartilhados. Cunliffe (2000) sugere que a potência das formas metafóricas de falar é oriunda de sua ‘alteridade’ implícita, bem como de sua capacidade de provocar respostas corporificadas e impressões compartilhadas (Cunliffe, 2000, 2002).

A poética social investiga o espaço dialógico relacional, visibilizando os processos discursivos e relacionais de produção de sentidos, cujo papel do pesquisador não se circunscreve à descrição dos sentidos presentes nos enunciados e respostas mútuos das pessoas. Antes, interessa-se por como tais pronunciamentos se relacionam e o modo como constroem, entre si, numa ação conjunta, espontânea e de uso corporificado da linguagem, conexões ou desconexões e, a partir daí, determinadas realidades conversacionais (Shotter, 1998; Cunliffe, 2002).

Na investigação fundamentada neste método, destaca-se a importância de uma relação corporificada, dialógica e envolvida do pesquisador com seu objeto de estudo, cuja ênfase é posta sobre as ocorrências singulares, os momentos marcantes, as relações não vistas anteriormente nas interações ou nos diálogos com

⁹ Neste texto, o termo ‘corporificado’ refere-se à tradução de *embodied*, entendido como ‘encarnado’ para outros autores.

a questão estudada. “O pesquisador é considerado parte de um jogo de linguagem, no qual sentidos emergem por meio da relação responsiva e retórica que ele estabelece com as questões que investiga” (Guanaes & Japur, 2008, p. 119).

Focado no contexto microssocial de produção de sentidos, a poética social estabelece diálogo com o contexto macrossocial à medida que considera as pessoas, inclusive o pesquisador, como partícipes de um mesmo e único fluxo conversacional e, simultaneamente, em contato com inúmeras outras vozes, discursos sociais e gêneros de fala, próprios a um dado contexto sócio-histórico-cultural. São estas estabilidades de sentido presentificadas na interação imediata entre os interlocutores que garantem ou impedem algumas formas de entendimento compartilhado acerca da situação vivenciada (Guanaes & Japur, 2008).

Diante disso, o pesquisador, nesse tipo de investigação, é considerado como parte inseparável do processo de produção de sentidos e tem por objetivo a criação de estratégias retóricas que permitam a abertura a novas possibilidades de significações dos eventos investigados (Guanaes, 2006). A pesquisa caracteriza-se como um processo vivo de construção e reconstrução de sentidos de mundo, o que significa constituir-se em uma prática dialógica, “um processo de construir impressões conjuntamente” (Cunliffe, 2002, p. 134).

Tendo em vista que na prática da poética social a ação do pesquisador não é marcada por uma linguagem afirmativa ou explicativa, mas, pelo contrário, alusiva, parcial e exploratória, este, ao dialogar com outros sentidos de mundo, próprios a sua história conversacional e à cultura da qual faz parte, experimentará tentativas de significação. Tentativas estas que não visam esgotar as possibilidades de produção de sentido dos eventos estudados, mas criar um senso de experiência compartilhada, para o qual outros são convidados à participação (leitores, pesquisadores) no processo dialógico de construção de conhecimento. O pesquisador busca, desse modo, construir relações ou conexões criativas entre os eventos estudados e outros aspectos da vida social. Motivo pelo qual, esse tipo de investigação privilegia as

descrições em primeira pessoa, possibilitando ao pesquisador apresentar as questões que investiga – e que, portanto, busca significar – a partir das relações ou conexões que estabelece com aspectos que lhe são mais familiares (Guanaes, 2006).

A partir disso, compreende-se que, na poética social, o texto científico não é, em si mesmo, significativo. É no diálogo com outras vozes que lhe emprestam sentido, podendo ser construído como uma ferramenta ou opção discursiva útil à criação de novos modos de compreensão e ação no mundo (Guanaes, 2006).

A poética social, dessa forma, não se propõe a produzir um conhecimento essencialista e verdadeiro sobre o mundo, ao contrário, incorpora uma perspectiva dialógica reflexiva, buscando definir a prática científica como um momento ativo de construção de sentidos que pode vir a contribuir com o conhecimento social à medida que participa de outros diálogos, ampliando assim as possibilidades de significação já existentes e favorecendo a construção de formas alternativas de vida e relação entre as pessoas.

Neste estudo do processo de produção de sentidos na relação terapêutica, utilizamos a prática da poética para compreender os momentos de criação de sentidos. Tais circunstâncias são marcadas pelo engajamento conjunto do terapeuta e cliente/casal numa conversa orientada pela busca de diferenças, de conexões, criando possibilidades de emergência de novidade, de sentido que dá forma a modos de fala e de interação a algo até então sem possibilidade de expressão ou, de outra forma, até então não disponibilizado na linguagem. Esse tipo especial de interação acontece em momentos significativos, usualmente vividos pelos envolvidos no processo dialógico como 'momentos marcantes', experimentados quando palavras, gestos, sentimentos os capturam e os movem para ver, agir ou se relacionar com os outros de determinadas maneiras (Shotter, 1996; Shotter & Katz, 1996, 1998).

Os momentos marcantes envolvem um tipo especial de conversação, em que as pessoas constroem uma forma de falar que é tanto relacional como responsiva.

Nesta interação, as pessoas podem criar um entendimento compartilhado e legitimado sobre o que é importante para elas, sobretudo por meio da construção de conexões entre os eventos narrados, e podem pensar conjuntamente com o terapeuta sobre soluções criativas para seus problemas (Rasera & Guanaes, 2010).

Envolvidos por uma atmosfera respeitosa e não-avaliativa, os momentos marcantes constituem-se como momentos centrais para entendimento de como sentidos únicos podem emergir em uma interação e alterar as formas das pessoas se relacionarem consigo mesmas e com o mundo ao seu redor (Guanaes, 2006).

3.2 OBJETIVO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender os processos relacionais de coconstrução de sentidos mediante a criação do desenho, no contexto de Terapia de Casal. Buscaremos, especificamente, analisar as implicações da utilização do desenho, na construção de narrativas de mudança de si e da relação conjugal.

3.3 CONTEXTO E PARTICIPANTES

O objeto de estudo desta pesquisa consistiu de atendimentos a três casais em Terapia de Casal, de curta duração, em 10 sessões, com periodicidade semanal e duração de 90 minutos cada uma, tal como é regularmente oferecido a usuários da Clínica Social de um Instituto de Terapia Familiar em Uberlândia, cujo recrutamento obedeceu à rotina da instituição. O número de três casais participantes deu-se por consideramos esta a diversidade mínima para pensarmos diferentes usos do desenho.

O atendimento foi realizado por este pesquisador e teve como objetivo: (a) criar um contexto conversacional; (b) identificar e explorar as narrativas do casal

construídas sobre as questões que o afligem; e (c) desenvolver, por meio do diálogo, bem como do desenho, novos significados, narrativas e histórias, viabilizando o surgimento de autodescrições e narrativas de vida novas.

A postura do terapeuta foi pautada na posição filosófica proposta por Anderson (2009) que pressupõe uma atitude respeitosa, reflexiva e compartilhada, em que o terapeuta como observador participante situa-se numa posição igualitária e não hierárquica na construção da realidade terapêutica, e como facilitador participante, cria e sustenta conversações dialógicas numa postura de não saber, que presume: confiar e acreditar, fazer perguntas conversacionais, ouvir e responder, manter a coerência, estar em sincronia e honrar a história do cliente. Esta posição é marcada pela multiparcialidade, em que todas as visões presentes são consideradas no sistema terapêutico (Anderson & Goolishian, 1996; Grandesso, 2000; Anderson, 2007; Rasera & Japur, 2007).

O recrutamento de participantes para esta pesquisa foi realizado de acordo com a rotina institucional, dentre os casais que procuraram espontaneamente ou foram encaminhados para atendimento em Terapia de Casal com este terapeuta. Na ocasião, foram apresentados os objetivos e intenção desta pesquisa para os casais, com vistas a angariar seu interesse em participar da mesma.

Para o desenvolvimento deste estudo foi necessário observar alguns quesitos, tais como critérios de inclusão, para os quais foram consideradas (a) a solicitação de Terapia de Casal na Clínica Social trazendo a queixa de problema conjugal; e (b) a concordância e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (*Anexo 1*), posto que, a pesquisa ocorreu mediante o consentimento do casal em disponibilizar o material do atendimento para estudo do pesquisador. Também foi adotado como critério de exclusão casais com paciente psicótico, drogadicto e violência conjugal, casos estes, cuja complexidade exige aparatos profissionais e institucionais não contemplados neste estudo, dada a brevidade do projeto terapêutico. Finalmente, foi estabelecido como critério de suspensão ou

encerramento a desistência espontânea, por parte dos casais, em continuarem participando desse estudo. A esta decisão está vinculada a destruição presencial de todo o material vídeo-gravado e dos desenhos até então produzidos, bem como a garantia de continuidade do processo terapêutico por este terapeuta ou por outro profissional da Instituição.

Os três casais que participaram desse estudo são formados por (a) Écio e Bia, ambos com 33 anos, casados há três anos e sem filhos; (b) Dante e Carla, com 39 e 43 anos respectivamente, vivem juntos há três anos, e há quatro meses decidiram oficializar a união conjugal. Carla tem um filho do primeiro casamento; e (c) Ciro e Dany, com 24 e 19 anos respectivamente, estão iniciando seu casamento, realizado há menos de dois anos e sem planos de serem pais.

3.4 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Os procedimentos de construção do corpus da pesquisa foram constituídos de seis etapas distintas, descritas a seguir:

a) Entrevistas iniciais

O contato inicial deu-se a partir da triagem dos casais que procuraram por atendimento em uma Clínica Social de um Instituto de Terapia Familiar de Uberlândia-MG.

A primeira entrevista seguiu o protocolo deste serviço, com a realização de entrevista semi-estruturada por meio do formulário “Ficha de Atendimento” (*Apêndice A*), preenchido pelo terapeuta, com os seguintes dados: (1) identificação, (2) endereço, (3) encaminhamento e (4) triagem, subdividida em: (4.1) queixa principal e (4.2) intervenção. Mediante a queixa de problema conjugal, foi oferecida a Terapia de Casal, a qual se efetivou conforme a disponibilidade de ambos os cônjuges para participarem do atendimento, com agendamento telefônico a fim de marcar a sessão.

Na segunda entrevista, foi feito o acolhimento do casal objetivando estabelecer um contato mais próximo, bem como o contrato do trabalho terapêutico. Ao final da entrevista, o casal foi convidado a participar da pesquisa, mediante explicitação detalhada dos procedimentos da mesma, dos seus objetivos, das gravações a serem realizadas das sessões, da utilização dos dados para a pesquisa e dos direitos dos participantes. Diante disso, foi solicitado ao casal que pensasse a respeito da proposta, a qual deveria ser tratada no encontro seguinte, garantindo-lhe a continuidade do atendimento independentemente da decisão que viesse a ser tomada.

No terceiro encontro, mediante aceite ao convite para a participação deste estudo, foi solicitada a assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (*Anexo 1*). Após a assinatura, deu-se início às gravações mediante perguntas junto ao casal, tais como: *‘O que os trouxe à Terapia de Casal?’*, *‘O que vocês esperam que aconteça ao casal a partir da terapia?’*, *‘Como vocês pensam que a Terapia de Casal poderá contribuir para isso?’*.

b) Confeção de arquivos dos desenhos

Os desenhos, realizados com lápis colorido e giz de cera, foram confeccionados pelos cônjuges durante todo o processo terapêutico, arquivados pelo terapeuta e posteriormente fotografados. Ao final do processo, o casal fez um desenho-síntese a partir da produção criada até então, os quais foram arquivados junto aos anteriores.

c) Diário de campo

Foi constituído um diário de campo buscando registrar os detalhes da descrição das situações decorrentes desta pesquisa durante todo o período de coleta de dados, detalhes esses que poderão contribuir complementando os dados úteis para a análise.

d) Registro de atendimento

Os atendimentos foram registrados por meio de vídeo-gravação a partir da 3ª sessão e, posteriormente, editados e transcritos integralmente. Os desenhos foram fotografados como forma de arquivamento.

e) Entrevista final

Ao término do processo terapêutico, foi realizada uma entrevista com o casal, visando obter sua impressão sobre o atendimento. Esta entrevista foi orientada pelas seguintes perguntas: *‘Como vocês se descrevem hoje?’*, *‘Contem-me o que significou para vocês terem participado deste atendimento?’*, *‘Quais os momentos que vocês consideraram marcantes na terapia?’*, *‘Como foi a experiência de produzirem o desenho durante o processo terapêutico?’*. Estas perguntas, acompanhadas da produção expressivo-criativa final, visaram compreender como os membros do casal perceberam sua própria participação, as transformações promovidas pela terapia, e os momentos facilitadores e dificultadores das relações no processo terapêutico.

3.5 ANÁLISE DO CORPUS

O corpus foi analisado buscando compreender o processo de produção de sentidos em Terapia de Casal, especialmente, a partir do uso do desenho, focalizando o modo como os cônjuges construíram numa ação conjunta e corporificada de uso da linguagem, determinadas realidades conversacionais.

Essa análise possibilitou identificar os momentos marcantes no processo terapêutico vividos pelo casal e pelo terapeuta, bem como as descrições de tais momentos, com vistas a compreender os processos dialógicos a partir dos quais a terapia emerge como um contexto de construção de sentidos de si e da relação conjugal.

Os procedimentos de análise do material tiveram por base as propostas da poética social como prática de investigação (Shotter, 1998; Cunliffe, 2002). A análise consistiu nos seguintes passos:

(a) Transcrição de todas as sessões realizadas: a transcrição na íntegra constituiu-se em um momento de produção de sentidos em relação ao material vídeo-gravado das sessões. O texto das transcrições editado em extratos constituiu-se no corpus analisado;

(b) Leitura exaustiva das sessões transcritas com vistas a apreender o dinamismo do processo conversacional, tendo como foco o momento interativo; e a ênfase na ação conjunta responsiva-relacional de construção de sentidos entre os participantes, bem como entre o pesquisador e seu corpus;

(c) A análise descritiva do processo conversacional se desenvolveu da seguinte forma: (c1) seleção dos momentos marcantes relativos aos sentidos de problema, bem como de si entre os cônjuges; (c2) identificação dos momentos marcantes do processo terapêutico, nas sessões transcritas; (c3) descrição de trechos das sessões que ilustram esse processo conversacional; (c4) análise descritiva dos processos de construção dos sentidos de si e da relação conjugal; (c5) análise sobre o uso e os efeitos do desenho buscando entender como este ajudou a construir conexões ou desconexões na narrativa em si, conforme proposto por Cunliffe (2002).

3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa foi realizada de acordo com as Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (Brasil, 1996). O estudo respeitou os princípios éticos de autonomia, beneficência, não-maleficência, justiça e equidade.

Conforme a prática da Terapia de Casal, as conversas foram realizadas com ambos os cônjuges, não havendo atendimento individualizado dos membros do casal.

Visando garantir os princípios éticos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (*Anexo 1*) foi obtido pelo casal participante antes de sua inclusão neste estudo, com o compromisso de que, caso não aceitasse participar, nenhum prejuízo adviria desta situação, sendo-lhe oferecido, regularmente o atendimento em Terapia de Casal.

As sessões foram vídeogravadas e, após a transcrição, desgravadas, garantindo a não identificação dos participantes. O material transcrito, acrescido das fotografias dos desenhos, foram transformados em um banco de dados, para possíveis pesquisas futuras. Vale destacar que os cônjuges foram esclarecidos sobre a composição deste banco de dados, conforme Termo de Consentimento livre e Esclarecido (*Anexo 1*).

4 RESULTADOS

De forma a tornar mais claro o procedimento analítico sobre o uso do desenho, faz-se necessário apresentar os resultados deste estudo em duas partes distintas, porém complementárias. A primeira delas – os usos do desenho – define e ilustra, especialmente, as categorias conferidas às diferentes formas pelas quais o desenho foi utilizado, e a segunda – o casal limitado pela linguagem – contempla a análise detalhada de um dos atendimentos de casal realizado.

A descrição detalhada de tais categorias é uma forma didática, por assim dizer, que pretende facilitar o entendimento da importância do uso do desenho na terapia, bem como, viabilizar o seu emprego em diferentes situações terapêuticas, de modo a, oportunamente, identificar outras categorias contextuais. Este recurso linguístico conta com certa flexibilidade, criatividade e despojamento. A análise mais extensa de um dos atendimentos deixa clara as situações que levaram à identificação das categorias no uso do desenho e suas implicações contextuais. A linguagem do desenho é tão situacional, performática e transitiva, quanto a linguagem normatizada no uso cotidiano, porém seus traços imagéticos registram o momento, que pode ser resgatado em outras formas de interlocuções.

Dividir a análise em duas perspectivas complementares nos possibilitou transitar mais segura e criativamente entre a prática e sua formalização, para construir sentidos sobre um jeito novo de conversar, fazendo-se necessário, portanto, na ordenação deste estudo.

4.1 OS USOS DO DESENHO

A identificação das categorias e implicações do uso dos desenhos aconteceu concomitante à análise das transcrições das conversas desenvolvidas com os casais

durante o processo terapêutico. O estudo constituiu-se em um ponto de reflexão referente ao manejo do desenho como recurso interventivo e seus efeitos na construção de sentidos sobre as questões conflituais propostas pelos casais.

Durante os atendimentos, observou-se que a transposição da linguagem verbal para a não verbal do desenho contribuía para que as questões discutidas pudessem ser compreendidas sob perspectivas tanto menos envolvidas com o então concebido como 'a verdade', quanto mais flexíveis, férteis e, por conseguinte, libertadoras. Mediante as análises das sessões percebemos que o desenho como linguagem situacional, configurava-se em recurso capaz de promover formas plurais de conversação, relevantes na produção de outros discursos, outros entendimentos e, portanto, de novas formas de vida.

Mais especificamente, o uso do desenho, em dadas circunstâncias das conversas, criou contextos propiciatórios à amplificação do entendimento acerca das dificuldades oriundas das relações conjugais, manifestadas no contexto terapêutico. Logo, destacaram-se, (a) situações cujo nível tensional tornara-se agente impositor de incompreensão sobre temas relacionais suscetíveis e essenciais, (b) conversas flutuantes entre um tema e outro, dificultadoras da eleição de uma linha produtiva de pensamento, (c) contextos sustentadores de temas subtendidos ou velados, não abordados por presumirem caos relacional e, por isso, geradores de expectativas equivocadas, (d) discursos alternativos que, pronunciando-se débeis e tímidos, careciam de assertividade e vigor, a fim de serem validados como substanciais na consecução de novas formas de entendimentos e de vida e, por fim, (e) encerramento dedicado à conversa analítica sobre a trajetória, referente à autoavaliação dentro da experiência terapêutica e à apreciação do processo como um todo e seus efeitos imediatos. As cinco categorias do uso do desenho têm sua configuração nessas descrições situacionais e, embora desempenhem características locais em sua atuação, não são estanques em seu uso, visto configurarem-se interdependentes ao processo como um todo. Podem, assim, ser

ampliadas e apresentarem-se imbricadas umas às outras. Dessa forma, a utilização do desenho como sinalizador de foco no tema discutido na sessão, poderá também trazer à tona algo ainda não dito na relação conjugal, o que se configurará em uma segunda categoria, para um mesmo desenho. Em nossa análise, consideramos a categoria predominante no uso do desenho.

Independente do viés adotado, as categorias foram elaboradas de forma a esclarecer didaticamente as possibilidades do uso da linguagem criativa do desenho em contexto terapêutico a partir da análise dos três casos atendidos, nos quais se evidenciaram as cinco formas de utilização do desenho, cujos efeitos estão categorizados em um resumo na tabela e descritos mais detalhadamente em seguida.

CASAIS CATEGORIAS	Casal 1 Écio&Bia (4 desenhos)	Casal 2 Dante&Carla (4 desenhos)	Casal 3 Ciro&Dany (4 desenhos)
Categoria 1: O desenho como alternativa para a conversa inviabilizada pela tensão	Desenhos: 1; 3	-----	-----
Categoria 2: O desenho como sinalizador de foco e seleção da conversa	-----	Desenho: 1	-----
Categoria 3: O desenho como forma de explorar o ainda não dito na conversa	-----	Desenho: 2	Desenho: 1
Categoria 4: O desenho como forma de fortalecer as descrições e narrativas criadas na conversa	Desenho: 2	-----	Desenhos: 2; 3
Categoria 5: O desenho como síntese-avaliatória do processo	Desenho: 4	Desenhos: 3; 4	Desenho: 4

Tabela 1 – Uso do desenho no processo terapêutico

4.1.1 PROMOVER A CONVERSA INVIABILIZADA PELA TENSÃO

Esta primeira categorização do uso do desenho contextualiza-o como alternativa para continuar uma conversa cujo clima tenso inviabiliza sua fluidez. Durante o processo terapêutico de casal são percebidos momentos de tensão sugerindo opiniões divergentes, insatisfações, desencontros, decepções e, em uma esfera mais agravante, ameaça à relação, pelo fato de o casal esbarrar em temas relacionais delicados e difíceis de serem abordados na sua conversa cotidiana. Em geral, a conversa dos cônjuges torna-se limitada e oprimida por uma sensação tensa de desconforto, gerada pela angústia inerente à abordagem de tais assuntos, os quais, às vezes, configuram-se como o ponto vulnerável, o tema “quente” da relação conjugal.

Neste caso, o casal tende a suspender a necessidade de entrar em contato com a situação, dado que a sua iminência é fator de sofrimento ainda maior. Os desentendimentos ganham espaço a partir de temas menores que, tornando-se centrais na relação, afastam o casal do manejo de suas reais dificuldades, protegendo-o, de certa forma, do desconforto do enfrentamento. A aparente impossibilidade de levar o tema adiante se caracteriza, portanto, como produtora do desajuste conjugal e inviabiliza o seu entendimento.

Soma-se a isto o fato de a força destrutiva que o problema silenciado adquire alojar-se na relação como carga tensional, que impõe ao casal suportar estados confusos de sensações, desejos e sentimentos em nível pessoal e conjugal. Situação esta configurada por uma instabilidade relacional crescente, comumente gerida por formas de se relacionar desqualificativas, culpabilizantes e desrespeitosas.

Os recursos pessoais dos casais que vivenciam situações hostis em sua conjugalidade tornam-se escassos e, por vezes, ineficientes. À medida que potencializam o desacordo veem-se envolvidos na armadilha do círculo vicioso, que

lhes rouba a possibilidade de construção de sentidos alternativos para o episódio no qual vivem. Insatisfeitos os cônjuges reúnem-se em torno dos ataques constantes. Encerrados neste clima tenso são, muitas vezes, equivocadamente, nutridos pela idéia da separação conjugal como única solução possível para o que se sentem incapazes de compreender.

Pretendendo minorar o desconforto, o casal vê-se distanciado dos projetos iniciais de vida a dois e dos motivos pelos quais os levaram a se eleger mutuamente. Os discursos perdem a força e o sentido; e a linguagem verbal torna-se limitada, uma vez que os argumentos não mais propõem novidades que possam remover os cônjuges do lugar paralisante no qual se encontram.

Nesta situação, o desenho pode ser oferecido como uma alternativa eficiente a fim de desconstruir posturas enrijecidas pelo sofrimento conjugal e viabilizar a conversa. A inserção dessa linguagem gráfico-criativa possibilita ao diálogo um tom menos árido, mais metafórico, uma vez que a relação é tratada como se fosse o próprio desenho. Contemplando sua qualidade imagética, a linguagem do desenho confere materialidade ao vivido como problema, amplia o campo conversacional e autoriza a exploração de esferas menos racionalizadas de entendimento. Desta forma, conversar sobre a produção criativa do desenho gera imagens menos ameaçadoras, que se tornam 'sínteses' para falar da relação e de determinados aspectos desta que antes eram difíceis de ganhar sentido e de ser nominadas.

Apresentamos a seguir as descrições do uso dos desenhos que justificam esta categoria:

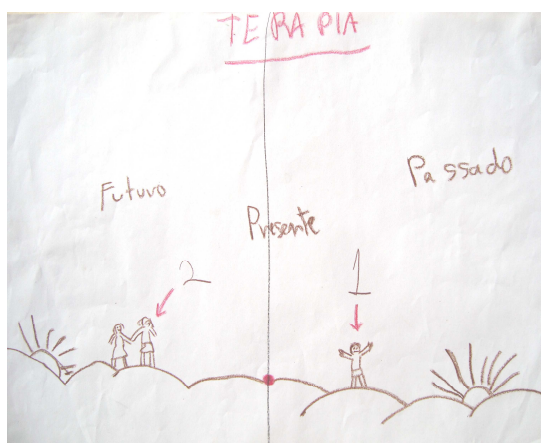
a) Écio & Bia - Desenho 1

Em seu relato o casal descreve como problema principal a dificuldade de entendimento sobre *“pequenas coisas do cotidiano”* e, mais especificamente, a queixa de Bia quanto à ausência de diálogo por parte do marido. Sentiam afastando-se conjugalmente devido à dificuldade na convivência diária e à *“comunicação falha”*.

Écio sentia que o casamento lhe privava de liberdade e Bia gostaria de sentir-se mais leve.

Durante a 5ª sessão, Bia relatou o seu desconforto diante da postura de Écio de “fechar qualquer possibilidade” para facilitar o entendimento, o acordo e mostrou-se decepcionada ao perceber que as questões que diziam respeito ao casal perdiam “o valor e o significado”. Ao que Écio respondeu que isso acontecia quando ele chegava ao seu limite e ficava “rancoroso”, o que o levava a querer “o lado oposto de estarem juntos”. O diálogo adquiriu maior nível de tensão mediante a pergunta sobre o risco que o casal corria, ao que ambos responderam não ter falado sobre isso antes, mas entendiam que o risco da separação era presente, visto que cada um, a seu modo, havia pensado sobre o assunto, diante dos momentos de desacordo.

Mediante a emergência do tema e da tensão peculiar que o acompanhava, o terapeuta solicitou a produção do desenho como possibilidade de criar outros modos de conversar sobre o problema, sob o ponto de vista distinto de cada um dos cônjuges frente aos motivos que consideravam importantes.



Desenho: C1.1a - Écio



Desenho: C1.1b - Bia

Écio fez um desenho em que transitava entre dois mundos, o Passado e o Futuro, ambos marrons, demarcados por uma linha preta, sobre a qual, mais tarde, enquanto a descrevia, desenhou um ponto vermelho a que chamou de Presente. Em cada um dos lados desenhou, de forma simétrica, quatro pequenos montes e o sol se

pondo, sendo que no Passado representou a si mesmo sobre um dos montes e no Futuro, o casal, também sobre um dos montes. Ao seu trabalho deu o título de “Terapia”, (C1.1a). Bia, por sua vez, desenhou uma paisagem representativa da relação conjugal, constituída por pássaros negros que sobrevoam um céu branco com uma nuvem azul e sol amarelo, uma pequena porção de terra marrom e ramos verdes em meio a uma grande quantidade de água, sobre a qual boiavam várias pedras negras. Na paisagem, denominada de “O que é maior é melhor, mas ainda não é percebido”, ela descreveu-se posicionada no lado diametralmente oposto ao do marido, (C1.1b).

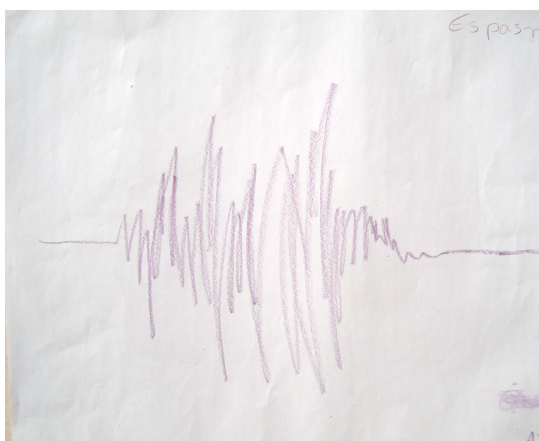
A leitura do desenho feita por Écio resgatou uma conversa de duas sessões anteriores que se insinuava tão ambígua quanto paradoxal, no que dizia respeito a sua dificuldade em manter-se livre dentro do casamento. Tema este que o deixava dividido, posto sentir-se sempre convidado a aceitar o convite de reviver a liberdade dos tempos de solteiro. A partir daí, Écio produziu sentidos novos sobre o que, de forma limitadora, até então havia concebido como liberdade. Bia discutiu, a partir da produção de seu desenho, a possibilidade de viver algo melhor que lhe parecia existir de alguma forma, mas que ela ainda não conseguia acessar. A linguagem do desenho disponibilizou recursos dialógicos sobre o tema da separação, menos ameaçadores, até então inexistente na vida do casal.

b) Écio & Bia - Desenho 3

A conversa do casal, na 7ª sessão, girou em torno de um assunto recorrente e aparentemente sem solução – a ênfase na busca de quem estaria certo, sugerindo, automaticamente, em um tom acusatório, o erro do outro, questão esta geradora de estresse. O casal falou também sobre uma situação vivida, referente à busca de um endereço onde deveriam entregar uma encomenda. Durante a discussão, enfatizaram sobre a dificuldade de aceitar a opinião um do outro, tida como outra situação geradora de estresse, e realçaram que o motivo que levava ao estresse

para um podia não o ser para o outro. Assim, ambos trouxeram noções distintas sobre o estresse.

O desenho foi proposto pelo terapeuta em circunstância de o diálogo se desenvolver em clima tenso e de desacordo, mediante a percepção de que as opiniões discordantes no casal eram fator de estresse e sobre o qual traziam opiniões e formas distintas de lidar. Solicitou-se, assim, que cada um dos cônjuges construísse uma imagem sobre sua própria concepção de estresse na relação e de como lidavam com esse estado de humor.



Desenho: C1.3a - Écio



Desenho: C1.3b - Bia

Para representar o estresse, Écio desenhou uma linha roxa horizontal contínua que, em certo ponto, precipitou-se em movimentos verticais de comprimentos diversos, pulsantes de modo desordenado e apertado, até recuperar o alinhamento horizontal, à discreta semelhança de um exame eletro, dando-lhe, assim, o nome de “Espasmo”, (C1.3a). A imagem criada por Bia referente ao estresse foi intitulada de “Conflito”, na qual situou o marido em um extremo do papel e a si mesma no lado oposto, ambos coloridos e com sinais de estresse sobre a cabeça. No centro, um mapa constituído de duas linhas negras, atribuídas como dois caminhos opostos e tortuosos, cujos pontos de partida e chegada se encontravam, ambos em lugares comuns, sinalizados por pedras negras. Ela chamou de número 1

o caminho referente ao marido e de número 2 ao seu próprio, cujos trajetos distintos eram produtores de estresse, (C1.3b).

Ao longo da conversa sobre os desenhos evidenciou-se o deslocamento do discurso na primeira pessoa para o nós, acompanhado de um clima de negociação sobre os seus limites pessoais, bem como da proposta de estarem mais atentos para não continuarem cometendo esses “*deslizes*”.

4.1.2 SINALIZAR O FOCO E A SELEÇÃO DA CONVERSA

A segunda categoria configura o uso do desenho como orientador do foco e da seleção da conversa dispersiva/flutuante. Não raro, em algum momento, dentro do trabalho terapêutico, o casal dá sinais de afastamento do ponto em que se encontrava, em relação à queixa central, por meio de conversas e respostas evasivas, exigindo do terapeuta especial atenção sobre o desvio. A investigação, neste contexto, estará a serviço de facilitar ao casal a retomada de posição que, amiúde, acontece a custo do enfrentamento das insatisfações conjugais.

Circunstâncias de desgastes relacionais regidas pelo desconfortante distanciamento conjugal que se evidenciam na jornada terapêutica, podem tornar-se um fator dificultador na manutenção do objetivo primeiro, que motivou o casal a buscar a ajuda profissional – olhar para, ou aprofundar os aspectos geradores da discórdia e seus efeitos manifestados no trato diário.

Por vezes, os cônjuges tentam arrastar a conversa terapêutica para uma esfera de amenidades, zona esta de resguardo do confronto com as descrições desprovidas de satisfação. Um paradoxo se instala no sentido de que desejam e buscam mudanças, mas não estão dispostos a lidar com os efeitos de tal investimento. Atraídos, portanto, à segurança falaz da estabilidade movimentam-se com grande esforço para se manterem no lugar-comum, insatisfatório, porém,

conhecido; enquanto a emergente força do novo os convida para formas alternativas de vida.

Outras questões configuram-se como evitativas da manutenção dos objetivos iniciais da terapia, dentre as quais, em aparente oposição aos motivos anteriormente apresentados, destacam-se a recursividade de narrativas saturadas do problema e dos discursos dominantes ou contaminados por idéias utópicas de relacionamentos idealizados. Estas questões trabalham não só, mas também, a serviço da suspensão de decisões que podem definir a relação conjugal.

Com isso, o processo terapêutico corre o risco de se tornar moroso e desinteressante, visto que, deixaria de atender às reais expectativas do casal que, por medidas protetivas de maiores transtornos, trata de solapar o próprio processo de investimento terapêutico desviando a atenção da queixa inicial. De certa forma, o casal parece convidar o terapeuta a se envolver em uma conversa de cunho quase social ou trivial, na tentativa de manter a desfocalização dos temas conjugais, alusivos ao sofrimento, pertinentes ao processo.

A relevância do desenho, em um primeiro momento, remete-se, provisoriamente, à ausência inicial do uso da linguagem verbal, cuja transposição é feita para a linguagem imagética, conferindo-lhe um meio interventivo que propõe, a princípio, não o desafio discursivo, mas o da feitura do próprio desenho. Ou por outra, o pensamento é desconectado do uso habitual da linguagem verbal e deslocado para a linguagem criativa do desenho.

A própria da feitura do desenho, enquanto processo, conduz o casal a um movimento circular e espiralado, quando o convida a desligar-se da postura contaminada pelo problema. Nesta dinâmica, o casal completa a volta circular da espiral enquanto dedica-se à produção imagética, que, ao seu término, posiciona-o em um nível de qualidade superior à que se encontrava inicialmente. Posição essa que favorece aos cônjuges sentirem-se autorizados para considerar a construção de sentidos alternativos concernentes ao problema. Durante o processo criativo o casal

empresta o foco da evitação do problema ao ato produtivo do desenho para, mais tarde, devolvê-lo ao seu lugar de origem, porém sob uma perspectiva alterada pela ação da linguagem criativa.

Situado nesta nova posição, o casal retoma o discurso verbal para a descrição do desenho e, ao desenvolvê-la, traz formas discursivas mais livres, abertas e comprometidas em estabelecer conexões mais focadas às questões respeitantes à relação conjugal. Contexto este que oferece um rumo menos casual para a conversa, à medida que propicia a eleição de um tema central conectado ao propósito terapêutico.

Aqui vale dizer que trabalhar com a linguagem criativa do desenho significa também adotar uma postura flexível e colaborativa, de forma a facilitar que a conversa possa transcorrer em um clima que, embora cuidadoso, seja menos formal ou denso, mais lúdico e fluído, mesmo quando se refere às questões centrais da dificuldade conjugal.

Em seguida, descrevemos os desenhos cuja utilização apresentou esta categorização:

a) Dante & Carla - Desenho 1

Carla, mostrando-se mais falante, iniciou dizendo os motivos pelos quais ela e Dante procuraram a terapia de casal. Ela esclareceu que eles se amavam muito, porém, os recíprocos ataques e ofensas deterioravam a relação. Ambos concordaram que as agressões verbais levavam ao desrespeito e os machucava muito.

Na 5ª sessão, Carla chegou contando sobre a cirurgia reparadora de uma plástica que havia feito nos seios e sobre o quão bem estava se sentindo, sobre os procedimentos pós-cirúrgicos, bem como sobre outras trivialidades cotidianas como a vida escolar do filho ou as providências que tomaram para regularizar os documentos de um carro que Dante havia dado a ela para que levasse o filho à escola.

O terapeuta lançou mão do desenho no início da sessão com a consigna de que desenhassem o tema sobre o qual gostariam de falar, posto ter percebido certa limitação na conversa do casal, ou seja, uma dificuldade em mantê-la para além do trivial. Como forma de ampliar o diálogo, solicitou que os cônjuges fizessem a leitura do trabalho um do outro e depois do seu próprio.



Desenho: C2.1a - Dante



Desenho: C2.1b - Carla

O tema escolhido por Dante foi sobre a aquisição da casa própria, em cujo título explicitou sua aspiração, “Um sonho de uma casa!”, retratada por uma casa de linhas roxas sobre a terra marrom, uma árvore ao lado e nuvens, ambas roxas, (C2.1a). Carla, que em seu título sugeriu o tema acerca dos “Sentimentos em um relacionamento”, ilustrou-os com uma pequena casa, um coração e um cifrão, cujas dimensões maiores se equivaliam, e dois grandes pontos de interrogação, todos dispostos dentro de um círculo. O coração e a casa foram desenhados em extremos opostos horizontais, enquanto o cifrão e os pontos de interrogação nos extremos opostos verticais da circunferência, (C2.1b).

A partir daí, veio à tona a insatisfação de Carla sobre a compra de uma casa que planejavam juntos, mas não tinham um acordo claro sobre tal projeto. Situação esta promotora de muitas brigas que levavam Carla a pensar em “*ir embora*”. Diante desta constatação, a conversa adquiriu um tom mais comprometido e sério a respeito

dos temas que trouxeram o casal à terapia e Carla dedicou atenção à possibilidade que via da separação em um futuro próximo.

4.1.3 EXPLORAR O AINDA NÃO DITO NA CONVERSA

Na terceira categoria sobre os usos e implicações do desenho, ele é considerado como meio de conectar e aclarar a intenção que, por vezes, mantém-se subtendida na conversa. O não dito ou ainda não dito denota algo presente, porém oculto que, por algum motivo, naturalmente, não pôde ser acessado. Em estando lá, em algum lugar, teórica e idealmente, implica ocupar um espaço. Contudo, o ainda não dito é alojado pelo conteúdo sem possibilidade de expressão ou, de outra forma, não disponível à conexão imediata que, inclinado a tornar-se claro e acessível à construção de novos sentidos, encontra brechas em diferentes esferas das relações pessoais para se manifestar, enquanto se insinua em vir à luz.

Considerando que as expectativas são inerentes aos modos de se relacionar, estas podem, em certa medida, apresentarem-se como expressões a serviço do não dito, enquanto instalam-se como legítimas, já que contam com o suposto dever do outro em cumpri-las.

Em especial e não obstante, o investimento conferido à esfera da intimidade, do compartilhamento e da cumplicidade, estar em relação conjugal é, por si só, um fator gerador de expectativas tácitas. E, porque veladas, insinuam, idealmente, aos cônjuges, a responsabilidade de manterem atualizado o conhecimento amplo e profundo das necessidades pessoais um do outro, como parte do compromisso conjugal, não expressa formalmente. Tarefa essa que, impossível de se cumprir, abre espaços propiciatórios para a imersão na dúvida e na insegurança quanto aos sentimentos do cônjuge, a exemplo das sucessivas cobranças indiretas acerca do que o outro deveria oferecer ao bem-estar relacional.

O não dito, tanto quanto o problema silenciado, exerce uma força paralisante na relação a cada vez que sucumbe à manutenção do velado, subjacente ao qual se pressupõe desordem relacional. Sob essa ótica, diferentemente do que se teme, a desordem é provocada não por clarificar o que está subtendido; ela nasce da ocultação ou mesmo da inexpressão do problema. O que significa dizer que a indefinição, na esfera relacional, tem caráter opressivo, angustiante e finalmente adoecedor, resultando no embotamento de construtos mais libertadores na convivência conjugal. A conversa, neste contexto, respaldada por subterfúgios, ganha formas argumentativas em uma escala crescente e defensiva de falar, anunciando-se insuficiente para dar cabo do ainda não dito.

A introdução do desenho intenta oferecer uma conversa alternativa sobre o que está obstruído pelo não dito, oportunizando, portanto, a produção de formas mais criativas de falar. A transposição da linguagem verbal para a não verbal, por meio do desenho, convida a descrições tanto mais pragmáticas quanto objetivas sobre o subtendido, o que nos aproxima, tanto o casal quanto o terapeuta, de um melhor entendimento sobre o que se tem tido como difícil de ser acessado.

É interessante observar que o desenho assume em sua linguagem o caráter da metacomunicação, uma vez que introduz o casal em um nível comunicacional distinto do seu padrão conhecido. O falar sobre o que se está comunicando, a partir do desenho, define a relação entre os cônjuges, dado que, nessa dinâmica, cada qual explica como as suas informações devem ser entendidas.

Esse é um investimento essencial para o alcance de uma sequência comunicacional bem sucedida, mediante a qual, os cônjuges podem sentir-se mais seguros para abordar as expectativas mútuas e suas reais possibilidades de cumprimento, bem como para legitimar esse entendimento.

As descrições do uso dos desenhos a seguir consistem no fundamento desta categoria:

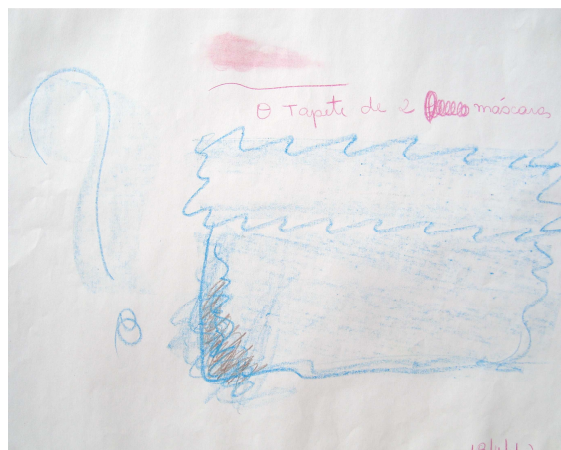
a) Dante & Carla - Desenho 2

O casal se ausentou por duas semanas por motivo de viagem a trabalho de Dante. A 6ª sessão iniciou-se com o relato ressentido de Carla por causa de uma recente viagem que Dante fizera a trabalho, em um momento de vulnerabilidade dela, já que estava se recuperando de uma cirurgia estética, e não poderia fazer esforço naqueles dias. Dante refuta dizendo que precisava muito ir e sabia que Carla daria conta de se virar, pois não tinha tarefas pesadas a serem realizadas. O discurso de Carla parece ambíguo, dado afirmar que Dante a deixou na hora que mais precisava, para em seguida dizer que compreendeu a necessidade do marido. Dante argumenta que não viajou sem o aval de Carla e que esta dissera que ficaria bem. Essa situação deixa Dante irritado e demonstra esperar mais compreensão de Carla. Esta, por sua vez, expressa esperar mais consideração de Dante. Subjacente a esta situação, o casal parecia dizer de expectativas não ditas de um em relação ao outro que, não cumpridas, geravam a frustração e esta as cobranças mútuas, movendo assim o desentendimento.

O terapeuta, propôs aos cônjuges que desenhassem a vivência que a viagem de Dante causara, ao constatar junto ao casal o quanto cada um dos cônjuges tinha expectativas tácitas sobre o outro, geradoras de cobranças não legitimadas na relação. Desta forma, a linguagem do desenho deveria ser a expressão do que esperavam um do outro.



Desenho: C2.2a - Dante



Desenho: C2.2b - Carla

Usando a cor vermelha, Dante traçou duas linhas distantes horizontais paralelas, levemente serpeantes, dentro das quais, e sobre outras duas pequenas linhas, desenhou a figura de uma mulher e um coração em dimensões proporcionais, intitulado a produção de “Preciso de um coração aberto!”, (C2.2a). Carla desenhou em azul um grande ponto de interrogação ao lado do qual, com linhas sinuosas, riscou dois retângulos sobrepostos, também azuis, e deu o nome de “O tapete de 2 máscaras” a essa composição, (C2.2b).

Mediante os desenhos os cônjuges puderam perceber o quanto esperavam um do outro, e explicitar o quanto poderiam corresponder mutuamente. A conversa transcorreu centrada no tema das expectativas, frustrações, cobranças e de como lidar com tais situações.

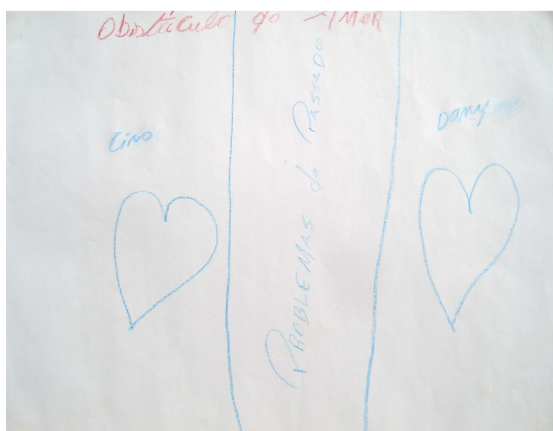
b) Ciro & Dany - Desenho 1

Os jovens Ciro e Dany já enfrentam desafios para sustentarem essa união. Eles procuraram a terapia de casal com a queixa de agressividade verbal. Dany alegava não haver diálogo no relacionamento e quando Ciro ouvia algo que não lhe agradava reagia saindo de perto dela e não a deixava terminar de falar. Ciro se ofende por Dany não confiar nele e ela se recusa pela falta de diálogo e pela constante presença de brigas.

Dany relata, no início da 5ª sessão, a sua dificuldade em confiar em Ciro em função das histórias vividas por ele no passado. As conversas sobre a questão sempre giravam em torno dos mesmos argumentos. Ela expressava o ciúme que sentia de Ciro em relação às ex-namoradas, mas ultimamente, para evitar brigas, tem “sofrido sozinha” e não mais comenta com Ciro sobre isso. Questionada se o deixar de falar sobre tais questões resolvia a situação, ela disse que “não”.

Diante desse tema recorrente na vida do casal – a desconfiança – o terapeuta pediu que fizessem um desenho contando como se sentiam em relação ao assunto,

buscando visualizar que lugar a questão ocupava na vida conjugal sob um ponto de vista individual.



Desenho: C3.1a - Ciro



Desenho: C3.1b - Dany

Entre dois corações azuis, aos quais Ciro deu os seus próprios nomes, desenhou duas retas verticais paralelas azuis, circunscrevendo as palavras ‘problemas do passado’ e intitulou de “Obstáculo do amor”, (C3.1a). Por sua vez, Dany desenhou um par de corações vermelhos, sendo um deles dividido ao meio por uma linha em ziguezague, aos quais coube o nome de “A história de minha vida”, (C3.1b).

A partir do desenho, Dany conta que, às vezes, ficava revoltada por estar passando por essa situação e se questionava se merecia isso. Durante a conversa, Dany entendeu que participou ou contribuiu para que isso ocorresse quando aceitou a situação, uma vez que poderia ter recusado a conviver com as histórias da vida de solteiro de Ciro, as quais, não lhe diziam respeito. Ciro afirma não mais se interessar por essas histórias e Dany dá vida a elas, trazendo-as para o presente e para o meio da relação do casal. Assim, ela devolve Ciro para o passado e não consegue vê-lo como é no presente, ao lado dela. Dany declara não ser feliz assim e que, embora deseje mudar isso em sua vida, não consegue se livrar da situação. Ciro relata que até aquele momento não imaginava que ela se maltratava por causa do passado que

pertence a ele. Dany admitiu que o problema existia somente para ela, possivelmente em decorrência de sua insegurança.

4.1.4 FORTALECER DESCRIÇÕES E NARRATIVAS NA CONVERSA

O desenho, na quarta categoria de seu uso, constitui-se como fortalecedor das descrições e das narrativas criadas na conversa. Em razão da ação ordinária e, por vezes, viciosa em atender demandas limitantes, torna-se uma tarefa árdua sustentar narrativas que trazem potenciais férteis para a constituição de uma relação que o casal considere saudável.

À medida que o processo terapêutico avança, a produção de conhecimento e sentidos acerca da dinâmica relacional torna-se mais acessível. Todavia, a sua manutenção e apropriação esbarram-se em narrativas restritivas já instaladas no repertório conjugal, entendidas como as únicas possíveis. Tais como lacunas carentes de ações criativas que lhes preencham e lhes dêem ascensão, os discursos dominantes focam formas de conversas saturadas pelo problema, ou mesmo pela crença na incapacidade de dissolução do mesmo.

A ênfase habitual sobre esse modo de agir dentro da vida a dois tende a promover a construção de padrões relacionais fundados sobre a insuficiência e a insegurança, nos quais nada parece estar bom para o casal, nem mesmo a alternativa da mudança pode ser considerada boa. O casal busca sempre a confirmação de que não há formas de solução suficientemente acertadas e, conseqüentemente, satisfatórias para a vida conjugal. O culto à insegurança impede os cônjuges de se firmarem em suas decisões, escolhas, descobertas ou possibilidades novas de serem casal.

Ao se deparar com outras formas possíveis de narrativas a respeito de suas histórias, o casal tende a tomar sua conquista criativa como algo simplista ou sem

consistência e busca reaver e se afirmar ante seus conhecidos repertórios. Esforço este desprovido de sucesso, posto ser a novidade criada o prenúncio de novas formas de vida que, embora dificultadas pela sustentação de padrões restritivos, não deixam de ser atraentes e possíveis.

O caminho do casal toma rumo à autonomia, à apropriação autoral de suas produções sobre novos entendimentos. Entretanto, para que não caia no vazio, necessita fortalecimento substancial, a partir de recursos criativos que possibilitem ao casal uma construção comprometida com suas potencialidades.

O uso do desenho como exercício nutridor de discursos mais construtivos e menos propensos ao negativismo, pode viabilizar um olhar mais atento para o desarme das armadilhas das narrativas adotadas como imutáveis e, portanto, definitivas na vida conjugal.

A linguagem do desenho adquire um caráter reflexivo sobre a manutenção de narrativas limitadoras da possibilidade de mudança; potencializando assim, entendimentos alternativos acerca do vivido como problema na interação conjugal. As conversas sobre os desenhos produzidos são geradoras de novas conversas – conversas imagéticas – que dizem respeito às pautas relacionais do casal. Diante disso, a produção de imagens gráficas sugere significações e ressignificações concernentes às questões relacionais.

A autoria do desenho é produtora de uma linguagem nova e criativa em seu contexto. Assim, por meio de seu uso, o autor legitima a sua própria narrativa. A partir daí o desenho torna-se um registro gráfico-criativo legitimador e fortalecedor do discurso alternativo, com possibilidades de novas narrativas.

Os desenhos descritos a seguir representam a utilização considerada:

a) Écio & Bia - Desenho 2

Na 6ª sessão, os cônjuges chegaram de viagem de final de ano trazendo notícias de bem-estar, sustentadas pela diferença que ambos sentiram em relação às

outras, durante as quais sempre discutiam. Relataram o quanto se perceberam mais atentos e carinhosos um com o outro, algo que disseram fazer a diferença.

Buscando construir um registro gráfico-criativo a partir de tais descrições, o terapeuta propôs aos cônjuges um desenho sobre a experiência da viagem, o qual se caracterizou como meio de dar forma ao vivido como novo, bem como teve a função legitimadora daquela conversa sobre mudança.



Desenho: C1.2a - Écio



Desenho: C1.2b - Bia

Em seu desenho, intitulado de “Vida”, Écio traçou uma árvore de copa verde, com raízes à mostra e frutos marrons, vermelhos e verdes, os quais determinou como passado, presente e futuro, respectivamente, remetendo-se ao tema do desenho 1 (C1.2a). Por sua vez, Bia criou uma paisagem composta por flores, sol, pássaros, uma nuvem negra, uma árvore e duas montanhas verdes e altas, cujos sopés eram banhados por água, denominando-a de “Melhores momentos” (C1.2b).

O desenho abriu espaço para que falassem sobre o afeto de forma menos reticente ou ameaçadora, uma vez que, legitimaram que Écio era menos dado a carícias que Bia. Tais características pessoais sempre se tornavam pauta de discussões regadas a argumentos defensivos por parte de ambos os cônjuges.

b) Ciro & Dany - Desenho 2

Após terem se afastado por quinze dias, por motivos pessoais, os cônjuges retomaram a terapia com um estado de espírito diferente. Na 7ª sessão, sentados de mãos dadas, relataram que não haviam brigado e o quanto essa situação os manteve tranquilos durante esse período. Dany estava muito feliz por ter conseguido um trabalho e Ciro havia decidido vender um terreno para dar entrada em uma casa, decisão esta compartilhada por Dany. Ciro entendeu sua capacidade de decisão como fruto do trabalho terapêutico.

Nestas circunstâncias, o desenho foi sugerido pelo terapeuta como forma de o casal registrar, fortalecer e se empoderar das narrativas alternativas e projetos que estavam articulando.



Desenho: C3.2a - Ciro



Desenho: C3.2b - Dany

O desenho de Ciro constituiu-se de várias flores coloridas sobre um chão esverdeado, para o qual deu o nome de "Flores", (C3.2a) e Dany, usando a cor verde, desenhou um casal sorridente e de mãos dadas que, em meio a vários corações, estava em diálogo, este representado por dois balões sobre suas cabeças. Seu desenho foi intitulado de "Concretizando sonhos..." (C3.2b).

Assim, o desenho ofereceu a oportunidade de confirmação dos novos projetos de vida a dois estabelecidos no espaço de quinze dias após a última sessão. Os cônjuges em concordância relataram que tais projetos, considerados como novas

possibilidades para o casal, decorriam da consecução de estarem se entendendo sem as usuais brigas. Os desenhos também legitimaram o espírito de alegria e de sonhos que traziam como celebração a tais conquistas.

c) **Ciro & Dany - Desenho 3**

O casal iniciou a 9ª sessão dizendo estar bem devido ao reconhecimento do que ambos faziam de “errado”. Além do que disseram estar lidando com as dificuldades sem tanta agressividade e distinguiram a desconfiança como o ponto vulnerável da relação. O tema já bastante desgastado no repertório relacional do casal e motivador do distanciamento conjugal é novamente eleito como pauta da sessão, contudo, trazendo a diferença de que agora os cônjuges pareciam poder falar mais livremente sobre o assunto, sem que isso provocasse o habitual desentendimento.

Diante disso, o terapeuta sugeriu ao casal lidar com a “desconfiança” a partir do desenho, buscando, mediante essa linguagem alternativa e menos racionalizada, corroborar tal conquista do casal.



Desenho: C3.3a - Giro



Desenho: C3.3b - Dany

A imagem criada por Giro trouxe dois corações, um verde e outro vermelho que, embora separados por linhas verticais coloridas, estavam interconectados por duas setas circulares azuis que indicavam direções contrárias nas partes superior e

inferior. O desenho recebeu o nome de “Corações distantes” (C3.3a). Dany desenhou um coração vermelho contornado por pequenos traços, tendo ao meio uma linha divisória em ziguezague, e acima ela completou com dois balões, indicando os pensamentos. Seu trabalho ganhou o nome de “Os pensamentos negativos” (C3.3b).

Ao final da sessão, Dany apropriou-se de sua participação na promoção do afastamento do casal e concluiu ressignificando a “*desconfiança*” como sendo “*pensamentos negativos*” que ela alimentava, e que provocavam brigas, o que caracterizou a legitimação e o fortalecimento da narrativa alternativa.

4.1.5 SINTETIZAR O PROCESSO AVALIATÓRIO

A quinta categoria concebe o uso do desenho como síntese-avaliatória do processo. O final do procedimento terapêutico é marcado por uma conversa avaliativa do percurso e seus efeitos. Um contexto, na maioria das vezes, sutilmente delicado, visto gerar certa expectativa ao casal sobre o modo como será “examinado”, como se tivesse nas mãos do terapeuta a carta de competência para manter o seu empreendimento de ser casal.

Com efeito, os cônjuges se apropriam de suas potencialidades para a satisfação conjugal, à medida que avaliam o processo e se autoavaliam nele a respeito do quanto puderam se dedicar ou estar inteiros nessa experiência. Assim, cabe ao terapeuta disponibilizar meios para que essa autoavaliação seja adequada e significativa aos casais.

Pensar a vivência terapêutica a partir da produção dos desenhos pode ser um recurso de grande valia para os envolvidos, à medida que oferece a visualização do processo como um todo e propicia seu entendimento. O fato de o desenho estar presente como linguagem nos atendimentos terapêuticos produz, durante o

fechamento do processo, uma convergência coerente para a contextualização de uma categoria final – a síntese-avaliatória – que articula todas as outras.

Originada, portanto, da feitura dos desenhos conjugados, a síntese inaugura o redesenho sobre o até então desenhado e, de certa forma, organiza a produção da linguagem criativa, dando-lhe um sentido de inteireza para, no momento seguinte, abrir caminho à experiência avaliatória do processo. Nessa medida, sugere-se aos casais um olhar, uma análise mais abrangente da experiência terapêutica, propondo-lhes a criação de um desenho que diga respeito aos anteriores – um desenho sobre os desenhos –, o metadesenho, propiciatório de um diálogo sobre os desenhos e sobre a jornada terapêutica.

A visualização da produção imagética como um todo confere ao casal a oportunidade de revisitar com segurança sua história e espontaneamente redefini-la. A partir de então, as narrativas são naturalmente organizadas de acordo com o vivido como significativo e transformador. A síntese, assim, constitui-se um momento de legitimação e apropriação dos sentidos produzidos ao longo do processo terapêutico e torna-se avaliativa mediante as considerações conclusivas dos casais sobre o percurso vivenciado.

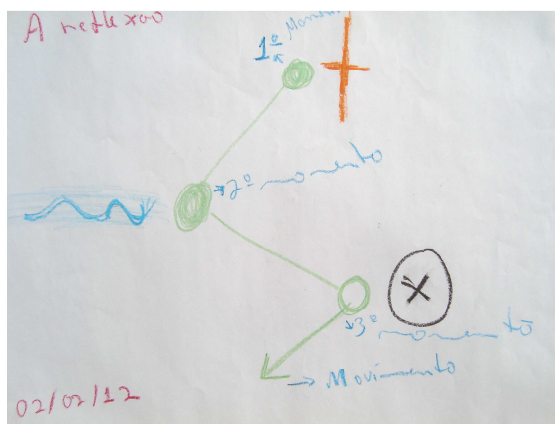
Finalizando esta parte da análise apresentamos a seguir as descrições do uso dos desenhos, as quais configuram a última categoria destes:

a) Écio & Bia - Desenho 4

No início da 10ª sessão, o casal abordou um assunto tratado na sessão anterior, sobre o qual haviam conversado durante a semana de forma a buscar o entendimento e não a briga. Sentindo-se muito satisfeitos, os cônjuges atribuíram o bem-estar àquela situação.

Em seguida, o terapeuta dispôs de forma cronológica os desenhos anteriores e convidou o casal a criar desenhos que dissessem respeito a seus próprios

desenhos produzidos durante todo o atendimento, como forma de realizar uma síntese criativa do processo terapêutico.



Desenho: C1.4a - Écio



Desenho: C1.4b - Bia

Intitulado de “A Reflexão”, o desenho de Écio recriou as produções anteriores, representando-as por três grandes pontos verdes, denominados de ‘1º, 2º e 3º momento’ dispostos de modo alternado, formando um ziguezague ao serem interligados por uma linha finalizada em seta, que ele nomeou ‘o movimento’. Ao lado de cada um dos momentos, Écio marcou um símbolo, sendo no primeiro uma cruz alaranjada, no segundo, uma linha azul serpeante sobre um fundo também azul e, no terceiro, um círculo contendo um xis, ambos pretos (C1.4a). Em seu desenho-síntese, “O caminho”, Bia retomou a paisagem com sol amarelo, árvore, e onde habitualmente havia água, deu lugar a um vasto campo verdejante e um caminho de terra com suas pedras negras (C1.4b).

As conversas se desenrolaram em torno das relações que os cônjuges estabeleceram entre os desenhos produzidos e da avaliação que fizeram do processo. Écio, de forma reflexiva, relatou em sua avaliação que os desenhos representavam um movimento que continuaria como um exercício de estar cada vez melhor na relação. Para ele, havia a perspectiva de o casal continuar pensando, descobrindo e entendendo sua relação como havia acontecido na terapia e finaliza: *“É o movimento de continuar isso, agregando o que a gente construiu aqui”*. Bia

esclareceu que conseguia perceber mais coisas importantes sobre si mesma para repensar e fazer diferente, como a rigidez, a qual entendeu “*explodir*” no seu casamento. Bia falou sobre o quanto quer “*aprender estar mais leve e ser mais leve*”, o que estabeleceu como meta. Em seguida, dedicou-se à identificação da leveza em seus desenhos, caracterizada nos traços, no colorido e no tipo de paisagem que sempre escolhe, e acrescentou: “*(...) tem meus pontos pretos, mas é uma paisagem alegre, é uma paisagem boa. Mas é como se eu não conseguisse enxergar isso antes, entendeu?*” Bia conclui dizendo o quanto os desenhos lhe facilitaram a compreensão e a análise, bem como o quanto lhe foi significativo “*ver*” por meio deles.

b) Dante & Carla - Desenhos 3 e 4

Antes mesmo de se sentarem os cônjuges iniciaram a 10ª sessão dizendo sobre o quanto a terapia havia sido boa para eles e que embora entendessem, mas se lamentavam por estarem encerrando o processo, o qual havia passado rápido.

O terapeuta solicitou, no início da sessão, um desenho individual como síntese dos desenhos produzidos anteriormente, que levasse os cônjuges a avaliarem as histórias narradas por meio das produções criativas. Após ambos terem avaliado sua trajetória, o terapeuta propôs um desenho final, a quatro mãos, criado conjuntamente pelo casal, de forma complementar às sínteses individuais combinando as diferentes características de cada qual.



Desenho: C2.3a - Dante



Desenho: C2.3b - Carla

Na sua produção individual, Dante criou um sol amarelo em um céu também amarelo; na extremidade esquerda do papel, uma casa azul sobre um chão azul e, no extremo oposto, um girassol amarelo preso por uma haste marrom sobre o chão, também marrom. Ao centro, entre a casa e o girassol, desenhou um relógio marrom e, abaixo, uma forma marrom arredondada e esfumada, à semelhança de uma nuvem de poeira. Ao seu desenho deu o título de “O sonho, o tempo!” (C2.3a). Sobre um fundo azul, Carla conferiu a sua produção palavras e formas coloridas, como ‘liberdade’, ‘estudo’ e ‘trabalho’, conjugadas com uma árvore ao centro, ladeada por um livro alaranjado à esquerda e uma estrada negra à direita. A essa criação deu o nome de “Vidas e vindas” (C2.3b).



Desenho: C2.4 - Dante e Carla

Em seu trabalho conjunto, o casal desenhou uma casa marrom, com portas e janela alaranjadas, ladeada por coqueiros com frutos e árvores verdes, marrons e roxas, sobre o chão marrom e verde, coroados por um sol e uma nuvem azuis, a que os cônjuges intitularam de “Nossa casa, nosso jardim e nosso pé de coco” (C2.4).

A ênfase da sessão foi a avaliação sobre como o casal percebeu o seu percurso terapêutico. Dante, em sua síntese individual, trouxe como ponto central, a permanência do sonho de comprar uma casa. Contudo, havia entendido que a realização deveria acontecer a seu tempo, ao contrário da urgência que tentava impor à Carla. Dante concluiu que precisava “*manter o coração aberto*”, postura esta

que dependia das coisas básicas que haviam percebido e falado na terapia e continuar conversando com Carla sobre as decisões que gostaria de tomar no que dizia respeito à vida cotidiana. Carla se referiu aos desenhos anteriores como algo passado dizendo: *“olho pra trás e não me vejo, de jeito nenhum, como eu era quando eu comecei aqui”*. Em sua análise, o desenho-síntese significou *“libertação”* e lhe pareceu *“mais solto”* enquanto os anteriores traziam a idéia de limitação, cujas imagens estavam presas *“dentro de um círculo ou debaixo de um tapete”*. Carla expressou o desejo de que a relação conjugal mantivesse a transparência que experimentaram durante a terapia e a esperança de que continuassem resolvendo as questões conjugais, visto entender que ainda teriam muitas dificuldades a enfrentar. Em seguida afirma: *“Estamos percorrendo nossa vida no casamento..., tem tudo pra dar certo, mas não tendo colaboração da gente, tem tudo par não dar”*. A partir disso, Carla passou a realçar as diferenças que percebia entre eles no que dizia respeito aos traços, mais leves ou mais fortes e às cores mais exuberantes ou mais contidas dos desenhos. Momento este que o terapeuta achou oportuno propor que conjugasse em um só desenho as características distintas de ambos.

Na avaliação do desenho produzido a dois, o casal deu foco à casa e ao seu jardim em torno. Na casa estava o sonho de Dante, no jardim a libertação de Carla. Ambos relataram que essa construção unia as duas histórias e ressignificaram a casa como pressuposto de união, compromisso, intimidade, alegrias e também tristezas. Dante realçou que aquela não era a construção apenas de uma casa física, mas *“(...) da vivência do casal, construção de diálogo, entendimento, para que outras coisas venham”*, cuja base seria sustentada pela lealdade e Carla acrescentou que também pelo *“respeito, acima de tudo, respeito às qualidades e defeitos de cada um”*.

Disseram entender que a terapia havia sido o começo, um estímulo para que continuassem trabalhando e mantivessem o *“horizonte aberto”*, para o que ali experimentaram como *“o ponto de partida”*, visto que o fato de não terem deixado de

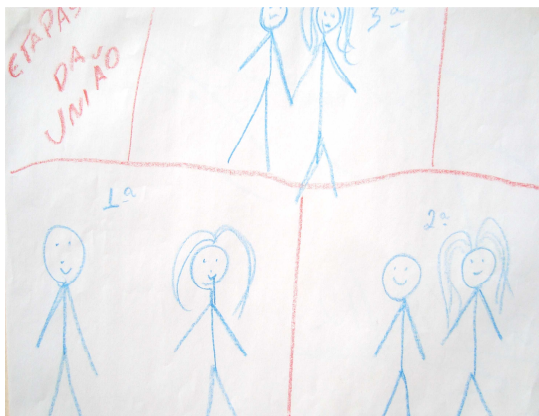
enfrentar o desafio de estarem em terapia, possibilitou-lhes sentirem mais capazes de caminharem juntos e por si mesmos.

Concluíram fazendo menção ao modo como se comportavam, no início do processo, sentando-se sempre muito juntos e de mãos dadas, condição esta que deu lugar à postura oposta, permitindo-lhes se soltarem, como também sentarem-se separados. A isso acrescentaram: *“Estamos mais de mãos dadas hoje do que quando chegamos”*, diante do fato de que antes corriam o risco de se separarem, enquanto hoje perceberam que a relação está mais livre.

c) **Ciro & Dany - Desenho 4**

Na última sessão, os cônjuges falaram brevemente sobre o Natal e o acordo que haviam firmado quanto à bebida, uma vez que esta era um embaraço na vida do casal mediante *Ciro*, a exemplo dos irmãos de *Dany*, gostar de beber e *“exagerar”* quando nas festas. *Ciro* havia ajustado com *Dany* sobre a quantidade de bebida que tomaria durante os eventos sociais, já que, para a esposa, o problema era apenas o excesso e não o fato de beber em si. Mostrando-se seguros quanto ao que implementariam a respeito concluíram que continuariam cuidando desse assunto.

Considerando que havíamos que dedicar algum tempo para o encerramento, o terapeuta solicitou que fizessem um desenho síntese tendo os anteriores como referência.



Desenho: C3.4a - *Ciro*



Desenho: C3.4b - *Dany*

O trabalho de Ciro, intitulado de “Etapas da união”, constituiu-se de três momentos divididos por traços vermelhos formando compartimentos que abrigavam, cada qual, um casal desenhado em azul. Na primeira estação, os cônjuges estavam afastados, na segunda, mais próximos e na terceira, de mãos dadas (C3.4a). A síntese de Dany, desenhada em vermelho, foi representada por uma árvore jovem sobre a terra, com poucas folhas nas extremidades de seu tronco, a qual denominou de “A evolução” (3.4b).

As conversas se desenrolaram em torno das conquistas do casal durante o processo terapêutico. Ciro registrou o processo em três etapas conforme explicou: *“No começo da nossa terapia chegamos meio afastados, depois a gente foi se aproximando e depois, apesar de ter problemas que precisamos resolver, a gente se aproximou, tá junto e eu tô feliz. (...) Brigamos como todo casal briga, mas não como era antes”*. Ciro conclui dizendo que *“antes a briga dominava”*, agora havia mais amor, união e respeito quando conversavam. Dany ressaltou que havia parado de brigar pelo motivo da desconfiança e seguiu dizendo ter chegado *“desiludida”* na terapia, buscando *“salvar”* seu casamento. Explicou que gostaria de tê-lo representado como um diamante, mas como não soube fazer o desenho, então, representou-o como uma árvore. Esta, conforme sugeriu, era como um diamante bruto a ser lapidado, precisava de cuidados para crescer, tal qual percebia a sua convivência com Ciro: *“Nosso relacionamento tava bruto, com a terapia ele foi sendo lapidado, mas não tá todo lapidado, perfeito ainda. Quando chegamos aqui a árvore tava uma sementinha e com a terapia cresceu muito, as raízes é o amor e eu não dou conta de viver com uma pessoa sem amor”*.

Ciro e Dany concluíram dizendo que se julgavam mais bem adaptados à vida conjugal e mais unidos um ao outro. Ambos explicitaram o entendimento comum de que a terapia propiciou crescimento e união ao casal. Relataram que os problemas não mais representavam ameaça ao casamento, fato que os fortalecia para que

seguissem adiante cuidando das dificuldades inerentes ao relacionamento conjugal, e arremataram: *“a terapia foi um presente de Deus”*.

O estudo analítico acerca da inclusão do desenho como recurso dialógico, sobre o qual foram identificados efeitos importantes dentro do processo terapêutico, permitiu a formalização de categorias úteis para o entendimento das implicações de seu uso. Tais categorias foram organizadas mediante a identificação de cinco formas de uso pertinentes à implementação do desenho em situações (a) cujo nível tensional agia como distanciador do entendimento do assunto tratado; (b) cujas conversas oscilatórias entre um tema e outro, eram dificultadoras da manutenção do foco; (c) cujas conversas pouco esclarecedoras, desenvolvidas a partir de temas não expressos claramente, pressupunham ameaça relacional; (d) cujas enunciações substanciais necessitavam fortalecimento a fim de serem validadas como produtoras de sentidos alternativos; e (e) cujas conversas de encerramento envolvessem a autoavaliação dentro da experiência terapêutica com o desenho e a análise do processo como um todo. Essa classificação, resultante da análise do processo de três casais, orientam as formas pelas quais os desenhos promoveram outras construções dialógicas sobre temas na maioria das vezes difíceis de serem tratados ou reconhecidos como essenciais na construção das narrativas de mudança.

Nessa perspectiva, embora as categorias tenham sido estudadas de uma forma distinta, haja vista serem situacionais e locais, é necessário considerar a interligação entre elas mediante seus efeitos, bem como entender esse processo, como possibilidade de amplificação e de identificação de outros efeitos em contextos diversos que privilegie a dialogia responsiva como fundamental para a construção de novos sentidos.

4.2 O CASAL LIMITADO PELA LINGUAGEM

A fim de ampliar e aprofundar a discussão sobre a produção expressivo-criativa, propõe-se a análise do processo terapêutico de um casal, cujo estudo foi elaborado a partir dos desenhos feitos pelos cônjuges durante as sessões. Tal como na análise anterior referente aos usos do desenho, não se intencionou analisar os desenhos propriamente, mas lançar luz à possibilidade de construção de novos sentidos a partir das conversas sobre os desenhos. Desta forma, privilegiou-se a narrativa sobre os desenhos como abertura dialógica para outras narrativas possíveis.

A análise do processo do atendimento de um casal foi definida mediante a necessidade de conferir o caráter pragmático do desenho, explicitando como ele faz parte de um conjunto de conversas mais amplas sobre a vida do casal. Realizada de forma a compreender o processo pelo qual o casal passou, a análise constituiu-se do recorte dos extratos considerados mais significativos, bem como ilustrativos, sobre a mudança relacional adquirida. Para tanto, contemplou-se a demanda inicial, seus desdobramentos e a ação transformadora efetivada no dialogismo conjugal. Esse processo configurou-se pelo nexos inferencial dos momentos atribuídos como marcantes, tanto pelo terapeuta quanto pelo casal, os quais se constituíram pela transposição de narrativas saturadas pelo problema, portanto restritivas, para aquelas preferidas ou alternativas, mais libertadoras.

O caso escolhido para essa análise foi o atendimento de Ecio e Bia, dado ele oferecer maior variação de elementos trabalhados referentes aos aspectos individual e conjugal. A análise da construção de sentidos sobre mudança teve seu início na reflexividade interativa dos cônjuges a respeito dos efeitos da crise conjugal sobre si mesmos, oferecendo espaço dialógico para a emergência de questões individualizadoras que se mostrassem em desfavor ao casal. Dentre tais questões,

caracterizaram-se a lealdade às vozes culturais e o jogo competitivo de qual membro do casal estava com a razão sobre o outro nos momentos do desacordo conjugal. Ao entendimento da influência dessas questões pessoais na relação, foi creditada a possibilidade de ressignificar a queixa recorrente da ausência de diálogo como ausência de afeto no casal. Esta identificação, em seu aprofundamento, assumiu a voz do risco premente do ainda não dito – a ruptura conjugal –, sobre a qual as negociações conjuntas arremataram-se em sentidos mais libertadores no jeito de continuar a ser casal. A partir daí, os cônjuges construíram lugar, dentro da relação conjugal, para a legitimação mútua de suas narrativas pessoais, garantindo-lhes discursos transformadores de comprometimento com a construção de uma conjugalidade compartilhada e de apropriação dos movimentos realizados para a consecução da mudança relacional. O casal seguiu seu processo sustentando as mudanças conquistadas e ao revisitar seu padrão comunicacional fortaleceu-se em suas narrativas preferidas e nas ações apontadas para o futuro.

O atendimento de curta duração foi realizado em dez sessões de 90 min cada, entre novembro/2011 a fevereiro/2012, com periodicidade semanal, cujo processo se deu em um clima tranquilo, por vezes bem humorado, mas também tenso e delicado, marcado, contudo, por uma postura sempre engajada e colaborativa por parte do casal. O casal, formado por Bia e Écio, procurou espontaneamente o atendimento terapêutico queixando-se dos recorrentes conflitos relacionais, descritos como ofensivos e, por vezes, verbalmente agressivos ou intermináveis. Evidenciaram a dificuldade comunicacional pela falta de diálogo e de entendimento sobre pequenas situações do cotidiano, as quais, conforme declararam, tomavam proporções maiores do que deveriam. Fatos esses, segundo o casal, resultavam em afastamento conjugal. Embora, inicialmente reticente, Écio dispôs-se à terapia diante do entendimento da necessidade de ajuda profissional nessas circunstâncias vividas pelo casal, tendo, por vezes, a separação como uma possibilidade de solução de seus problemas.

4.2.1 ABRINDO DIÁLOGO SOBRE A QUEIXA

Os desarranjos relacionais foram apresentados pelos cônjuges durante a 3ª sessão, quando expuseram alguns motivos constituintes da queixa, que os levavam ao confronto e pelos quais buscaram a terapia de casal. Bia sugere como fator central a *“dificuldade de conversar, de dialogar... a convivência diária que traz algumas dificuldades, que é diferente do período de namoro (E&B, s. 3, p. 1)”*, enquanto Écio, a despeito de acentuar que o convite para a terapia fora aceito atendendo ao pedido da esposa, mostrou compartilhar da queixa da esposa, e concluiu que desejava *“tentar entender coisas que, não compreendendo, a gente não deixa ver e dar uma chance pra gente mesmo, assim... é pensar mais sério, mais fundo nisso (E&B, s. 3, p. 1)”*.

Ainda que incipientes, as reflexões de Écio e Bia tornaram-se centrais na abertura de espaços para negociações futuras sobre suas inquietações conjugais. Saindo do discurso da impossibilidade do diálogo, buscaram entendimento a respeito do jogo relacional acusatório, no qual se enredavam.

André: *...esse jeito de estarem juntos, que às vezes vocês permitem que outras coisas vão ficando no meio do casal.*

Écio: *O que faz a gente não conversar é aquela coisa do afastamento quando briga, que aí dá resistência. A Bia deixa sempre pra conversar à meia noite, que aí ela não aguenta dormir sem conversar e já na hora de dormir eu não quero conversar nunca. E é difícil de falar isso em conversa. Eu não quero ficar na tradição de que “homem não gosta de conversar, mulher é que gosta de discutir a relação, homem não gosta”. (...) Ai, é mais ou menos assim... eu não... me falta... um pouco é problema meu, a Bia tem muito mais facilidade pra conversar, de sentar pra conversar e discutir, eu já não tenho. Porque às vezes começa a tentar a justificar, quem tá certo... quem tá certo..., a conversa vai pra “quem tá certo”..., a dificuldade vira essa.*

(E&B, , s. 3, pp. 5-6)

Mais adiante na sessão, Bia traz o seu ponto de vista:

André: *Vocês ficam na zona de ataque e elas (as ideias) é que vão promovendo essa ausência de diálogo, essa briga..?*

(...)

Bia: *(Após uma pausa silenciosa e reflexiva) (...) às vezes eu penso assim, tiveram algumas coisas que nos atraiu, mas que tem um monte de coisa ali pra descobrir e a gente não consegue fazer isso pela falta de... pela dificuldade de conversar, por falta de baixar a guarda, sabe? Então a impressão que eu tenho é que tem coisas em mim que ele não conhece, que ele não chega a ter contato e da mesma forma eu em relação a ele, por estarem os dois armados o tempo inteiro. Então a gente acaba brigando e afastando, brigando e afastando...*
(E&B, s. 3, pp. 21-22)

Exercendo dupla função para o casal, tais reflexões, de um modo, colocam os cônjuges em condições de ampliar as perspectivas para as questões mais particulares e pessoais que compõem seus padrões relacionais e influenciam suas ações dentro do casamento e, de outro, pontuam questões essenciais para o investimento futuro em possíveis entendimentos, como no foco dialógico e nos aspectos que não conhecem a respeito um do outro. Os argumentos reflexivos de Écio implicam (a) em não concordar com o horário em que as conversas são propostas; (b) em desmistificar a denúncia de Bia de que não gosta de conversar e (c) em sentir-se inábil para manter-se em conversação quando se ocupam em apontar quem está certo. A reflexividade de Bia traz, essencialmente, a noção de que os motivos pelos quais se uniram, hoje os desunem e do quanto carecem de se conhecer melhor. De certo modo, esse discurso reflexivo propõe, a ambos, uma reavaliação dos valores pessoais capaz de criar sentidos que, para além do amor que nutrem mutuamente, sustentem a decisão de estar juntos. Ao longo da sessão, o casal demonstrou esboçar um projeto terapêutico, engajar-se no processo e estar disposto a colaborar para com seu andamento.

4.2.2 A PERSPECTIVA INDIVIDUALIZANTE DOS CÔNJUGES

Imbuídos de seus padrões comunicacionais recorrentes e assentados em uma perspectiva individualizante, os cônjuges mantêm, nas suas narrativas

dominantes, a queixa relacional, cujo foco recai no julgamento de quem/o que está certo ou errado, sobre o qual competem por seus significados pessoais.

Os cônjuges destacam seus discursos traduzidos pelas necessidades pessoais, as quais se apresentam em detrimento daquelas pertencentes ao 'nós', constituintes do casal. Sob a perspectiva culpabilizante do 'certo e errado', Écio se abre para a reflexão a respeito de como a força das vozes culturais o distancia do casal e Bia, mantendo a mesma perspectiva, discute a disposição em estar no casamento e a postura 'errada' de Écio. Tais reflexões são expressas nas conversações seguintes, nas quais se buscou identificar a construção de novos sentidos e ressignificações.

No excerto da 3ª sessão, a seguir, Écio explicita o legado cultural como gerador do dilema entre o certo e o errado para determinadas ações dentro do casamento, visto que, segundo afirma, ações semelhantes não teriam a mesma importância ou significação fora deste. O momento interativo é marcado pela tensão mediante a suplementação de Bia que, incisivamente, situa-se a respeito da bebida alcoólica e, de certa forma, delimita uma linha entre o que concebe como sendo o certo e o errado, configurando-se, assim, uma zona fronteira entre os cônjuges, cuja intermediação possível é criada por meio do diálogo.

Écio: *Eu acho que também as causas das brigas vai às vezes de imaturidade minha e da Bia a respeito de alguns problemas.*

André: *Imaturidade?*

Écio: *É, pra lidar com algumas coisas assim... eh... imaturidade é muito ruim falar isso... muito ruim mesmo, mas assim, algumas coisas que eu percebi, mas aí a gente vai esquecendo.*

André: *Hum...*

Écio: *E... e assim, às vezes os erros... alguns problemas, e às vezes eu bebo demais, em alguma festa... Eu sei que não era pra beber assim, mas bebi... aí...*

André: *Porque você sabe que "não era pra beber assim"?*

Écio: *Porque depois... porque às vezes eu tenho um outro ponto de vista, eu falo assim: "Mas é ridículo eu ficar bebendo, no outro dia eu vou ficar com a cabeça doendo, de ressaca, eh... eu não tenho que beber tanto". Mas é um hábito que eu tinha, então eu fico às vezes medindo se é certo, se é errado. Em outros momentos eu... não tinha problema.*

Bia: *Outra coisa que é certa é que vai dar problema, que nós vamos brigar.*

Écio: *É. Em outro momento eu bebia, não tava nem aí. Não tinha problema nenhum. Também eu não tava casado. Mas aí eu lembro que eu tô com a Bia, que eu tô casado.*

André: *Aí estar casado implica em não beber.*

Écio: *É. Vamos supor...*

André: *É porque esse é o pedido da Bia?*

Écio: *Isso, não só pelo pedido da Bia, é uma compreensão minha também.*

Bia: (...) *Eu não peço pra ele parar de beber, nunca mais beber, nada disso. Mas eu peço controle... isso eu peço.*

Écio: *É. Não beber muito. Mas eu não vejo isso também só por causa do casamento não, é por causa de não ser uma coisa bacana... eh... certa, entendeu? Porque acarreta coisas ruins. Ficar bebendo demais, dá problema. E tem hora que me falta esse senso mesmo. Só que isso vai passando e tal... eu entendo, converso com a Bia, peço desculpa.*

(E&B, s. 3, pp. 18-19)

Nesta interação conversacional, deslocando o sentido da “imaturidade” para o da “falta de senso”, Écio apropria-se de uma questão pessoal influenciada pelas vozes culturais, e de seus efeitos sobre a relação. Tal sentido é construído mediante o relato de quão desagradáveis tornam-se os momentos em que perde o controle sobre a quantidade ingerida de bebida alcoólica, sugerindo o contra-senso em manter essa situação atualmente, diante do fato de estar casado.

O casal, em uma ação conjunta, relacionalmente responsiva, negocia sentidos acerca da bebida e, por conseguinte, dos limites de liberdade menos individualizadas, o que permite a ambos, Écio e Bia, a coconstrução de alternativas de vida a dois mais compartilhadas. Momento esse considerado marcante no processo dialógico pelo entendimento compartilhado por Écio, no que diz respeito à bebida como um condicionante cultural não mais aceitável nos moldes anteriores. A abertura dialógica disponibilizada pela revisão de Écio sobre o tema, inaugura a novidade da negociação a respeito dos limites pessoais, consonantes com a liberdade individual dentro da conjugalidade.

Na próxima seqüência conversacional, ainda referente à 3ª sessão, as questões conflituosas de Écio sobre o casamento são reiteradas por Bia, ocasião em que também posiciona-se diante do estar casada e retoma as circunstâncias vividas na relação quanto à falta de diálogo. A postura curiosa do terapeuta propicia a Écio

uma ação reflexiva sobre o assunto, abrindo possibilidades para a construção de novas significações.

Bia: (...) *Eu acho que erro menos porque (...) eu acho que estou mais disposta pra uma relação dentro do casamento... (...) Eu acho que ele tá menos. Eu acho que ele tem mais relutância de pensar nessa questão dos dois, de uma vida diferente do que era antes...*

Écio: *Mas eu acho que...*

Bia: (...) *Eu tenho menos resistência. É aí que eu falo que ele perde quando não argumenta, erra quando não fala comigo o que tá pensando. Por que às vezes se ele não argumenta, não discute comigo, não fala, não fala comigo o que tá pensando, não tem jeito de eu entender uma outra forma de pensar sobre o que eu tô falando.*

Écio: *Eu acho que, da mesma forma dessa dificuldade..., Bia tá num momento particular da vida dela. É o momento 'da' vida dela, não é o momento 'do' casamento. Então o casamento tá dando mais certo com o momento dela de vida do que com o meu momento da vida, às vezes. Eu acho que fica mais tranquilo pra ela por que ela quer ficar tranquila na vida dela. Ela quer uma vida assim. Então o casamento adaptado à vida dela assim, dá certo.*

André *E pra você, que momento é o seu?*

Écio: *Aí pra mim não tá dando, por exemplo, esse momento. Mas não é que não tá dando... eu tô entendendo. Igual por exemplo, vir aqui me fez perceber muito isso.*

André *Perceber o quê, exatamente, Écio?*

Écio: *Essa questão do plano do casamento, de planejar isso, ter um projeto junto, eu tenho que repensar a forma que eu achava o que é ser alguém, como que é eu ser do jeito que eu sou... tem a ver com pensar isso, essa ligação com o passado...*

(E&B, s. 3, p. 20)

Bia constrói o sentido de que a ausência de argumentação, um 'erro' relacional de Écio, limita-lhe a possibilidade de outros entendimentos, inclusive sobre suas próprias questões e empobrece a interação dialógica conjugal. Contrapondo o discurso de Bia, a formulação argumentativa de Écio busca um entendimento responsivo do 'acerto' quanto à disposição ao casamento, atribuindo-lhe os momentos diferentes em que cada qual se encontra. Porém, coloca-se relacionalmente engajado à necessidade de redefinir a vinculação de seu momento atual de vida com um momento vivido no passado – formas de vida que ora busca conciliar.

Nessa medida, a conotação de certo e errado ganha um lugar mais arejado, ao passo que, o sentido do ‘erro’ é construído como ausência de voz na esfera dos assuntos conjugais, enquanto sua antítese, o ‘acerto’, por consequência, sustenta a expressão ativa nas decisões em comum da vida a dois.

Esta interação é considerada marcante, ainda que, pareçam não ter conseguido estabelecer ações congruentes que construíssem sentidos novos às suas expectativas de vida a dois, os cônjuges entenderam, em nível relacional – por meio dos enunciados de Écio e da atitude passiva, porém responsiva de Bia –, os momentos de vida distintos a que cada um enfrenta, os quais se instalam como interesses carentes de coerência à configuração conjugal. Não obstante, o discurso de Écio contém aberturas para a construção de caminhos em direção a uma história alternativa, à medida que se dispõe a redefinir sua forma de vida atrelada ao passado e conectar-se com projetos a dois, o que caracteriza o deslocamento do discurso pautado no individual para o relacional.

4.2.3 CONSTRUINDO A CUMPLICIDADE CONJUGAL

Na quarta sessão, os cônjuges expressam grande insatisfação pelo fato de a semana ter sido, de todas as anteriores, a *“mais difícil, em todos os sentidos”*. O que para Écio é definido como *“uma semana distante em relação a nós... a tudo”*, é relatado por Bia como enfrentamento de dificuldades *“no serviço, em casa... em casa com nós dois”*. Ao serem questionados sobre a abrangência das expressões “a tudo” e “todos os sentidos”, outras questões que se mostraram subjacentes ao tema inicial da insatisfação relacional enfrentada, são trazidas à discussão, quais sejam: (a) os assuntos do trabalho, dos ideais, da militância sócio-política, os quais abraçam com facilidade, se apresentam como confundidos com os assuntos conjugais o que, neste caso, rouba-lhes a força para cuidar da vida a dois em sua essência; (b) a ausência de cumplicidade, de escuta e de afeto manifesta-se através da rigidez

reciprocamente dispensada na relação, uma vez que, gastam muita energia se ocupando em “vigiar um ao outro”, exercendo, assim, “a função de pai de um e mãe do outro”, e (c) a constatação de que as características pessoais e os ideais de vida, os quais levaram Écio e Bia a se aproximar e a se casarem, não têm mais o mesmo sentido, “hoje tem um tom diferente” e são identificados, inclusive, como um dos fatores dificultadores na consecução de uma relação conjugal menos conflituosa.

Bia: (...) Mas assim, ouvir... só ouvir, né? Tentar ali amenizar a situação, eh... você faz um carinho... ali você já relaxa... Então é isso, eu acho que não tem nada de tão complicado. (...) Eu sinto falta disso.

André: O que precisaria acontecer para que fosse diferente? O que você pensa que seria mais satisfatório?

Bia: Não sei, de repente assim... uma... acho que uma postura assim... mais de companheirismo, né? Tipo... de ser solidário com o que o outro tá falando, com o que o outro tá sentindo, né?

(...)

Écio: Mas porque quê não tem essa cumplicidade então?

Bia: De repente porque a gente acaba ocupando outra função.

André: Qual?

Bia: Que é de pai de um, de mãe de outro, né?

André: E aí quando é pai de um e mãe de outro, qual é o efeito?

Bia: (...) você gasta todo o tempo com isso, você gasta toda a energia com isso, gasta todas as situações com isso. Você não passa por nada de forma diferente... por nada.

André: Vocês ficam menos colaborativos dentro do casal. Então, o que vocês acham que tem acontecido?

(Longo silêncio reflexivo)

Bia: É... porque assim... da minha percepção com relação ao Écio, né? Eu sei que muita coisa que me chamava... que me chamou atenção no primeiro momento, hoje pode ser motivo de briga...

André: Então, o Écio acha que essas questões das ideias, dos ideais é que caem hoje na relação como um fator de desavença.

(...)

Bia: É, que, por exemplo, assim... ele... eh... ele fica frustrado com que ele acredita com relação a meio ambiente, educação. Aí ele entra quase que em depressão profunda. Aí ele fica assim bem estranho. Aí eu acho que sobra um pouco de rispidez pro resto das coisas, incluindo a gente.

(E&B, s. 4, pp. 18-22)

Os cônjuges intensificam a exploração sobre os seus dilemas tanto pessoais quanto suas implicações no casal, produzindo diálogos significativos no que tange à percepção de crenças e atitudes pessoais que os fazem reféns de uma pauta relacional comprometida com o agravamento do conflito conjugal. Ao enfrentar, conforme relatado, uma semana “distante” ou “a pior delas”, geradora de marcante

desconforto relacional, o casal entra em contato com questões instauradoras da crise e, adotando uma ação transformadora, assume uma postura que lhe demove do discurso da dificuldade do diálogo para o da dificuldade da escuta e do afeto. Deslocamento esse amplificador de sentidos, capaz de redefinir o encontro conjugal e cultivá-lo em domínios relacionais mais acolhedores.

Écio e Bia negociam sentidos e, conjuntamente, constroem significações sobre o descuido da conjugalidade, mediante a priorização das articulações políticas, sendo ambos, o descuido e a priorização, mantenedores da ausência do afeto. Fatos esses que lhes facilitam a introdução de formas relacionais pertencentes a outras esferas, como a do trabalho, da faculdade, dos projetos pessoais idealistas, etc., as quais, em certa medida, cumprem uma função protetiva em relação ao comprometimento conjugal e, por conseguinte, os convidam a exercer o controle de um sobre o outro, cuja função é de, paradoxalmente, não permitir um distanciamento excessivo. Soma-se a isso, a vulnerabilidade vivenciada diante da questão de não se sentirem mais atraídos pelas características que os aproximaram, usurpando-lhes, enfim, a cumplicidade, as ações colaborativas dentro do casal.

A intervenção imaginativa do terapeuta a respeito do “que seria necessário acontecer para que o casal tivesse uma dinâmica relacional mais satisfatória, ou diferente da até então conhecida”, convida-o a se conectar com a falta para, então, em ação conjunta, negociar a introdução do necessário possível, para a redução do conflito relacional. O arremate de tal negociação é confirmado pela construção de que a ausência de diálogo é produto da ausência de escuta, que, somada à ausência de afeto, constitui-se na ausência de cumplicidade, caracterizada pela ausência de intimidade relacional.

O alcance de significações dadas à experiência adquirida no profundo desconforto da semana, configura a consecução de novas perspectivas, sintetizadas pela construção de cumplicidade conjugal e elege, como marcante, o momento singular em que os cônjuges se definem em torno de temas fundamentais,

propiciatórios da crise conjugal. Temas estes que, oportunamente, os conduziram ao entendimento da produção de pautas centrais da relação conjugal e disponibilizaram-lhes o estabelecimento de novos projetos pessoais gerando, assim, propostas de outras formas de estarem em casal.

4.2.4 DANDO VOZ À POSSIBILIDADE DE SEPARAÇÃO CONJUGAL

O tema acerca da separação conjugal, precedente às produções expressivo-criativas, adquiriu, em sua introdução, um caráter tenso e delicado como se até então não tivesse encontrado lugar que sustentasse a sua expressão, como sem possibilidade de gerar corpo pelo qual pudesse ser visto amoldado em dimensões menos destrutivas e, ainda, com possibilidade menos ameaçadora e mais criativa de entendimento.

A formulação seguinte, situada na 5ª sessão, evidencia um fluxo conversacional tenso e árido, onde o “apelar” encerra o sentido de ausência da possibilidade de negociação e, em uma sequência imediata, o risco do abandono, da separação.

Bia: *O problema é quando apela. Quando apela...*

Écio: *É porque tem hora que eu chego também no limite, que eu falo assim; “Ou eu vou cooperar, ou eu acho que a gente não tem nada a ver de ficar junto mais”. Ou alguma coisa tá certa, ou não tá certa, não é, ou não há amor, não há carinho bastante...*

(...)

André: *Nesse momento vocês correm risco então, o casal corre risco? De alguém fazer as malas e ir embora?*

Écio: *A gente não chegou ainda num risco assim não, mas eu acho que corre sim.*

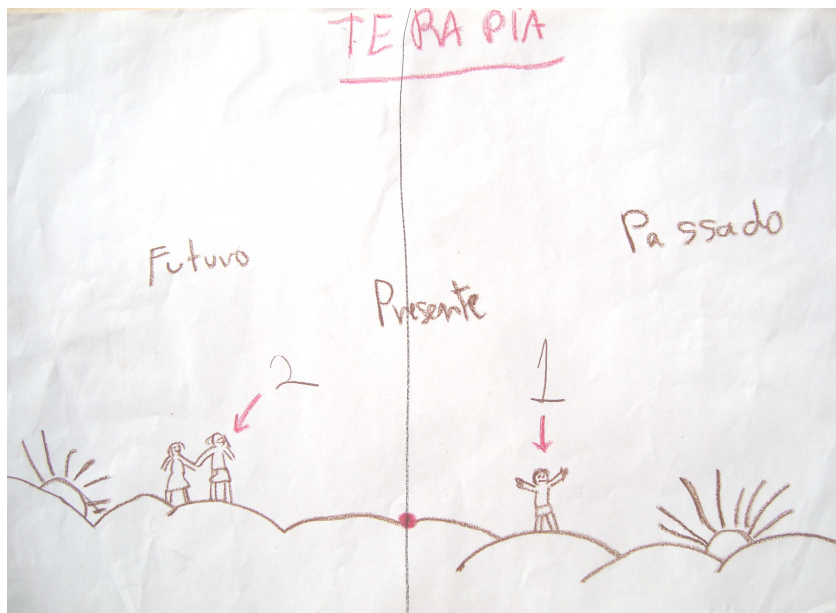
Bia: *Assim, não chegou a falar, a verbalizar, e falar: “Não, então, cada um pro seu lado”, né? Mas eu acho que chega muito perto, né?*

(E&B, s. 5, pp. 22-23)

Constata-se nesta interação conversacional a disponibilização de um recurso linguístico até então carente de expressão, uma vez que, o tema da separação, tido como agente ameaçador da vida conjugal, ganha guarida em outras instâncias, para

então apresentar-se dissimulado por meio de temas menos arriscados à interação conjugal.

O discurso dominante de Écio acerca do casamento recorrentemente esbarra na questão da liberdade conectada à fase de solteiro. Como apresentado na análise do uso do desenho (ver 4.1.1), nesse momento de tensão, este é solicitado ao casal buscando oferecer a possibilidade de conversar sobre o problema, sob as lentes de cada um dos cônjuges, conforme os motivos que julgavam importantes. Ao iniciar a descrição de seu trabalho, o qual intitula de “Terapia”, traz uma idéia exposta na 1ª e na 2ª sessão referente à sua dificuldade em estar casado, visto que, o compromisso do casamento o deixaria menos livre.



Desenho: C1.1a - Écio

O desenho de Écio, descrito no extrato da 5ª sessão a seguir, é marcado por uma linha divisória nítida entre dois momentos, os quais, obedecendo a certa simetria, são numerados como 1 e 2. No da esquerda, o número 1, representa-se só, no passado, e no número 2, o futuro, coloca-se em companhia de Bia. Em ambos os lados, os personagens da história são sustentados por montes de terra, de onde o sol aponta ou se põe, algo não esclarecido. Na linha divisória desenha um ponto – o

presente – o conflito gerado por suas questões pessoais e pelas questões relacionais do casal.

Écio: *Eu acho que tem dois lados, uma divisão. Se eu optar por ficar sozinho, eu vou tá voltando o pensamento pra o que eu era no Passado. Eu não tenho perspectiva de pensamento de Futuro estando sozinho, é o pensamento do que eu era, do Passado. De Futuro eu penso estando com a Bia. Divide os dois. No meu Passado, que eu... eu escrevia poesia, eu bebia muito e eu adorava viver solidão, esses trem. (...) E no Futuro é construir... é novo.*

André: *E o Presente?*

Écio: *Eu coloquei no meio, pra dividir esses dois (...).*

Écio: (...) *Voltando ao passado eu não tenho presente. Porque eu fico com essa discussão no curso que eu faço, então isso fica perturbando a minha cabeça ultimamente... presente e passado.*

André: *O seu Futuro se confunde com o Presente aí no desenho. Você vive hoje é isso aqui? É a situação de dois...*

Écio: *Eu vivo aqui (apontando para o futuro - o casal)...*

André: *...o casal.*

Écio: *...e no dia a dia, a gente chega nesse ponto quando vêm os problemas (desenha um grande ponto na linha que divide o passado e o futuro).*

André: *O ponto da divisão?*

Écio: *Da divisão. Aí eu penso: "Se a gente tá brigando, a gente não dá certo, se a gente não vai ficar junto, eu vou viver de novo o que eu era, o que eu tenho idéia do que eu era, que é antes da Bia.*

André: *Então a briga é sempre um convite para retomar isso aqui? (indicando o desenho do Passado)*

Écio: *Isso! E eu sei que esse passado meu não é bom, porque ele é perigoso, porque eu fico sozinho, e... eu não tinha perspectiva de futuro, nunca tive, isso era tranquilo! Isso traz uma liberdade, que é uma vida tranquila assim, pra você não preocupar. Mas aí eu tinha que pagar minhas contas, eu tinha que trabalhar. Mas também eu...*

Bia: *Parece que é mais possibilidade que liberdade, né?*

Écio: *...ficava naquela coisa de quem sou eu. E é muito confuso, assim...*

André: *A Bia está dizendo que parece que é mais... Bia?*

Bia: *...Possibilidade que liberdade, bem mais.*

André: *O que você acha?*

Écio: *Mas eu tô muito atento com o que você me perguntou há umas duas sessões passadas, sobre que liberdade seria esta. (...) Não tem sentido ficar preso a uma idéia de liberdade, porque aí não é liberdade, então isso me tem feito pensar mais.*

(E&B, s. 5, pp. 24-25)

Ampliando sua perspectiva, Écio compartilha o entendimento de que os conflitos o levam à divisão entre duas possibilidades: uma, finca pé no passado e está representada por sua época de solteiro, pelos amigos da juventude, pela cidade natal, e pela soltura que essa fase lhe oferecia, e outra, apontada para futuro, significa-se a partir de seu estado atual de casado, ou mesmo pelo casamento que,

em sua reflexão, estaria por ser vivido com suas regras e compromissos próprios. Cabendo, enfim, ao presente o marco do conflito, da ambiguidade ou, mais propriamente, do paradoxo, justificado pela dificuldade de cultivar, no momento atual de vida, a conciliação do já experimentado com o estimado do que possa vir a ser.

Essa interação conversacional é considerada marcante, uma vez que, contando e recontando suas angústias, Écio estabelece conexões importantes, as quais disponibilizam a emergência de um sentido novo tanto para o estado de liberdade, que mais o aprisiona que libera, quanto para o seu desenho, cujo título “Terapia”, que além de remeter à abertura espontânea para o entendimento sobre suas questões conflituosas, também aponta o processo terapêutico como um lugar possível a essa empreitada. Neste contexto, tal eleição torna-se significativa por trazer a reavaliação de suas preconcepções sobre a terapia em si, já que, na 1ª sessão, havia demonstrado certa dificuldade em se engajar, dizendo-se resistente à idéia de terapia e, para a qual, o convite fora aceito por insistência de Bia.

O discurso de Bia apoia-se em futuro esperança, anunciado no título de seu desenho, “O que é maior é melhor, mais ainda não é percebido”, que se traduz como uma importante metáfora apontando para a possibilidade de viver algo existente, maior e melhor, que está lá, de permeio na relação do casal, mas ainda não observado em função das desagradáveis situações que influenciam essa relação.



Desenho: C1.1b - Bia

Bia constrói a imagem de uma paisagem como sendo a totalidade relacional, composta de sol, pássaros, um pouco de verde sobre uma pequena porção de terra, e pedras negras flutuantes em uma grande quantidade de água, trazendo a ideia de separação à medida que a descreve. Em sua criação, exime-se da representação formal de si mesma, embora, através dos pensamentos sobre separação, se descreva presente em uma das extremidades inferiores do desenho, enquanto na outra oposta, o marido é representado por um monte parco de terra marrom arrematado com ramos verdes. Os obstáculos relacionais caracterizados pelas pedras negras são destacados, ocupando o centro do desenho, flutuando na imensa quantidade de água.

A narrativa de Bia, construída de forma a criar perspectiva futura de apropriar-se do que ela chama de "maior e melhor", presente no espaço relacional, mas ainda sem possibilidade de ser vivido, é apresentada no excerto da 5ª sessão que se segue.

André: *Bia, conta pra nós o que você fez aqui.*

Bia: *Eu acho que essa discussão do limite, do quê que pode acontecer nessas horas assim, de... que as pessoas estão apeladas, né?, no sentido de que tá ali embrutecido, tá ali distante, e que não consegue conversar, não consegue, eh... ter proximidade nenhuma ali, nem física, nem nada... eh, eu acho que a gente*

põe em risco uma possibilidade de viver uma coisa muito boa. Então assim, é como se fosse uma paisagem, né? Mas que a gente começa a colocar um monte de coisa ruim pro que era pra ser bom. E é isso... e aí eu coloquei esse lado de cá com mais negocinho (referindo-se a um montinho de terra com uns ramos verdes), que é como se o Écio tivesse mais desse lado e eu do lado de lá. Porque dele falar assim que “as coisas perdem o sentido, perdem o valor, e eu não tô nem aí com nada”, então por isso eu coloquei mais do lado de cá, por conta dessa fala dele. E coloquei da minha fala também, desse outro lado, porque eu não deixo de pensar nessa questão... já pensei... lógico que já pensei em separar, já pensei que a gente não fez a opção certa.

(...)

André: *O que é que faz ficar tão diferente o lugar que você fica e o lugar que o Écio está nessa relação?*

Bia: *Eu acho que pra mim... eu não tenho tanto dilema com esta questão de estar casada ou não, da minha vida antes, ou da minha vida depois. Isso pra mim é uma coisa mais tranquila, o que não faz com que a relação em si seja tranquila, né? (...) Eu acho que, assim... essa questão de perder o sentido, de não valorizar, não dar importância, eu acho que são coisas que prejudicam mais ainda a relação. Que a gente... eu acho que é uma coisa bacana, uma coisa bonita, mas a gente consegue viver isso pouco tempo. Na maioria do tempo a gente fica colocando coisas, que são esses pontos pretos aqui, pra estragar, pra sujar, entendeu?*

(E&B, s. 5, pp. 27-28)

Responsivamente, Bia coloca-se como cocriadora de uma relação suscetível e ameaçada de dirupção, embora não aponte, formalmente, uma linha que a separe do casal, conforme o faz Écio. Porém, localiza-se fora da relação, quando, mesmo que de forma invisível, presentifica-se em um lado oposto ao cônjuge, para o qual elege um lugar tão distinto quanto excludente, posto localizá-lo à margem da relação conjugal, representada pela totalidade do trabalho criativo.

A abertura conversacional, proposta pela linguagem do desenho, concede expressão ao ainda não dito no espaço relacional do casal, até então inviabilizado pela inerência tensional. Esse entendimento faz da referida interação um momento marcante tanto para o terapeuta quanto para os cônjuges, visto que, estes últimos criaram, a partir das narrativas sobre o desenho, espaços conversacionais de apropriação de suas metafóricas linhas divisórias ou separativas, ora tracejada ora invisível em suas produções criativas.

Percebido como um momento marcante, a utilização do desenho como recurso linguístico e imaginativo, descrito nos extratos da 5ª sessão, possibilitou aos

cônjuges dialogarem com as questões, anteriormente enunciadas, as quais, até então inviabilizadas pela tensão, foram contextualizadas a partir dos seus conflitos, bem como da abertura para futuras interações comunicacionais na relação conjugal. Tais conflitos, uma vez expressos e observados a partir dos desenhos, permitiram aos cônjuges tomá-los por objeto de reflexão, desvinculando-os, portanto, da identidade pessoal e localizando-os coconstruídos na relação conjugal. Distanciamento reflexivo este que os habilitou à desnaturalização de uma narrativa dominante e restritiva, com vistas à construção de novas formas de vida.

4.2.5 A LEGITIMAÇÃO RECÍPROCA ENTRE OS CÔNJUGES

Após uma viagem de final de ano, na sexta sessão, o casal compartilha a novidade do bem-estar que sente pelo sucesso do passeio que, muito diferentemente de todos os anteriores, realizou-se em clima tranquilo, de atenção carinhosa mútua. Buscando acentuar as interações discursivas dos cônjuges, o terapeuta propôs que contassem, por meio do desenho, a história vivida, o qual se constitui em um registro imagético da experiência, além de ter, nestas circunstâncias, o caráter formativo do vivido como novidade, e o funcional de legitimação da conversa sobre mudança.

Nessa sequência conversacional, são apresentados quatro relatos a respeito dos desenhos realizados na sessão. Conforme solicitado pelo terapeuta, os cônjuges fizeram, inicialmente, a leitura do desenho um do outro, para então descreverem o próprio trabalho, um tipo de intervenção capaz de abrir possibilidades de conversas mais livres e menos impositivas, que ofereçam novas conexões e legitimação interativas.

Desta forma, foram realizados exercícios imaginativos sobre as impressões que a produção criativa de cada qual suscitara no outro, a serviço dos recursos linguísticos e imagéticos naturais do desenho como confirmativos, portanto

fortalecedores, das descrições e das narrativas emergentes nas conversas, gerando, assim, formas de vida mais genuínas e libertadoras.

Bia conta sua experiência criando uma paisagem com água correndo ao pé de duas altas montanhas verdes, uma árvore, flores, pássaros, uma nuvem negra e sol, a qual intitula “Melhores momentos”.



Desenho: C1.2b - Bia

As imagens de Bia, produzidas na 6ª sessão, promovem em Écio a construção de sentidos alternativos sobre sua narrativa dominante e dão início a um processo de redefinição dos problemas como inerentes à vida e com os quais é possível conviver, consoante o relato que se segue.

André: *Usando o desenho da Bia o que você acha que ela quis contar com esse trabalho.*

Écio: *É harmonia. Beleza. Tranquilidade. Acho que é isso. (...) Tem uma nuvem negra ali que eu não tô entendendo.*

André: *O que você imagina que é essa nuvem negra?*

Écio: *Ah! Deve ser pra não perder o pé do chão.*

André: *O que significa “não perder o pé do chão”.*

Écio: *Que não é só sonho, né?*

André: *Hum.*

Écio: *Não é mar de rosas, tem complicações.*

André: *Interessante você pensar na idéia de que a nuvem negra representa não deixar de ter o pé no chão... porque a nuvem é volátil, passageira, evapora logo, vai embora logo...*

Écio: *O pé no chão é que nem tudo vai ser sempre perfeito. Sempre tem umas coisas que realmente fazem parte de algumas complicações mesmo. (...) porque se a gente for levar pra uma lógica, o rio é bonito, mas ele evapora, se transforma na nuvem. Por mais estranha que seja a tempestade ela se transforma no rio, é vida. Uma coisa só. Com partes boas e pequenas partes ruins. (...) Não é que o real é ruim. Tudo faz parte do real aqui (indicando o desenho), eu acho. Só que tem partes que tem as complicações, me parece que... são coisas que não modificam (...). As coisas ruins vão acontecendo, elas existem. Elas podem acontecer a qualquer momento ou não podem. Então, não esquecer que apesar de tudo estar bom, pode ter coisas ruins. Então ter sempre essa preparação.*
(E&B, s. 6, pp. 2-3)

No processo dialógico, a partir das imagens produzidas por Bia, utilizando-se de um discurso metafórico a respeito do ciclo da água, cujo movimento natural é contínuo e circular, Écio abre possibilidade para o entendimento de que as situações desagradáveis são constituintes da vida, as quais o aproxima de outras versões de realidade em contraposição ao sonho fantasioso da ausência do desconforto.

As implicações dessa conversa reflexiva, observadas pelo terapeuta como marcantes, geram em Écio ações responsivas ligadas a suas novas concepções de que eventos bons e ruins, agradáveis e desagradáveis são constituintes da vida, interconectam-se, portanto, dentro dela e, assim, não há porque temê-los, mas estar preparado para vivê-los. Tais construções reafirmam as narrativas preferidas, recém construídas, referentes a um novo lugar conjugal já pensado e que busca ordem e confirmação.

Em sua própria produção, Écio exibe uma árvore com raízes e frutos, verdes, vermelhos e marrons, e chama-a de “Vida”.



Desenho: C1.2a - Écio

Na próxima sequência, extraída da 6ª sessão, Bia relata suas impressões sobre o desenho do cônjuge, contextualizando-o na viagem que haviam feito na semana anterior, a qual, dentre todas, conforme consideraram, foi a primeira bem sucedida, uma vez que souberam lidar com as dificuldades que se apresentaram.

Bia: *Eu acho que ele quis representar aqui um pouco, assim... de natureza, de beleza, né? Eu penso assim, não sei se é o que ele quis dizer, mas a questão dos frutos na árvore eles podem ser também uma... o fato da gente tá bem, da gente conseguir trabalhar melhor com algumas situações, é como um fruto de esforço, de ter topado tá aqui, eh... é como, não sei se é uma questão de ciclo ou de complementaridade... questão do sol, de raiz, de tronco, de fruto, e isso se refaz, né? Eu penso que é isso.*

André: *O que você acha que levou ele a pensar nisso aí?*

Bia: *Eu acho que essa experiência da gente ter conseguido viajar e ter ficado bem é muito significativa, assim pro's dois. Porque a gente já fez várias viagens, mas é sempre muito problemático, pelas mesmas questões, pelas mesmas dificuldades de quando a gente tá em casa mesmo, assim... dificuldade de entendimento entre as duas partes. Dificuldade de conversar, de falar, falta de cuidado, essas coisas assim. Então a gente tava, assim... bem mais cuidadoso... mais tranquilo, mais paciente um com o outro. E aí foi assim uma experiência muito bacana, muito boa. (...) a gente conseguiu fazer diferente. Nós aproveitamos muito, apesar assim, de um estresse ou outro, mas eu acho que a gente conseguiu contornar muito bem, foi muito tranquilo.*

(E&B, s. 6, pp. 4-5)

Neste fluxo conversacional, Bia apropria-se de um discurso metafórico relacionado aos caminhos até então percorridos, sobre os quais novos sentidos

foram coconstruídos em uma empreitada relacionalmente responsiva e descreve a boa experiência da viagem como uma novidade na vida do casal, possibilitadora do entendimento do desconforto e mobilizadora de narrativas assertivas.

Incorporando a experiência pessoal, Bia, em uma interação espontânea e responsiva, concilia os eventuais estresses com o bem-estar, gerado pela aptidão desenvolvida para lidar com incidentes imprevisíveis e desagradáveis, inerentes à ocorrência da vida. Dessa forma, o acontecimento vivido foi positivado e referido como passível de manutenção dentro da conjugalidade, com vistas à sustentação de ações relacionais mais responsivas.

Ao abandonarem a narrativa dominante e, por vezes, saturada, Écio e Bia abrem-se para uma história alternativa, negociada conjuntamente, sobre sua relação conjugal, com vistas ao empoderamento da competência de compartilharem uma relação mais harmoniosa como desejam. O contexto criativo propiciou que, mediante os desenhos, as imagens tratadas se tornassem, de forma natural e espontânea, metáforas dialógicas colaborativas para o entendimento e a legitimação da novidade, fortalecendo, assim, as suas narrativas preferidas de vida a dois, construídas a partir da experiência bem sucedida da viagem e estreada pelo casal como um momento marcante.

Nesta interação conversacional seguinte, da 6ª sessão, Écio descreve seu desenho como um símbolo de vida e, espontaneamente, relacionando-o com o desenho feito na sessão anterior, constrói sentidos novos sobre suas questões pessoais. Confere assim inteligibilidade sobre seu apego ao passado, adotado até então como narrativa dominante que o confunde e o afasta do casamento. O conflito “passado-presente-futuro”, expostos em ambos os desenhos, são ressignificados, habilitando-o a construir novas formas de vida, conforme percebido no extrato seguinte, referente à 6ª sessão.

Observando a conexão espontânea, estabelecida por Écio, com o desenho anterior, o terapeuta entendeu como produtivo colocá-lo à disposição, a fim de enriquecer a sua leitura e a construção de sentidos.

André: *Agora Écio, conta pra nós sobre o seu desenho.*

Écio: *A árvore é porque... já foi direto assim... uma coisa pra mim, de um símbolo, que é vida... até escrevi aqui "Vida". Agora..., eu comecei a desenhar os frutos e depois que eu terminei de desenhar eu vi que eu coloquei a relação presente-passado-futuro (indicando os frutos), de novo, e pensei assim: "Ah"! Isso faz parte da vida, presente, passado e a expectativa de madurar as coisas".*

André: *Colocar presente-passado- futuro novamente..., o que significa isso?*

(...)

Écio: *Aqui (indicando o desenho anterior) eu tava com aquela ideia de que o passado era algo que eu tinha que buscar, que ser igual aquilo. Aquela coisa que a gente discutiu de liberdade. Mas não, aqui (referindo-se ao desenho atual) eu já coloquei como fazendo parte de uma coisa só, é o ciclo da árvore, da vida. O passado passa. Ele é um fruto, não uma dialética não, mas é um fruto e tem mais fruto no presente e vai ter mais fruto no futuro, se a vida continuar, se a árvore tiver em pé.*

(...)

André: *Bia, o que você acha disso que o Écio está concluindo da obra dele, desses desenhos?*

Bia: (...) *Eu acho que essa percepção que ele traz agora, favorece mais a relação, assim... de tranquilidade, de harmonia, de maior compreensão sobre a situação... sobre como que é a nossa vida hoje, como que ele pensa na vida dele de quando era solteiro. Acho que isso deixa ele mais confortável, mais tranquilo. E eu acho bom, assim... fico satisfeita, fico feliz. Porque acho que é um caminhar, assim... acho que ele se aproxima mais de uma perspectiva de casal, de uma nova etapa da vida, de uma outra forma de ver as coisas, de fazer as coisas, sem sofrimento, assim... de ruptura,*

Écio: (...) *acho que isso tá mais tranquilo aqui (indica desenho atual), aqui tem mais sofrimento (aponta desenho anterior). Agora (indica o desenho atual) tem mais tranquilidade como uma forma de ver essa nova etapa da vida.*

(E&B, s. 6, pp. 9-12)

Por meio das conversas criativas e responsivas que nesse contexto foram disponibilizadas, a partir do desenho, desenvolvem-se, em um processo coautoral, as conversas de reautoria¹⁰.

Habilmente, Écio constrói uma metáfora viva ao estabelecer a conexão dos desenhos, a qual se traduz em suas narrativas, a dominante e a preferida, cada qual com sua representação formal na produção criativa. Vendo, diante de si,

¹⁰ Conforme Carey & Russel (2007) trata-se de uma categoria de conversas que envolve a coautoria de argumentos e enredos pressupondo a construção de uma história alternativa, também chamada de história preferida.

presentificarem-se ambas as formas de vida, Écio se define por aquela que lhe aponta o novo. Valendo-se disso, organiza sua experiência empreendendo o deslocamento das conversas em torno de uma narrativa condensada e determinada pelo “passado-presente-futuro”, tido como instâncias de acessos distintos, para uma narrativa preferida, integralizando estas três dimensões como possíveis de se transitar mais livremente.

Apropriando-se de uma nova postura, Écio, muito explicitamente, indica habitar um outro lugar, onde se abdica da lealdade até então dedicada às vozes culturalmente determinantes do passado e, se autorizando a pisar no presente, abre caminhos para a construção, tão espontânea quanto responsiva, de formas de vida futuras.

Nesse processo dialógico, respaldado pela linguagem imagética do desenho, destaca-se como um momento marcante a potência da novidade do entendimento autoral de Écio, somado à coparticipação de Bia que legitima a narrativa alternativa do marido, considerando-a responsivamente implicada à produção de sentidos novos dentro da vida pessoal e conjugal.

Na sequência dialógica, ainda da 6ª sessão, descrita a seguir, Bia metaforiza a nuvem negra de seu desenho, expressada como a “chuva-tempestade” que permeia o espaço relacional de forma agora menos ameaçadora, mediante ressignificação do problema. As formulações foram ampliadas mediante uma postura curiosa do terapeuta a respeito do sentido da harmonia, sempre presente na busca de inteligibilidade dos desconfortos relacionais do casal.

André: *Bia, vamos lá, vamos conversar sobre o que você fez?*

Bia: *Eu acho que o Écio captou a ideia, assim... Eu quis mostrar a questão da harmonia mesmo, assim... acho que... tanto assim da harmonia nossa, como da harmonia com relação ao lugar onde a gente tava, acho que tava tudo muito bem. Pra mim uma experiência muito diferente. Engraçado, eu pus a nuvem aqui porque no passeio, na viagem tava chovendo, mas não atrapalhou, assim... na verdade tem umas coisas que ficaram bem bacana por conta da chuva. Não que no relacionamento as coisas ficam bem bacana por conta das tempestades, não fica! Mas assim... a chuva não atrapalhou o passeio. E trazê-la assim, pra minha vida..., acho que tem muita coisa boa pra gente passar, bonita pra gente viver... e*

vão ter umas tempestades, vão ter umas chuvas, mas assim... eu acho que as outras coisas sobressaem. Se a gente conseguir ver, né?

(...)

André: E aí Bia, se a gente pensar na relação entre estes seus dois trabalhos?

Bia: Estão tão parecidos, não tá? Só tirei as pedrinhas pretas... é como tivesse assim um desenho limpo. Mas, no contexto geral, os desenhos estão bem parecidos. O que eu acho, pra mim, o que fez grande diferença são essas pedrinhas pretas que... (indicando o desenho da sessão anterior), que pra mim representam a forma como a gente lida com os problemas, entendeu? Não que a vida não vai ter mais problemas, não é isso, é a forma como lida com eles.

André: Essa situação aparece no seu desenho?

Bia: Na nuvem. Mas diferente né? Assim... mais ameno, num outro estado, de uma outra forma.

Écio: A nuvem pode se desfazer... ela pode... ela é mais flexível.

(...)

André: Como é que vocês concebem essa harmonia na relação? Que idéia vocês têm desse estado harmonioso?

Écio: (...). A gente não tá voaaanndo nas nuvens numa canção. Mas a gente lida com as coisas de uma forma mais paciente, pacífica, mais respeitosa.

(...)

Bia: Eu acho que muito ligada com a questão do cuidado no jeito de fazer, né? Que aí vai conduzir todo o resto dos acontecimentos, do dia, da semana. E a gente percebe isso nos mínimos detalhes, quando chega em casa, de que forma que a gente encontra, de que forma a gente conversa sobre alguma coisa, de que forma que janta, de que forma que vai dormir, então isso tá presente assim... em tudo que a gente faz. Tudo que a gente faz, a gente entende como a gente tá um com o outro, né? Se tá bem, se não tá bem.

(E&B, s. 6, pp. 12-18)

Bia traz na produção criativa a representação do vivido como novidade, na qual o caminho que seguiram juntos na viagem de férias é metaforizado como o caminho da vida a dois, e os desafios inerentes à vida e à conjugalidade, como a nuvem chuvosa, cuja beleza do entorno, descrita na paisagem do desenho, conjuga com a harmonia experimentada. Nestes termos, a linguagem criativa do desenho auxilia Bia ao fortalecer as formulações do deslocamento de narrativas restritivas para narrativas que abrem possibilidades libertadoras acerca do problema. Ela constrói novos sentidos sobre o enfrentamento dos problemas na sua vida diária e aqueles vividos no casal, entendendo que a mudança não se dá pela ausência de problemas em si, mas na forma como tem vivido e lidado com eles.

Sob um jogo metafórico poético acerca da 'nuvem negra' como tempestade vital, que permeia as relações humanas, Bia naturaliza a existência de problemas como acontecimento possível de ser enfrentado e pelo qual não carece sucumbir.

Para tanto, suas pedras negras flutuantes na água, como representação recorrente ora dos “problemas”, ora da “forma de lidar com os problemas”, ganham qualidade de nuvem, ainda negra, porém, volátil, solta, passageira que, na leitura de Bia, aponta caminhos novos, mais livres, arejados e leves tanto para a vida pessoal, como dentro da relação conjugal, acolhedores da harmonia desejada pelo casal.

O entendimento responsivamente compartilhado de que “os *problemas não deixarão de existir*”, configura-se em um deslocamento do ‘problema tido como sendo o problema’, para o modo diferente de ‘lidar com o problema’. Portanto, tal entendimento potencializa a dissolução do problema, cuja percepção fundamenta-se na mudança de perspectiva, sob a qual, o problema em si mesmo não mais se constitui o problema da relação.

Apropriando-se desse novo sentido dado ao problema e apoiada pelo marido, Bia formula em seu enunciado, a expressão da diferença como uma novidade relacional experimentada fora do contexto terapêutico, possibilitando a construção de uma autonomia conjugal responsiva.

A coparticipação de Écio, introduzida pelas imagens dos desenhos, é substancial no sentido de buscar conexão com a esperança de uma vida conjugal harmoniosa, quando, ao compartilhar da construção da esposa sobre a autonomia conjugal, afirma que Bia e ele têm uma “*vida*”, que é dada a conhecer como o “*caminho que é pra ficar andando nele*”, ao qual deverão dedicar atenção e harmonia enquanto estiverem dispostos a ficar juntos.

O momento configura-se como marcante, tendo que, na busca de inteligibilidade dos desconfortos, Bia, à semelhança de Écio, se define habitante de uma nova esfera na vida pessoal e dentro da conjugalidade. Nessa interação, o casal, em ação responsiva elege, como meta relacional, o estado de harmonia, cujo sentido, conjuntamente negociado, compreende em “cuidado, atenção, respeito e carinho” como ingredientes para a “*saúde da relação*”.

4.2.6 O SENTIDO DA ESTAGNAÇÃO RELACIONAL

Os cônjuges abriram as conversações da 7ª sessão em clima tranquilo de atualização sobre suas conquistas dialógicas interacionais, reafirmando a satisfação que têm experimento no que diz respeito à solução de problemas, pelo fato de estarem conseguindo falar mais assertiva e rapidamente sobre as questões relacionais que os incomodam. Em seguida, expõem as dificuldades que enfrentam em situações geradoras de estresse. Ilustrando esta narrativa, relatam um episódio vivido a respeito de uma encomenda a ser entregue por eles em um endereço, que embora conhecido, era difícil de ser encontrado. Na descrição, enfatizam o estresse que enfrentaram ao divergirem quanto à direção a ser seguida, a fim de chegar ao destino desejado.

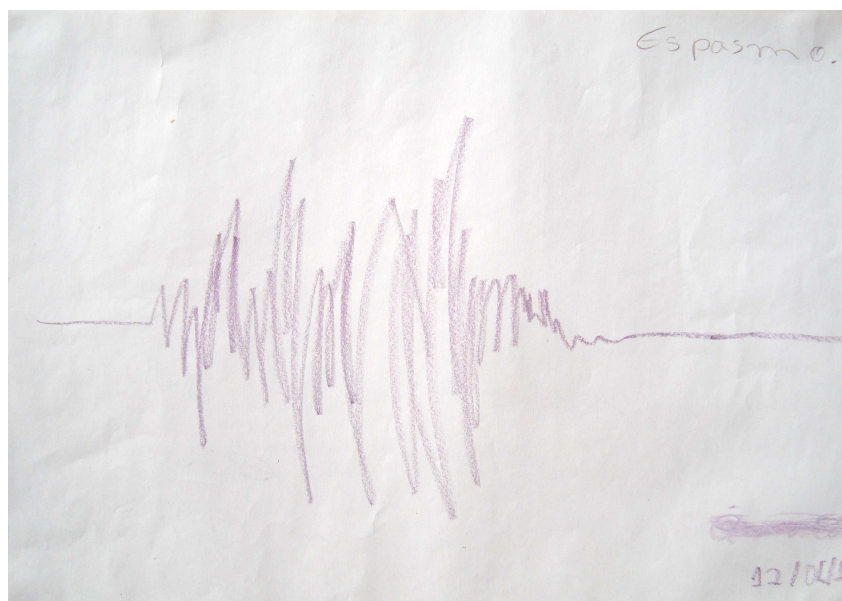
Adotando a metáfora dos “caminhos divergentes” para abordarem o tema do estresse, os cônjuges mostraram-se pouco à vontade em seguir em conversação. Sendo este termo frequentemente utilizado pelo casal para expressar a briga ou o desentendimento, o terapeuta propôs uma transposição da linguagem verbal para a não verbal. Nestas circunstâncias, o ‘estresse’ ganhou materialidade por meio do desenho individual, o qual Écio intitulou de “Espasmo” e Bia de “Conflito”.

Mediante o distanciamento relacional árido e tenso instaurado pela abordagem recorrente dos discursos dominantes em torno do ‘estresse’ que, em seu elevado desarranjo, tolhe a conversação e mina as reduzidas, porém possíveis brechas para o entendimento, o terapeuta solicitou a produção do desenho, buscando abrir aos cônjuges novas possibilidades dialógicas que, sob suas óticas particulares, revisaram, resignificaram e negociaram os motivos pelos quais mantinham a rigidez.



Desenho: C1.3b - Bia

Em seu desenho, Bia representa Écio no lado esquerdo do papel e a si mesma no lado direito, ambos com indicadores de estresse no alto da cabeça. Entre eles, dois caminhos distintos, numerados em 1 e 2, porém ligados por pontos negros em comum, referidos à partida e à chegada. O caminho 1 relaciona-se àquele percorrido por Écio e o 2 ao seu próprio trajeto, ambos em confronto mútuo, situação esta geradora de estresse, que os levaria a um destino comum.



Desenho: C1.3a - Écio

O estresse de Écio é representado por uma linha contínua que a certa altura é interrompida por uma variação de seu próprio movimento oscilatório e assimétrico de altos e baixos pontiagudos estreitos, para em seguida continuar seu ritmo retilíneo.

Após a produção dos desenhos, ambos seguem, durante a sessão, negociando sentidos para a questão apresentada e, mediante uma ação coordenada, são introduzidos os temas sobre o “casamento”, o “aprimoramento” e os “movimentos” que têm feito, os quais chamaram de “estagnação” e de “mudança”.

Os extratos da 7ª sessão, transcritos a seguir, referem-se a interações dialógicas dentro dos quais o entrelaçamento de idéias produz novos significados, com vistas à dissolução de problemas distinguido como ‘estresse’.

Écio: *Aprimorar (...) é melhorar... melhorar cada vez mais esse entendimento, essa capacidade que a gente tem ainda, pelo menos, de entender um ao outro, de compreender as coisas que fazem parte de mim, que fazem parte dela. A gente tem muita coisa em comum que auxilia pra isso, que ajuda a gente tá entendendo um a o outro.*

André: *Será que isso que você está dizendo... eh... aprimorar... A gente poderia pensar em casar essas coisas que fazem parte de você com as coisas que fazem parte da Bia?*

Bia: *Sim.*

Écio: *Claro! Sim. Isso que é uma capacidade, porque tem que ser os dois pra aprimorar, porque senão eu faço uma coisa no meu modelo, aprimoro o meu modelo, mas que não serve no dela.*

André: *Então, essa é uma idéia do casamento. Agora você está dizendo do nós. Porque às vezes vocês acabam colocando muito as questões do...*

Écio: *...Eu.*

André: *É... de “como eu quero”, de “como eu acho”, de “que caminho eu vou”... uma perspectiva individualista. Mas como nós podemos pensar juntos sobre isso? (...) Não é só um ou só o outro, mas como cada um de vocês vai participando de certa situação para que resulte determinada dinâmica.*

Écio: *Não, claro! Tem isso sim, e isso é um entendimento, e eu digo que independente da natureza da gente de tá mudando, a nossa relação muda. Vir aqui já é uma mudança. Então isso ocasionou o processo. Porque a gente estava meio estagnado, a nossa relação estava um pouco estagnada. E tá transformando, (...) eu acredito sim que as coisas estão mudando. . (...) Porque às vezes a gente tava no movimento, mas a gente continuava sem resolver, só batendo na bola... batendo.*

André: *Agora eu estou entendendo uma coisa que você está dizendo, é que, na verdade, vocês sempre estiveram no movimento...*

Écio: *...De lidar.*

André: *...De lidar... agora o movimento continua, mas de uma outra forma.*

Écio: *É, porque senão parece que na nossa relação não tinha nada. Não, tinha muito movimento, mas só tinha do estresse, do conflito. Nós estávamos num círculo.*

André: *Sei. Entendi.*

Bia: *De não conseguir sair da situação de conflito. Sair do conflito de uma forma significativa. Porque, assim... se você consegue resolver, você sai e volta, sai e volta... sai e volta numa frequência e numa intensidade garantida. Eu penso que é mais isso.*

(E&B, s. 7, pp. 25-27)

Mediante a leitura dos desenhos, o estresse, como fator de desentendimento, instala-se em lugar oportuno e adquire várias versões nos relatos do casal. Durante a interação dialógica, o incômodo tensional gerado pelo tema dilui-se em entendimentos conjuntos, implicando em conversas referidas ao 'movimento' realizado pelos cônjuges para a obtenção de um relacionamento confortável e seus efeitos sobre a 'estagnação'.

O casal apropria-se da compreensão de que ao buscar a mudança imprimia-lhe um movimento que, paradoxalmente, o mantinha no lugar comum da repetição de transações relacionais viciosas e insatisfatórias, pouco animadoras, no que diz respeito à novidade, portanto 'estagnantes', no sentido construído pelo casal. Por fim, o estresse foi entendido como agente inibidor do diálogo, uma vez que promove situações de afastamento relacional.

As conversas que, em princípio, pareciam estéreis, puderam, a partir das produções criativas do desenho, ser reintroduzidas nas interações discursivas, tornando viável a produção de novos sentidos. Desta forma, os diálogos foram considerados transformadores mediante o deslocamento (a) de um discurso individualizante para o relacional responsivo, no qual os cônjuges tornam-se os agentes da história alternativa conjugal e (b) de uma narrativa da relação "estagnada", onde "nada muda" para uma do movimento da "lida" participativa com vistas ao "aprimoramento" relacional.

O primeiro deslocamento é marcado pelo entendimento da possibilidade de 'casar' os pontos de vista pessoais, para "*sair do conflito de uma forma significativa*", mediante a construção conjunta responsiva de uma conjugalidade alternativa, no sentido de independência daquela dominante. De forma complementar a perspectiva

do segundo deslocamento recai sobre a construção conjunta do 'aprimoramento' do relacionamento conjugal, cuja 'estagnação' é suplantada pelo manejo participativo, no qual é admitida a *"capacidade (...) de entender um ao outro"*, no sentido de conciliar as diferenças. Tais ações conjuntas responsivas instituem definições de acordos negociados ao longo do processo terapêutico, mobilizando o casal para novas formas de seguir em frente. As interações apresentados apontam para a construção local e dialógica de sentidos geradores de outras narrativas possíveis momento a momento. Tais interações, consideradas marcantes, conferem ao casal o empoderamento de suas competências relacionais.

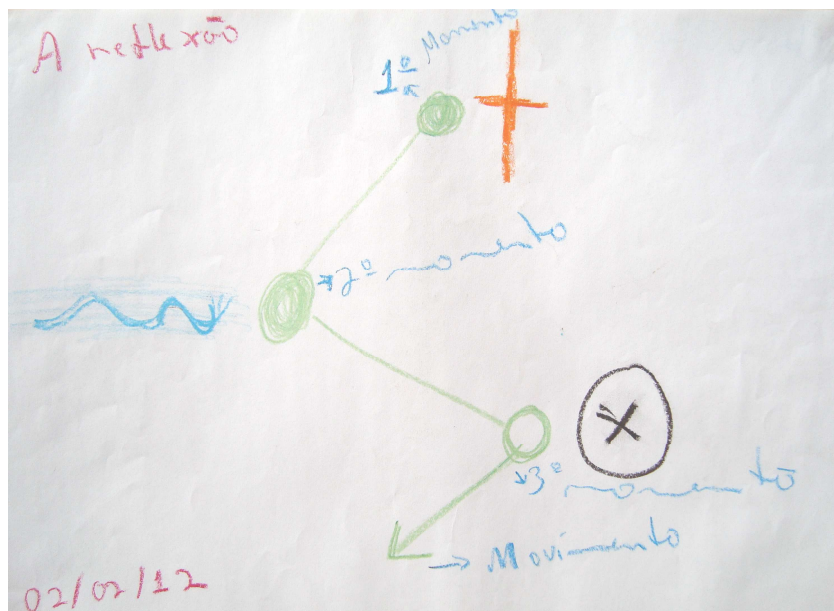
4.2.7 OS DESENHOS DENTRO DO DESENHO

Os trechos conversacionais seguintes da 10ª sessão referem-se ao encerramento do processo terapêutico, cuja avaliação foi efetivada a partir do processo de construção do último desenho, produzido por cada um dos cônjuges, e ampliada no entrelaçamento de três momentos dialógicos a respeito (a) da autodescrição atualmente possível, (b) do significado de participar das sessões de terapia e (c) dos momentos considerados marcantes no processo terapêutico.

Considerando a expectativa gerada nesse momento final de encerramento, cujo teor da sessão é avaliativo, o terapeuta disponibilizou recursos criativos da linguagem do desenho como forma de construir sentidos para o percurso terapêutico como um todo. Nesta fase, o casal pôde pensar a vivência terapêutica mediante toda a produção criativa, arrematada pelo desenho-síntese, o qual oferece a visualização geral do processo, viabilizando seu entendimento. Nesse caso, a produção do metadesenho, concebido pela criação de um último desenho como representação de todos os anteriormente confeccionados, tem seu uso final no processo terapêutico, o de síntese-avaliatória, constituída da avaliação de si mesmo, do casal e do processo.

Portanto, a convite do terapeuta, os cônjuges criaram um desenho sobre os desenhos anteriores – os metadesenhos – prescindindo-se de uma leitura interpretativa sobre as imagens, porém focando a análise do sentido que estas produziram naquele contexto.

Écio reúne seus trabalhos criativos anteriores e, redesenhando seus desenhos, faz uma leitura totalizante de seu processo, cuja metafórica linha que se originou divisória, transfigura-se integralizadora, formalizando, assim, uma postura mais coerente com seu atual estágio de vida.



Desenho: C1.4a - Écio

Intitulado de “A Reflexão”, a expressão-criativa de Écio, constitui-se de três grandes pontos, denominados de momentos, que se interligam por uma linha em ziguezague – o movimento. Cada um desses momentos representa, em separado, os desenhos anteriormente produzidos, sendo, portanto, registrados neste último como uma síntese, relatados no extrato da 10ª sessão a seguir.

Écio: *Então eu analisei os três desenhos e tentei fazer três momentos. No primeiro desenho eu coloquei que houve uma divisão, um risco que interrompe outro como uma separação de duas coisas diferentes, de pensamento ou de um momento de.... reflexão (...). No segundo momento, eu coloquei algo que dança, suave,*

que é a percepção da vida, de que as coisas são desse jeito, e tal. E no terceiro momento, eu coloquei o 'X' pra marcar a tensão, o 'espasmo' que é o que consegue desestabilizar o que a gente reflete, o que a gente harmoniza, (...) que são os conflitos, essa coisa. E, por ultimo, coloquei o movimento como um seguimento, não é uma parada não é um outro momento. É um movimento que vai vir em outros momentos. Pode vir o primeiro momento, pode vir o segundo, pode vir o terceiro, mas o movimento não para.

André: *Hum, hum. Esse seguimento seria com que perspectiva?*

Écio: *Perspectiva de eu e a Bia, como que a gente pensou aqui, descobriu, entendeu aqui. O quanto a gente não percebia e não entendia e através da terapia a gente entendeu. É o movimento de continuar isso, agregando o que a gente construiu aqui.*

André: *Hum, hum.*

Écio: *Esse é o movimento. Então passa por esses momentos...*

André: *Então, Écio, se eu estou entendendo, essa linha deixa de existir (indicando o primeiro desenho, onde há uma linha divisória entre o passado e o futuro).*

Écio: *Ela ficou no primeiro momento. E eu não sei se ela vai um dia voltar... na minha cabeça. Porque eu tenho sentimentos relacionados ao passado, apesar de ter percebido aqui que isso é uma prisão, né?*

André: *Se você tem a sua escolha hoje de estar casado, mas com possibilidades de trazer sua experiência anterior para esse contexto, talvez seja libertador. O que você acha disso?*

Écio: *É, eu não isolei esse primeiro momento. Igual eu te falei, pode vir parcelas disso aqui, momentos disso (passado), mas de uma maneira mais tranquila. Eu acho que eu consigo observar de outra forma agora.*

André: *Você acha que há a possibilidade de integrar isso?*

Écio: *Sim, sim. Inclusive não é pra se jogar fora isso, não. (...) Eu não tô focando só o meu relacionamento com a Bia aqui dentro, mas eu tô falando que é um todo, tudo que já aconteceu na minha vida.*

(E&B, s. 10, pp. 1-4)

Écio amplifica sua inteligibilidade ao constatar mudanças substanciais ocorridas no deslocamento, conjunto e responsivo, das formulações da narrativa dominante, provinda de sua postura individualizadora e conflituosa, para enunciados mais libertadores. Tal deslocamento evidencia sua interação, relacionalmente responsiva, à vida a dois, sem, necessariamente, abstrair-se de sua história pessoal pregressa. A linha que dividia, ressignificada tem agora a função de unir. O momento é considerado marcante no processo terapêutico, haja vista abrir caminhos a formas de vida pessoal menos restritivas e ampliar as possibilidade de um envolvimento responsivo na vida conjugal.

A imagem criada por Bia é, a partir de todas as outras, reconstruída em sua última paisagem, dentro da qual alarga seu olhar para o que se presentifica nos arredores, e onde as águas são transmutadas em terra, firme e bem contornada,

para acomodar suas pedras negras, cuja metáfora lembra-lhe que as inevitáveis dificuldades não obstruem o propósito de seguir em frente.



Desenho: C1.4b - Bia

A preferência de Bia pelas paisagens também se expressa em “O Caminho” que, à semelhança dos desenhos anteriores, excetuada pela novidade do caminho de terra que agora substitui a água, é composto por grande extensão verde, uma árvore, ramagens, pedras negras e um sol de amarelo forte, cujo relato refere-se ao extrato da 10ª sessão descrito em seguida.

Bia: *Eu coloquei um caminho... é... que eu acho assim... que a questão da relação, a questão de estar juntos, a questão de ter vivido coisas antes, de ter coisas depois pra viver... eu acho que isso são as possibilidades da vida e acho que isso tem sua beleza... tem suas dificuldades, mas tem sua beleza também, e que no caminho as coisas vão acontecendo e vai adiante, né? E da mesma forma que tinha lá, nos outros desenhos, os pontinhos pretos e que uma hora não tem, outra hora volta e que parece que pôs tudo pra baixo... isso vai aparecendo ao longo do caminho.*

André: *Que hora que não tem?*

Bia: *Aqui. (mostrando o desenho que tem uma nuvem preta ao invés das pedras pretas presentes nos outros). Ah, tem sim, aqui, né? (indicando a nuvem preta).*

André: *Então, lembra de você ter considerado a nuvem como uma variação das pedras?*

Bia: *Mas então, tem hora que são menores, tem horas que são maiores, ou às vezes não é, mas a gente vê aquilo com uma lupa. Então, acho que é como a gente vai lidando com isso, porque as pedras no caminho vão ter, fazem parte do caminho. Mas a forma que a gente lida é importante pra saber por onde a gente vai, né?*

(...)

André: *Hum, hum. E o seu desenho continua tendo sol, tendo árvore, tendo verde, e agora um caminho...*

Bia: *Acho que é a paisagem da vida mesmo que, se a gente olhar pro lado, a gente percebe as coisas bonitas que tem pra apreciar, embora que na situação problema parece que ela é a maior de todas, né? Mas assim... quando a gente sai um pouco dela, a gente consegue olhar ao redor, e pra relação mesmo, (...) porque você sai, desse círculo vicioso e aí você caminha, você vai adiante, dá um passo depois, e aí é uma seqüência.*

(E&B, s. 10, pp. 10-12)

Na descrição de Bia, destaca-se o espaço relacional do casal como um lugar gerador de importantes expectativas de entendimento, visto que, na mesma medida em que foca os problemas implicados na vida conjugal, o seu enunciado é fertilizado pela ideia de quão belo é o entorno, para o qual a percepção torna-se turva, mediante os conflitos. O discurso de Bia não rejeita a existência de conflitos na vida cotidiana conjugal, cujo entendimento conecta-se ao aprimoramento da forma de lidar com os mesmos. Contudo, empodera-se diante da possibilidade de viver o belo sempre presente que, embora não capturado, aponta para o novo e o ainda não vivido.

4.2.8 FINALIZANDO O PROCESSO

Ao serem solicitados a explicitar sobre como se descrevem hoje, os cônjuges expressam, no extrato seguinte da 10ª sessão, o entendimento de como seguir em frente a partir das negociações conjuntamente construídas na trajetória terapêutica.

Écio: *A meu ver eu acho que eu tô acreditando mais, dando mais possibilidade pra nossa vida juntos. E eu consegui isso através de perceber coisas em mim, através da terapia, de perceber os problemas, a angústia quando eu confundia certas coisas como essa relação com o passado... e acreditar. E agora eu tenho mais tranquilidade de não tá preso a tudo que seja isso assim, a ponto de... de entender que é um movimento e a gente não sabe o que vai acontecer, porque é da vida. A gente almeja o futuro, mas não sabe o que vai acontecer. Só que também não tem tanto peso essa questão de não saber, não tem peso isso assim, simplesmente a gente tá vivendo. E eu acredito mais agora, sabe?*

(...)

Bia: *Eu acho que hoje eu consigo perceber em mim mais coisas importantes pra eu repensar e fazer diferente. Eu não conseguia ver. (...) tem um monte de coisa que eu preciso, que eu tenho que trabalhar individualmente, mais no sentido assim,*

de como perceber, e como levar a vida. Porque eu acho que tem coisas minhas que vão virando um acumulado e acho que tem me prejudicado muito, assim. (...) Hoje eu tenho mais clareza por ter entendido ou percebido mesmo, que isso também explode no meu casamento. O que tá relacionado com o serviço, o que tá relacionado com a rigidez com que eu vejo e com que eu faço algumas coisas. Então já tem um tempo que eu falo que eu quero aprender estar mais leve e ser mais leve, (...) eu vejo leveza no colorido do meu trabalho e até na hora de desenhar com o lápis virado, na paisagem, no tipo de paisagem que eu escolho. Acho que assim... tem meus pontos pretos, mas é uma paisagem alegre, é uma paisagem boa!

(E&B, s. 10, pp. 14-18)

Écio se percebe menos ansioso diante de suas questões na mesma medida em que se sente mais entregue ao que a vida, em seu estado impermanente, possa lhe oferecer, bem como reafirma seu engajamento na vida de casado, o qual foi possível mediante a produção conjunta de novos sentidos dados ao passado. Em uma ação reflexiva, Bia revê o sentido de sua rigidez relacionando-a às pedras de seu desenho, que antes eram identificadas às questões conjugais. Relacionada, portanto, tanto às questões pessoais, quanto à conjugais, tal resignificação representou a diluição da rigidez na nuvem, conectando-a à leveza desejada que lhe permite perceber o belo presentificado no seu entorno. Ambos os cônjuges compartilham da construção de sentidos mais libertadores e capacitantes referentes às questões pessoais, abrindo, portanto, espaço para novas possibilidades de vida a dois. Essas significações, habilitadoras para seguirem em frente, são percebidas pelo terapeuta como momentos marcantes na interação conjugal.

A próxima interação conversacional avaliativa do processo terapêutico, extraída da 10ª sessão, diz respeito às significações que cada um dos cônjuges atribui quanto à participação no atendimento de casal.

Écio: Pra mim significou tirar um véu, que a gente coloca pra ir enganando... ir levando e tal... e agora a gente tirou esse véu aqui, quando abriu mais o jogo, (...) jogou as cartas na mesa pra gente poder entender melhor. Então pra mim foi uma revelação. (...) foi assim, uma possibilidade, uma descoberta. É o novo, um momento, um momento diferente, uma passagem, um fechamento de ciclo para outra abertura de ciclo.

(...)

Bia: Pra mim foi muito importante a gente ter conseguido vir, completar, terminar, né? Eu ainda tinha as minhas dúvidas se o Écio ia topar ou não. Significou uma

chance a mais e diferente pra relação. A mais porque na minha perspectiva se a gente não conseguisse repensar nas questões que a gente trouxe, principalmente de diálogo, eu acho que era só esperar assim... pra gente não ficar juntos mais. A questão de esgotar a relação era fatal, era uma questão de tempo mesmo. E diferente porque hoje a gente consegue estar de uma forma diferente. Pelo menos esse diferente... o que ele tem de mais efetivo é o que a gente consegue pensar, refletir sobre isso. (...) Então, eu acho que é isso, assim... essa possibilidade de ter outra chance e de ter uma chance diferente.
(E&B, s.10, pp. 19-20)

Écio conotou sua participação no atendimento como reveladora, o que, metaforicamente, foi significado como “*tirar o véu*” no sentido de abrir-se para questões ilusoriamente ocultas, as quais, ao serem observadas, viabilizaram entendimentos que o levaram à possibilidade de “*um fechamento de ciclo para outra abertura de ciclo*”. Uma ação reflexiva, entendida como o rompimento da “*zona de conforto*”. Bia considerou a importância de eles terem conseguido concluir o processo terapêutico que, em sua opinião “*significou uma chance a mais e diferente pra relação*”, cujo fim era iminente, caso sua dinâmica não mudasse. Bia constata que os efeitos transformadores da terapia foram capturados.

As implicações das conversas terapêuticas, concebidas como momentos marcantes pelo terapeuta, são evidenciados pela produção de sentidos novos presentes nas narrativas do casal. Narrativas essas que, organizadas em um arranjo relacional responsivo coerente, implicam em abrir caminho para além do confortável lugar comum e consequente aquisição de uma chance diferente para a dissolução do problema. A finalização desse processo, referido na 10ª sessão seguinte, se deu a partir do entendimento dos cônjuges acerca dos momentos eleitos por eles como marcantes no atendimento terapêutico.

André: *Quais os momentos vocês consideraram marcantes na terapia?*

Bia: *Eu acho que os desenhos. Porque a gente visualiza ou um sentimento ou uma perspectiva, É como se a gente tira da gente põe noutro lugar, olha: “Ah, isso é assim! Ah então é assim, assim...”, aí você consegue entender melhor. Me marcou assim... eu achei que foram mais os desenhos. (...) Eu acho que eles facilitaram pra mim a compreensão e a análise assim... pra pensar a respeito. Parece que... eh... fica mais concreto. (...) É. igual isso aqui, a gente já tinha conversado (indicando o primeiro desenho de Écio), pra mim foi significativo ver*

(...) porque a gente já tinha conversado sobre isso inúmeras vezes, mas ficou mais fácil pra entender do que ele tava falando quando eu vi o que ele desenhou.

(...)

Écio: Marcantes, foram as sacadas que a gente teve em relação ao que a gente acha que é, e a descoberta de que pode ser outra coisa. Isso que o seu conhecimento de terapeuta trouxe pra gente, eu achei muito bom isso. Essa questão de perceber do ideal, do passado, da prisão e desse movimento de mudança com inteligência, de perceber isso, sabe? Eu acho que isso foi importante, sacar os detalhes que causam os problemas. Essa forma de descobrir essas coisas, isso eu achei que foi bom, porque é onde me fez perceber as coisas que vêm do novo, de uma nova perspectiva sobre o fato, sobre o problema. De uma nova abordagem sobre o problema, de um novo pensamento sobre o problema. O que eu consigo resumir então, é que é possível que essas percepções venham através do dia a dia nosso, que a gente consiga fazer isso. O desenho é uma possibilidade, o diálogo, o não esquecer, a não adivinhação e o querer, né?
(E&B, s. 10, pp. 22-23)

As narrativas alternativas, construídas conjunta e responsivamente, na confluência relacional terapeuta-casal, foram ponto de partida para o novo e o não dito, possibilitando novas formas de vida. Para Écio, o entendimento de que os problemas poderiam ser pensados sob perspectivas que não aquelas originalmente concebidas, foi descrito como marcante durante o processo terapêutico. Tal entendimento implica, portanto, em maior senso de autoria na construção de responsabilidade compartilhada, bem como de ações diferentes daquelas estabelecidas no cotidiano. Bia, em suas formulações, constatou aspectos de rigidez que “explodiam” na relação conjugal impedindo-lhe que se percebesse para além da sensação de estar “pesada”. A percepção compartilhada de habitar o centro desse arranjo pessoal rígido leva-a a identificar, em seus desenhos, várias características pessoais referidas à “leveza”, construção essa, considerada por Bia como um momento marcante.

Aos desenhos, ambos os cônjuges creditaram positivamente a experiência, considerando-os fundamentais para o entendimento do percurso terapêutico. Écio enfatizou que por meio deles foi possível estabelecer outras formas de diálogo e o quanto estas se tornaram mais assimiláveis. Bia considerou a produção expressivo-criativa como um momento marcante, haja vista ter podido visualizar fora de si mesma as questões abordadas, bem como obter melhor entendimento sobre estas,

tanto em nível pessoal, quanto aquelas pertencentes ao marido, as quais foram atribuídas pelo casal como “*antigas questões*”. Os desenhos foram considerados, portanto, uma forma de linguagem transformadora e eficaz na produção de sentidos, configurando-se, assim, em um momento marcante ao longo do processo terapêutico.

As conversas de avaliação sobre o processo que, neste caso, inicializa-se pelo desenho-síntese – o metadesenho – são focadas nos sentidos sobre mudança construídos ao longo do trajeto terapêutico, oferecendo uma dimensão apurada dos seus efeitos e implicações. Logo, tal caráter de síntese legitima o entendimento alcançado pelo casal acerca de suas habilidades construídas e da apropriação de sua potencialidade relacional.

O procedimento avaliativo distingue a nova dinâmica relacional como sustentadora de narrativas menos contaminadas pelas interações comunicacionais restritivas, e destaca a aprendizagem adquirida como fundamental na negociação de sentidos para a adoção de ações comprometidas com a conjugalidade. Neste sentido, o diálogo transformativo, construído momento a momento da interação conjugal, abre possibilidades inventivas engajadas com o seguir em frente, desenhando assim, novas formas de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização do processo de pouco mais de dois anos deste estudo, debruçados sobre gramáticas relacionais e discursivas, a respeito das quais busquei fazer conexões poéticas, para ser fiel à nomenclatura do método adotado, foi, a princípio, tarefa que se cumpria atravessada por sensações ambíguas, ora suscitadas por receios e angústias, ora por alegrias e satisfações. A primeira, posso dizer, de caráter performático, situava-me no trajeto geral, nos acertos e nos erros, na possibilidade de o trabalho não produzir conhecimentos úteis e do que conseguira alcançar nessa empreitada de colocar-me, como pesquisador, a examinar o trabalho do terapeuta que sou; e a segunda, que vou considerar de caráter cognitivo, colocava-me em contato com a aprendizagem do fazer científico e os novos entendimentos advindos deste universo, o desafio de buscar a legitimação do uso tão familiar de recursos criativos na minha prática clínica e o propósito de considerá-la sob as lentes da academia, enfim, de concluir mais esse ciclo.

Então um caminho! Entre passos aflitivos ou assertivos, não mais importa; pois que aqui cheguei, preciso prosseguir e acentuar três momentos reflexivos que me conduziram a importantes considerações e constatações no que dizem respeito às descrições sobre a pesquisa, reunidas, portanto, na descrição dos resultados do uso do desenho em contexto terapêutico, do uso metodológico da poética social e da análise do ser terapeuta-pesquisador.

5.1 CONVERSÕES SOBRE O USO DO DESENHO

Refletir sobre o arremate deste estudo, para além de constatar os traços que construíram o seu desenho, é pensar as marcas que o lápis deixou no papel, como brechas para futuros retoques de uma obra inacabada e que não se esgota. Este

exercício reflexivo conecta-se a um movimento contínuo, interminável, cujas inquietações precipitam-se como cores novas pedindo lugar no desenho criado. E como de outra forma talvez não pudesse ser, o rigor nos leva a organizar o tom essencial à clareza sobre o lugar terapêutico do desenho. Um arranjo nada linear, mas contextual, complexo, uma vez imprevisível, interativo e dinâmico que, buscando conexões na produção criativa do processo terapêutico, nos incita a indagações: Para que nos valermos do desenho e como?; Que tipos de investigação o desenho oportuniza?; Que tipos de conversações advêm do uso da linguagem do desenho, observadas como produtoras de discursos de mudança relacional?

O interesse em identificar os repertórios discursivos geradores de sofrimento nas relações conjugais e em disponibilizar, a partir daí, meios criativos e reflexivos que possam abrir possibilidade de novas construções de sentido, somado ao entendimento do uso do desenho como ferramenta útil e antiga na minha prática clínica, convidaram-me a uma sistematização como forma legitimadora de seu manejo no processo de produção de conhecimento.

Nesses termos, como critério pragmático, categorizamos o uso do desenho em cinco situações distintas, conforme os efeitos discursivos produzidos a partir de sua criação, cuja linguagem imagética, tanto quanto a verbal, ambas de natureza situada, têm seu sentido construído no contexto. Assim, a categorização foi descrita de forma a trazer inteligibilidade ao seu uso no contexto terapêutico e embora nossa ênfase tenha sido o estudo das categorias de forma distinta, estas se interligam, não são estanques ou necessariamente isoladas.

Em suas situações específicas, os desenhos abriram novas possibilidades de conversações, as quais estiveram a serviço da (a) mobilização de formas discursivas menos comprometidas como o nível tensional gerado pelo tema tratado; (b) eleição, a partir de conversas oscilatórias entre um tema e outro, de uma nova posição discursiva; (c) promoção de formas discursivas mais esclarecedoras em contextos de temas subtendidos ou velados; (d) sustentação de discursos alternativos disponíveis,

substanciais na consecução de novos entendimentos e (e) produção, a partir da criação do metadesenho – desenho do(s) desenho(s) – de discursos avaliatórios de si, do casal e do processo como um todo.

Configurado pela interação dialógica em um espaço relacional, o processo terapêutico é marcado pelo encontro discursivo (no que se refere ao discurso terapêutico e o discurso da queixa), o qual demanda construção de confiança e de vínculo, constituindo-se em abertura necessária à introdução eficaz de uma nova linguagem – o desenho. Valendo-se desse pressuposto e do caráter inusitado do desenho, como um cuidado necessário para que este, especialmente dentro do contexto da Terapia de Casal, não se tornasse inibitivo, portanto comprometedor, pudemos significar a sua inclusão apenas na quinta sessão dos três casos atendidos.

Constatamos a partir daí que a introdução do desenho foi naturalmente bem recebida e que a produção criativa ganhou força, dado que a linguagem do desenho oferece um discurso menos contaminado, portanto mais original, em relação ao discurso pronto e saturado trazido como o único possível pelo casal. Dessa forma, nos pusemos a observar os acontecimentos em torno do desenho e entendemos que a legitimação de um contexto inventivo é mobilizador de mudança na relação conjugal.

O caráter funcional do desenho nos permite situar os discursos alternativos advindos das narrativas visuais, próprias do seu contexto criativo. Assim, essa linguagem imagética é capaz de liberar narrativas que, adquirindo visibilidade, podem ser legitimadas, e conferir mudança ao sistema relacional conjugal.

Durante tal processo reflexivo, assimilo o alcance obtido ao proceder à análise sobre o uso do desenho, no que diz respeito à compreensão de que o desenho antes de ser imagem é gesto, é corporificação da linguagem viva. A produção primeira do desenho – o gesto –, uma resposta espontânea, anterior à imagem, faz dele gestor da linguagem pré-intelectual, pré-linguística, corporificada, para então converter-se em linguagem discursiva. Nestes termos, confere ordem aos enunciados, os quais,

conforme preconiza a poética, não estão dentro, não são internos, seja ao homem ou ao desenho, mas localizam-se fora, dado que, não é a experiência a organizadora da expressão-criativa-linguística, mas o contrário, a expressão-criativa-linguística organiza a experiência. Com efeito, sendo a experiência nascida da expressão, o desenho como uma ação linguística antecipatória favorece a criação corpórea da experiência a fim de dar-lhe nexos e sentido situacional.

Nesta contextura, portanto, em uma poética do desenho, este sai do lugar comum de produção de traços, formas e cores e ganha corpo no refinamento das ações entrelaçadas de formas gestuais, imagéticas e discursivas, possíveis à construção de sentidos para novas formas de vida.

A este entendimento somam-se as conexões inferenciais do movimento de construção de sentidos e mudança, constituídas a partir da conversão do desenho em metadesenho, cujo sentido se amplia para que dentro dele caibam todos os outros anteriores, como desenhos-significantes dentro do desenho-síntese. O uso do metadesenho mostrou-se de grande valia por instituir o foco na avaliação do trajeto terapêutico no que se refere aos seus efeitos e implicações. O caráter aguçado do metadesenho cumpre uma síntese legitimadora acerca dos entendimentos alcançados e das potencialidades relacionais percebidas e/ou aprendidas.

Podemos, dessa forma, valendo-se de uma síntese do processo terapêutico a partir da linguagem do desenho, concluir que o casal, limitado pela dificuldade dialógica, inicia a construção de seu desenho sobre mudança, a partir do traço reflexivo dos cônjuges acerca da influência da crise sobre si mesmos e a influência de si sobre o problema conjugal. Seguem nutrindo-se dos traços insinuantes, porém firmes para a construção da cumplicidade/intimidade e se permitem, então, aprofundar-se na zona fronteira relacional para o confronto com o tema vulnerável da separação conjugal. Determinados, alargam seus contornos iniciais tracejando a revisão reflexiva de suas questões pessoais e abrindo-se para a ação conjunta de legitimação mútua, desenham novos temas discursivos sobre o problema. Agora,

mais sossegados, concebem a harmonia conjugal, se entendem vencendo certa paralisia relacional, e redesenhando o trajeto, mostram-se engajados e estimulados à construção de novas formas de vida a dois, para então, no metadesenho, trazer a novidade do desenho de seguir em frente.

Andersen (1996), nos ensina quando, em tom poético, anuncia que algumas circunstâncias responsivas o tem levado a aprender que as emoções são sempre existentes nas palavras, que há outras palavras nas palavras, ou que algumas vezes há sons e música nelas, e outras vezes histórias inteiras, ou mesmo, vidas inteiras dentro delas. Palavras que me estimulam a dizer da existência de formas de vida libertadoras dentro da linguagem do desenho.

É preciso reconhecer o quanto me debati pela falta de literatura na área que me apontasse caminhos, me clareasse dúvidas, ou que me confirmasse nesse exercício de querer ampliar o entendimento do uso do desenho na clínica, o que, certamente, provocou em mim um maior nível de reflexividade apoiado na experiência, de mais de uma década, usando recursos expressivos variados nos atendimentos terapêuticos, somados à 'iniciação' aos processos dialógicos descritos por Bakhtin (2010; 2011), à poética social de Shotter (2008; 2010) e às práticas narrativas desenvolvidas por White (1994) e White e Epston (1990), que me resguardaram de um empirismo puro. De fato, essa é uma rota de aprendiz, vamos abrindo caminhos à medida que avançamos, movimento este que expandiu minhas possibilidades de continuar construindo entendimentos e nutrindo o desejo de ir em frente.

5.2 CONVERSÇÕES SOBRE OS EFEITOS DA POÉTICA SOCIAL

Considerar o uso metodológico da poética social renova-me as sensações que experimentei quando das primeiras leituras da produção shotteriana, cuja

tessitura filosófica entrelaça-se aos momentos poéticos, o que se equivale aos momentos de criação, conforme o sentido grego para *poíesis*. Esta era uma outra perspectiva do aparato construcionista, um saber novo, instigante, insinuando-se complexo, denso e desafiador, que convidava-me à proposta de seu método filosófico de investigação, portanto, um método reflexivo, no qual entrevi a adequação e a aplicabilidade aos meus interesses de estudo.

Com efeito, percebi que havia sido capturado não por uma nova teoria, mas por uma nova prática – a prática poética – cujo caráter corporificado me oportunizaria a construir sentidos sobre minhas investigações. Ao contrário de conduzir-me à busca de algo já existente, mas supostamente oculto atrás da aparência, a poética poderia levar-me à compreensão de algo novo, como ainda não visto, emergindo da articulação dos discursos entrelaçados às ações.

Assim, abriu-se meu diálogo com a poética social. A análise despertou-me para a extensão interminável de aplicabilidade dessa prática, exigindo-me foco e direção, pois que me ative em aspectos pontuais, dos quais, para citar alguns, distingo a legitimação de discursos libertadores para o ‘seguir em frente’ construídos mediante a linguagem do desenho e a idéia de momentos marcantes.

Faz-se importante reconhecer a relevância da aplicação do método e do quão apropriada foi a sua escolha para este estudo, cujo caráter criativo se alinha à proposta do uso inusitado da linguagem do desenho, em um contexto dialógico exploratório da construção de sentido e mudança, para a produção de conhecimento. A análise nos aponta a apropriação conjunta sobre a busca não da novidade em si, mas de um novo entendimento sobre o que já se conhece. Nesses termos, o problema, eleito como dificultador relacional, não terá solução exceto pela construção discursiva que se adeque a um modo de vida, no qual o problema poderá ser dissolvido. O modo habitual concentra-se na ação obstinada e rebelde contra o que se considera desconfortável para buscar mudanças satisfazíveis. Se há enrijecimento em algum modo de viver, deve-se então mudar a maneira como se vive e não buscar

a extinção do problema, e assim, à medida que o problema é entendido sob outra ótica, ele deixará de ser o problema e poderá ser suprimido.

Nosso estudo demonstra ser esse um movimento central, vivo', dinâmico para, em uma ação responsiva, 'seguir em frente' (*go on*) na formulação de novos modos de vida. Em corroboração podemos extrair da análise a existência de um movimento relacional improdutivo 'estagnado', que só pôde ser percebido como tal a partir do reconhecimento de uma nova ação responsiva então criada, apontando para o futuro. Os cônjuges obtiveram, então, o entendimento, na prática cotidiana, do seguir adiante um com o outro, de serem capazes de ir em frente responsivamente em sua relação conjugal, para assim construírem novas formas de vida.

Outro aspecto pragmático da poética confirmado na análise refere-se às diversas formas de falar ou de produzir conversação, incluindo o desenho, as imagens, as metáforas, os quais são ações 'vivas' que criam contextos onde outros modos de falar são possíveis, produzindo oportunidades criadoras para um novo movimento de pensamento e um novo gesto, para novas conexões e novas distinções. Os gestos e as expressões faciais, assim como as imagens, enfatizam as palavras para além delas mesmas, para além da sua característica no contexto transitório em que são declaradas. Entendemos, mediante a análise, que o desenho, porque corporificado, configurou-se em recurso propiciatório para trazer vida ao uso da palavra, bem como promotor de outras formas de falar libertadoras do cativeiro dos modos usuais, normatizados dentro das relações humanas. De fato, o desenho é possível como uma nova parte de nossa linguagem que incorporada à usual, dentro dela, permitirá a aprendizagem de novos gestos.

Dentro desse processo experiencial está o discurso corporificado pelos gestuais, pelas feições, pelas entonações de voz, pelos olhares que, espontâneos e carregados de compromissos imediatos, contam a história na ação narrativa e que lhe dão os contornos possíveis, oferecidos em convite à responsividade relacional dos participantes dessas circunstâncias ímpares.

A elaboração das considerações conclusivas, além de confirmarem a pertinência eficaz do uso prático da poética no procedimento analítico, promoveram em mim um alcance para além do até então apreendido. Essa efervescência alojada em um momento, o qual eu presumia ser destinado à atividade derradeira, estimulou-me à recorrência de outras leituras da poética. Assim, encontrei em Garfinkel (1967) a referência de que embora as palavras estejam sempre disponíveis e continuamente sendo vistas, são muitas vezes despercebidas, o que me leva a entender o desenho como recurso que deixa ‘ver’ as palavras, não em sua morfologia ou sintaxe, mas o que elas trazem dentro, a voz dentro delas. Neste caso, torna-se central não o que as palavras proferidas dizem, mas o que significam ao serem ditas. Donde se entende que estas, para além de sua gramática, ou dos seus significados, são a expressão do que importa dentro do universo particular da vida de cada qual, são o que se deseja que elas signifiquem em seu uso. Tal circunstância despertou minha atenção para a dimensão que algumas palavras ganham em determinados contextos, remetendo-me a Écio (membro do casal 1), que trazia em seu repertório a palavra ‘liberdade’. Esta, percebo, era-lhe uma grande palavra que coube dentro do desenho e, dentro dela, tantos sentidos, exceto o do ‘aprisionamento’. Na reordenação de sua história, a partir da criação imagética, aconteceu o sentido inesperado, espontâneo, único, e a liberdade pareceu-lhe mais aprisionante que libertadora. Gestava-se ali, um sentido, e dentro da ‘liberdade’ coube a ‘prisão’ e, em consequência e entrelaçada a ela coube mais, coube a solidão, que se tornando realidades de seu construtor, paradoxalmente, tornou-lhe liberto, para que pudesse, repito, entendendo agora, ressignificar tais sentidos e inventar outra forma de vida. Aproprio-me do que agora posso considerar um momento marcante que vivenciei, à medida que, enquanto terapeuta, espontânea, imediata e responsivamente participava interativamente da construção de sentidos de vida livre.

Sinto-me convocado a sempre considerar e respeitar a vida possível dentro das palavras e a força que adquirem em contextos específicos, passíveis de se

proferir discursos, restritivos ou libertadores, que orientam nossas ações e espaços para a mudança. A poética, antevi, para além das angústias, naturais penso, que me impôs ao buscar decifrá-la, guardaria neste último momento lugares mais acolhedores, sutis e gratificantes, dentro dos quais, ainda que se despedindo, deixa-me espaço e estímulo para traços de um próximo desenho.

5.3 CONVERSÇÕES SOBRE SER TERAPEUTA-PESQUISADOR

Assim como os casais participantes deste trabalho estiveram em contato com a tela de papel em branco para a criação de seus desenhos e a narração de suas histórias, encontro-me em situação similar, diante da tela digital, outra vez em branco, para desenhar a última parte do meu texto – o texto de deixar-me ver e ser visto.

Terapeuta-pesquisador ou terapeuta e pesquisador? Antes de distinguir, construo aproximações: pelo seu caráter, posso dizer ‘artesanal’ e criativo de articular e fazer conexões, cuidadoso e sobretudo comprometido com o outro, considero o exercício de ser terapeuta, para além de uma profissão, uma incumbência, um ofício, sob certo ponto de vista, solitário, mas fértil. Com a experiência deste estudo, posso também conferir os atributos do ofício à prática de ser pesquisador, à qual acrescento a dedicação quase exclusiva, imbuída de prazer e generosidade em produzir conhecimento.

Dois ofícios que, no meu caso, embora estivessem a serviço de uma mesma causa, pareceram impor-me o percurso de uma grande distância entre si. Contudo, o desejo de investigar a minha própria prática, além de ser-me instigante, não me deixava outra alternativa sobre a missão de levar meu tino para longe do terapeuta e entregá-lo ao pesquisador no momento da examinação dos dados, um desafio, tarefa confusa, a princípio.

Muitas vezes, nos primeiros contatos com a análise dos dados, o pesquisador confundia-se e desviava a avaliação para a performance do terapeuta ou procedia a investigação do lugar deste. Nesses momentos, recorria-me aos textos de Shotter e buscava neles uma pista, uma menção que me auxiliasse a construir o lugar de pesquisador que eu precisava ocupar, e mais que isso, apropriar-me dele. Certamente, este caminho levar-me-ia do pensamento filosófico ao poético dentro do entendimento sobre a combinação entre o fazer terapêutico e a produção científica, de uma forma tão complexa quanto libertadora, dado ser esta justaposição uma singularidade da poética, que se me apresentara. Contudo, senti que deveria nutrir-me daquele conhecimento para fortalecer o repertório argumentativo do pesquisador, o que, por consequência, calaria as opiniões do terapeuta. Precoce e urgentemente, eu deveria enfrentar essa construção paradoxal, já que a complexidade, nessas circunstâncias, responde pelo feitiço teórico de uma interdisciplinaridade imbricada e a libertação se justifica em razão de a poética social privilegiar a prática à teoria. Relação que ganha consistência no argumento que organiza a teoria como possível apenas posteriormente aos fatos da cotidianidade, e não dentro destes, a fim de não subverter a atenção plena ao seu movimento espontâneo e natural, a sua natureza não convencional, por isso momentânea, fugaz e vaga. O nexo então se deu a propósito do entendimento oferecido pela literatura poética de que ao buscarmos o que ainda não aconteceu não podemos encontrá-lo no já acontecido ou, de outra forma, para chegarmos à mudança de nós mesmos carecemos desenvolver novas práticas, dado que, estas falam por si mesmas, ao contrário de regras e teorias gerais que deixam brechas. Implícito está o convite para o aprofundamento em busca de uma ordem que esteja para além do aparente (crenças, convicções, afirmações, verdades) que, ordinariamente, se justifica por argumentos sistemáticos desviantes não apenas da compreensão das ações que emergem fugidias, absolutamente únicas e novas, imprevisíveis e espontâneas, mas também de como os seus

desdobramentos operam-se diante daqueles que presenciam tais circunstâncias práticas especiais.

A exploração da poética confirmou-se como rota certa para o entendimento do trabalho do pesquisador a ser executado dali em diante. O método escolhido para significar o estudo, porquanto filosófico e reflexivo, situou-me diante da dúvida e da confusão terapeuta/pesquisador, acionando-me ao trabalho humano tanto mais do pensamento, da vontade e da imaginação, quanto menos da sua intelectualização, no que envolve o uso prático do discurso, cuja atenção está, mais especificamente, nas formas cotidianas de falar; nas palavras usadas nas relações situacionais para o entendimento uns dos outros; nos tipos de respostas que se espera receber, a partir do modo de lidar com a palavra e seu significado contextual. A seu tempo, uma fase vencida, que me convocou reflexivamente à práxis do ofício de pesquisador. Dessa forma, foquei-me nessas asserções para iniciar o exame minucioso dos excertos transcritos das sessões, sob um olhar para além da ação do terapeuta. Liberto, desconectei-me da condição de que o terapeuta da pesquisa por acaso havia sido eu.

Distinguidos esses atributos e lugares de atuação, pude avaliar melhor o desempenho de ambos os ofícios. A iniciar pelo terapeuta, devo dizer que a princípio esbarrei-me no receio de que o formato da pesquisa, que exigia, para o seu melhor desenvolvimento, a vídeo-gravação das sessões, seria fator dificultador para a permanência dos casais no projeto. Embora tal preocupação tenha sido promovida pela desistência de um casal, que não se dispôs a participar mediante as filmagens, felizmente, não se confirmou, não comprometendo, portanto, o andamento do trabalho.

No que diz respeito à prática clínica, vale dizer que ao longo do processo, surpreendi-me adotando novos princípios no seu desenvolvimento, os quais estiveram respaldados pelos conhecimentos alcançados nos estudos preparatórios que antecederam a pesquisa. Contudo, o trajeto constituiu-se de enfrentamentos

importantes, a começar pelo cumprimento do protocolo quanto ao formato do atendimento de curta duração, de forma a cumprir o cronograma para a coleta de dados e do qual eu não havia ainda lançado mão dentro da clínica particular, no que se refere ao processo terapêutico de casal. Receoso, atentei-me para a fluência desse procedimento e percebi que seus efeitos foram produtivos, além de, ao contrário do inicialmente suposto, cumprirem as expectativas dos participantes. Com efeito, senti que essas circunstâncias levaram a um comprometimento maior dos casais, no sentido de trabalharem suas questões, sem muitos desvios, portanto, mais objetivamente, usando o tempo disponível de forma favorável à satisfação de seus propósitos. Dado a sua eficácia, abri-me para o exercício dessa modalidade em circunstâncias favorecedoras ao desempenho do processo. Por outro lado, como terapeuta/formador que sou, abro-me para a possibilidade de discussão da experiência em congressos da área, de forma que venha a contribuir com os projetos desenvolvidos em clínicas particulares, bem como sociais.

Em meio a tais desafios, outra situação impôs-me a uma observação atenta, porém breve, felizmente, no que se referiu à desvinculação da perspectiva da pesquisa por ocasião do projeto terapêutico. Tal condição convidou-me à postura, desde sempre adotada na minha prática, de abster-me de expectativas, neste caso, referentes à pesquisa, que pudessem vir a interferir no desdobramento terapêutico. Dessa forma, consegui tirar o foco da pesquisa e me ater às questões particulares dos atendimentos.

Quanto à ação do pesquisador, esta representou desdobramento, pois que precisei manter meus compromissos pessoais e profissionais, conciliados ao desafiador projeto acadêmico a que me propus. Os contratempos, os protocolos e as dificuldades de execução das tarefas, naturalmente exaustivas e desenvolvidas de forma a cumprir em tempo hábil um cronograma, foram se amoldando e incorporadas a minha rotina. Afora isso, o modo como a pesquisa foi conduzida e orientada e a

elaboração analítica implicaram em aprendizagens e entendimentos conceituais férteis que se estenderam à prática profissional.

A experiência do projeto, em sua abrangência, representou não apenas uma conquista, uma legitimação do ofício de aprimorar a escuta plena na arte de estar com o outro em contextos de sofrimento, e para o qual tenho me posto, dedicadamente, a serviço, mas, para além disso, imprimiu em mim a grata surpresa de uma prática renovada, comprometida com o conhecimento adquirido, o qual desejo estender para espaços de conversação e para o exercício de formador de terapeutas de família. A pesquisa articulou a criação de novas metáforas e imagens através das quais poderei estabelecer outras conexões, contrastes e distinções. Em tais circunstâncias, sinto-me à vontade em conceber a apropriação de um novo olhar, um novo saber, um novo lugar na atuação profissional.

Finalmente, constato que os traços do terapeuta do início dessa jornada não são os mesmos após a pesquisa. Venho, desde então, desenhando e redesenhando a mim mesmo, e novos traços haverão de continuar compondo este desenho.

6 REFERÊNCIAS

- Andresen, T. (1995). Reflecting processes, acts of informing and forming: you can borrow my eyes but you must not take them away from me! In S. Friedman (Ed.). *The reflecting team in action: Collaborative Practice in Family Therapy*. (pp. 11-37) New York: Guilford Press.
- Andresen, T. (1996). Language is not innocent. In F. W. Kaslow (Ed.) *Handbook of Relational diagnosis and dysfunctional family patterns*. New York: John Wiley.
- Andersen, T. (1998). Reflexões sobre a reflexão com as famílias. In McNamee, S. & Gergen, K. J. *Terapia como construção social* (pp. 69-85). (C. O. Dornelles, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andresen, T. (2002). *Processos reflexivos* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Instituto NOOS; ITF.
- Anderson, H. (2005). Myths about "not-knowing". *Family Process* 44(4), 497-509.
- Anderson, H. (2007). O cliente é o especialista: uma abordagem para terapia a partir de uma posição de não saber. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27, 66-81.
- Anderson, H. (2009). *Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia*. (M. G. Armando, Trad.). São Paulo: Roca. (Obra original publicada em 1970).
- Anderson, H. & Goolishian, H. A. (1988). Human systems as linguistic systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process* 27(4), 191-199.
- Anderson, H. & Goolishian, H. A. (1996). Narrativas e self: alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia. In D.F. Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 191-199). (J. H. Rodrigues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anderson, H. & Goolishian, H. A. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. In S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.). *A terapia como construção social* (pp. 34-50). (C. O. Dornelles, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1995).
- Arendt, H. (2009). *A condição humana*. (10ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família* (2ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Bachelard, G. (1992). *The poetics of space*. Boston: Beacon Press.
- Bakhtin, M. M. (2010). *Problemas com a poética de Dostoiévski* (5ª ed.). (P. Bezerra Tad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Bakhtin, M. M. (2011). *Estética da criação verbal*. (P. Bezerra Tad.). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Brasil, Ministério da Saúde. Resolução 196/96. *Diretrizes e normas de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, Conselho nacional de saúde, 1996.

- Camaratta, I. A. (2000). *A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Carey, M. & Russel, S. (2007). *Terapia Narrativa: respondendo às suas perguntas*. Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas. (Obra original publicada em 2004).
- Cesar, A. B. C. (2012). Dialogando. In H. M. Cruz. (Org.). *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 107-108). São Paulo: Roca.
- Cesar, A. B. C. (2012). Que linguagem é essa? O brincar em terapia familiar com crianças. In H. M. Cruz. (Org.). *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 71-89). São Paulo: Roca.
- Colombo, S. F. (2000). Em busca do sagrado. In H. M. Cruz. (Org.). *Papai, mamãe, você... e eu?: conversações terapêuticas em famílias com crianças*. (pp. 169-188). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Colombo, S. F. (2012). Como ouvimos nossas crianças? In H. M. Cruz. (Org.). *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 111-127). São Paulo: Roca.
- Cunliffe, A. L. (2000). *Social poetics: possibilities for critical and postmodern research*. IABD Las Vegas Meeting. Recuperado em: 20 de abril de 2010 de: <http://business.nmsu.edu/~dboje/wtwo/CunliffeIABD.html>.
- Cunliffe, A. L. (2002). Social poetics as management inquiry: a dialogical approach. *Journal of Management Inquiry*, 11, 128-146.
- Dickerson, C. & Zimmerman, J. (1998). A técnica da narração no campo da psiquiatria e o trabalho de Michael White. In M. Elkaïm (Org.). *Panorama das terapias familiares* (v. 2, pp. 252-274). (E. C. Heller, Trad.). São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1995).
- Diniz-Neto, O. (2005). *Conjugalidade: proposta de um modelo construcionista social para terapia de casal*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Diniz Neto, O. & Féres-Carneiro, T. (2005). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. *Estudos de Psicologia* (22)2, 133-141.
- Epston, D., Freeman, J. & Lobovits, D. (2001). *Terapia narrativa para niños: aproximación a los conflictos familiares a través del juego*. Buenos Aires: Paidós.
- Ferry, L. (2008). *Famílias, amo vocês: política e vida privada na época da globalização*. (J. Bastos, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Fuks, S. (2008). A relação de casal como organização social: desafios e oportunidades. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30, 21-43.
- Garfinkel, H. (1967) *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Gergen, K. J. (1997). *Realidades y relaciones: aproximaciones a la construcción social*. Barcelona: Paidós.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. (5ª reimpressão). São Paulo: UNESP

- Giddens, A. (2009). *A constituição da sociedade* (3ª ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Goolishian, H., Guattari, F. & Sluzki, C. (1996). Narrativa e self: alguns dilemas pós-modernos da psicoterapia. In D. F. Schnitman. (Org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 200-203). (J. H. Rodrigues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1994).
- Grandesso, M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Grandesso, M. (2012). Terapia de família centrada na criança: a criança como parceira conversacional. In H. M. Cruz. (Org.) *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 41-70). São Paulo: Roca.
- Guanaes, C. (2006). *A construção social da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social*. São Paulo: Vetor, 2006.
- Guanaes, C. (2009). Reflexões teóricas: Carla Guanaes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 34, 40-44.
- Guanaes, C. & Japur, M. (2008). Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo. *Estudos de Psicologia*, 13, 117-124.
- Gurman, A. S. & Fraenkel, P. (2002). The history of couple therapy: a millennial review. *Family Process*, 41(2), 199-263.
- Hintz, H. C. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3, 8-19.
- Kjellberg, E. (2002). Pintura de paisagens como uma forma de expressar-se e comunicar-se em situações críticas – a uma forma de criar espaço para o diálogo nas crises familiares. *Pensando Famílias*, 4(4), 104-126.
- Koellreutter, H. J. (1990, agosto). Educação musical no terceiro mundo: função, problemas e possibilidades. In C. Kater (Ed.). *Cadernos de Estudo: educação musical*, 1, 1-8. São Paulo/Belo Horizonte: Atravez/EM-UFMG.
- Kunrath, L. H. (2006). Recasamento: novas oportunidade para o espaço conjugal? *Pensando Famílias*, 10, 101-112.
- Malchiodi, C. A. (2001) Using drawing as intervention with traumatized children. *Trauma and loss: research and interventions*, 1(1). Recuperado em 23 de julho de 2013 em <http://www.tlcinst.org/drawingintervention.html>.
- Morgan, A. (2007). *O que é terapia narrativa: uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1988). *Terapia familiar: conceitos e métodos* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Ostrower F. (1999). *Criatividade e processos de criação* (13ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2007). *Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e a terapia de grupo*. São Paulo: Vetor.

- Rasera, E. F. & Guanaes, C. (2010). Momentos marcantes na construção da mudança em terapia familiar. *Psicologia, teoria e Pesquisa*, 26, 315-322.
- Riley, S. (2001). Art therapy with adolescents. *Western Journal of Medicine*, 175 (1), 54-57.
- Rilke, R. M. (1964). *Cartas a um jovem poeta* (1ª ed., 4ª imp.). Porto Alegre: Ed. Globo.
- Rober, P. (2002). Some hypotheses about hesitations and their nonverbal expression. *Journal of Family Therapy*, 24, 187-204.
- Rober, P. (2009, March). Relational drawings in couple therapy. *Family Process*, 48 (1), 117-133.
- Rober, P., Lerner, G. & Paré, D. (2004). The client's nonverbal utterances, creative understanding & the therapist's inner conversation. In T. Strong & D. Paré (Eds.). *Furthering talk: advances in the discursive therapies*. (pp. 109-123) USA: Springer.
- Saraceno, C. (1998). *Sociologia da família* Lisboa: Editorial Estampa.
- Schnitman, D. F. (2000). Terapia como prática social generativa: perspectivas e habilidades. In H. M. Cruz. (Org.). *Papai, mamãe, você... e eu?: conversações terapêuticas em famílias com crianças*. (pp. 291-313). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Shotter, J. (1996). Living in a Wittgensteinian world: beyond theory to a poetics of practices. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 26 (3), 293-311
- Shotter, J. (1998). Social constructionism and social poetics: Oliver Sacks and the case of Dr. P. In Bayer, B. M. &, Shotter, J. (Eds.) *Reconstructing the psychological subject: bodies, practices and technologies*, (pp. 33-51). London: Sage.
- Shotter, J. (2008). *Conversational realities revisited: life, language, body and world* (2ª ed.). Changrin Falls: Taos Institute Publications. (First published by Sage Publications, London, 1993).
- Shotter, J. (2010). *Social construction on the edge: 'withness'-thinking and embodiment*. Changrin Falls: Taos Institute Publications.
- Shotter, J. (2012). Dialogando. In H. M. Cruz. (Org.). *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 104-107). São Paulo: Roca.
- Shotter, J. & Katz, A. M. (1996). Articulating a practice from within the practice itself: establishing formative dialogues by the use of a "social poetics". *Concepts and Transformation*, 1, 213-237.
- Shotter, J. & Katz, A. M. (1998). "Living moments" in dialogical exchanges. *Human Systems*, 9, 81-93.
- Shotter, J. & Katz, A. M. (1999). Social poetics as a relational practice: creating resourceful communities. *Workshop: Construction of health and illness, at Social Construction and Relational Practices Conference*, University of New Hampshire, September/16-19.
- Souza, O. R. (2005). *Longevidade com criatividade: arteterapia com idosos*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias.

- Stacey, J. (1990). *Brave New Families: stories of domestic upheaval in late twentieth century America*. New York: Basic Books.
- Tomm, K. (1994). Externalización del problema e internalización de la posición como agente. In: M. Withe. *Guías para una terapia familiar sistêmica*. Barcelona: Gedisa. (pp. 9-17). (Obra original publicada em 1989).
- Urrutigaray, M. C. (2003). *Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Wak.
- White, M. (1994). *Guías para uma terapia familiar sistêmica*. (A. Bixio Trad.) Barcelona: Gedisa.
- Wilson, J. (2012). A arte de brincar? Características de orientação para o profissional que trabalha com crianças e família. In H. M. Cruz. (Org.) *Me aprende? – Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 91-109). São Paulo: Roca.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Anexo 1

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vocês estão sendo convidados para participar da pesquisa “**O Uso de Recursos Expressivos Criativos em Terapia de Casal**”, sob a responsabilidade do pesquisador André Luiz De Biagi Borges (mestrando) e Emerson Fernando Rasera (orientador).

Nesta pesquisa nosso **objetivo** é compreender como se dão os processos relacionais de co-construção de sentidos no contexto de Terapia de Casal.

A aceitação em participarem da pesquisa significa concordar com as fotografias dos desenhos, sem imagem do casal e com a vídeo-gravação das sessões, as quais serão realizadas nas dependências da Clínica Social do DomusPóiesis – Instituto de Terapia Familiar do Triângulo, em Uberlândia-MG, programadas em aproximadamente 10 sessões, com 90 minutos de duração cada uma.. O material gravado será desfeito mediante a transcrição. As informações serão utilizadas somente para fins dessa pesquisa, cujos resultados serão divulgados de forma a não os identificar.

Essa pesquisa será desenvolvida dentro de todas as condições técnicas e éticas, portanto não oferece risco à saúde dos cônjuges, e vocês poderão se beneficiar dela conforme o envolvimento com o estudo, pois se trata de uma proposta terapêutica, em que se privilegia uma conversa aberta, cuidadosa e respeitosa, com ênfase na reflexão.

Vocês são livres para deixarem de participar do estudo, a qualquer momento, se desejarem, sem que isso lhes cause qualquer prejuízo. Vocês também não terão nenhum gasto ou ganho financeiro pela participação na pesquisa.

Uma cópia deste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** ficará com vocês. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa vocês poderão entrar em contato com os pesquisadores no Instituto de Psicologia da UFU – Av. Pará, 1720, bloco 2C, Fone: 3218-2235, bem como com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFU (CEP/UFU) – Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: 34-3239-4131.

Uberlândia, ____ de _____ de 2011.

Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera
(Pesquisador responsável
e orientador)

André Luiz De Biagi Borges
(Pesquisador - mestrando e
terapeuta de família)

Aceitamos participar do projeto acima citado, voluntariamente, após termos sido devidamente esclarecidos.

Participante da pesquisa

Participante da pesquisa

Anexo 2

Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP
Av. João Naves de Ávila, nº 2121 - Bloco A - sala 224 - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG -
CEP 38408-144 - FONE/FAX (34) 3239-4131

ANÁLISE FINAL Nº. 715/11 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU
255/11

Projeto Pesquisa: "O uso de recursos expressivos criativos em terapia de casal".

Pesquisador Responsável: André Luiz de Biagi Borges

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.

b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.

c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data de Entrega de Relatório Parcial: **julho de 2012**

Data de Entrega de Relatório Final: **março de 2013.**

SITUAÇÃO: PROTOCOLO APROVADO

OBS.: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Uberlândia, 04 de novembro de 2011.

Prof. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU

Apêndice A**FICHA DE ATENDIMENTO****1- IDENTIFICAÇÃO**

Código - Cônjuge 1:

Data de Nascimento:/...../..... Idade: Sexo:

Escolaridade: Naturalidade:

Código - Cônjuge 2:

Data de Nascimento:/...../..... Idade: Sexo:

Escolaridade: Naturalidade:

Estado civil: Filhos: F: M:

2- ENDEREÇO

Residencial: nº Compl.:

Bairro: Tels.: (.....) (.....)

Cidade: UF: CEP:

Comercial: nº Compl.:

Atividade profissional:

Local de trabalho: Tel.: (....).....

Comercial: nº Compl.:

Atividade profissional:

Local de trabalho: Tel.: (....).....

3- ENCAMINHAMENTO

Procura espontânea? Sim: Não:

Encaminhado por:

4- TRIAGEM

4.1- Queixa principal:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

4.2- Intervenção:

[illegible]

.....//.....//.....

Data

.....

Assinatura